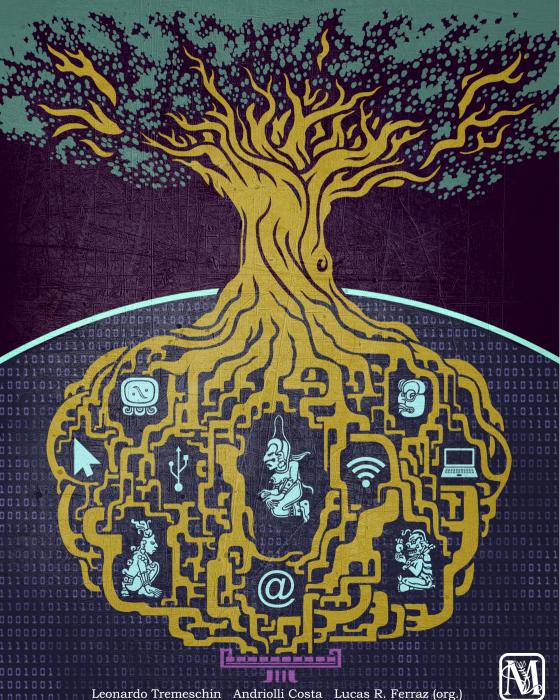
## MITOS MODERNOS



## Antologia Mitografias vol. 1

# MITOS Modernos

Organização:

Leonardo Tremeschin Andriolli Costa Lucas Rafael Ferraz



#### Copyright © Mitografias, 2017

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Edição: Andriolli Costa, Lucas Rafael Ferraz e Rodrigo Rahmati

Organização: Andriolli Costa, Leonardo Tremeschin e Lucas Rafael Ferraz

Revisão: Rodrigo Rahmati

Diagramação: Rodrigo Rahmati e Lucas Rafael Ferraz

Ilustração da capa: Mikael Quites

Autores: Alessandra Barcelar; Ana Lúcia Merege; Andriolli Costa; Bruno Leandro; Cassiano Rodka; Isa Prospero; Jana P. Bianchi; Leonardo Tremeschin; Lucas Rafael Ferraz; Michel Peres; Paulo Teixeira; Rodrigo Rahmati; Romeu Martins; Saulo Moraes.

Este livro é uma obra de ficção. Todos os locais, empresas e pessoas, vivas, mortas ou mitológicas, são produtos da imaginação dos escritores. Qualquer semelhança com esta realidade é mera coincidência.

## **AGRADECIMENTOS**

É com grande entusiasmo que a equipe do MITOGRAFIAS traz para você essa antologia, composta por contos de 14 autores que conseguiram capturar e valorizar a presença dos mitos na modernidade.

Agradecemos:

A todos os autores que enviaram seus contos para esse mítico projeto;

Aos padrinhos e madrinhas que apoiam financeiramente o site MITOGRAFIAS, tornando todo projeto do site possível;

A toda equipe do MITOGRAFIAS, que vem guiando esse site e seus podcasts por mais de 8 anos;

Ao ilustrador Mikael Quites, pela criação da capa da antologia;

Ao Andriolli Costa e ao Lucas Rafael Ferraz, que ajudaram na organização da antologia;

Ao Rodrigo Rahmati, pelo seu auxílio na edição e revisão dos contos;

E principalmente a você, leitor, que nos ajuda e incentiva sempre ao acessar o site, ouvir os podcasts, divulgar nossas matérias e enviar seu feedback.

## APRESENTAÇÃO DO MITOGRAFIAS

www.mitografias.com.br

Criado em 2009, o MITOGRAFIAS é um site que, ao longo desses anos, vem apresentando mitologias do mundo todo. Desde textos introdutórios até artigos acadêmicos. Abrangendo os mitos, crenças e religiões de toda e qualquer cultura atual e antiga. Psicologia, história, antropologia e diversas outras áreas humanas são também o foco do site. Não se prendendo apenas a textos, o MITOGRAFIAS possui diversos podcasts — o PAPO LENDÁRIO, com conversas sobre mitos, lendas e religiões; o HORRORES URBANOS, uma narrativa reflexiva sobre os horrores que assombram a humanidade; e o PAPO CÉTICO, que desdobra os detalhes do pensamento científico e cético.

Essa antologia foi realizada graças ao apoio dos nossos Padrinhos e Madrinhas. Convidamos você a também contribuir com o MITOGRAFIAS e, assim, viabilizar novos projetos como esse. O Padrim é um sistema de financiamento coletivo, no qual a partir de R\$ 1,00 você ajuda o MITOGRAFIAS a crescer. Para isso, basta clicar em <a href="https://www.padrim.com.br/mitografias">www.padrim.com.br/mitografias</a> e selecionar o valor com o qual pode colaborar

## APRESENTAÇÃO DA EQUIPE

#### LEONARDO TREMESCHIN

Criador e diretor do MITOGRAFIAS, idealizador, host e editor do podcast PAPO LENDÁRIO. Formado em Audiovisual e Análise de Sistemas. Leonardo é entusiasta e pesquisador de mitos há mais de 15 anos. É atraído pelo aspecto antropológico e histórico das mitologias e religiões, e como tais podem ser comparadas tanto entre si quanto com obras de entretenimento.

#### Andriolli Costa

Jornalista, pesquisador e saciólogo sul-matogrossense em terras gaúchas. É editor do blog O Colecionador de Sacis (colecionadordesacis.com.br), onde leva mitos e lendas para a pauta jornalística, que encampa também a Mostra Curta Saci, evento que reúne cinema, folclore e contação de histórias. É também fotógrafo e idealizador do projeto Folclore Nu (facebook.com/folclorenu), onde o nu artístico é ferramenta estética para representar a mitologia nacional por uma perspectiva única. Foi ainda host do podcast Popularium, produzido em parceira com o Mundo Freak, onde trazia os mitos para o contexto do cotidiano. Atualmente cursa doutorado com foco nos estudos do Imaginário.

#### LUCAS RAFAEL FERRAZ

Engenheiro de computação, escritor e podcaster. Participa dos podcasts Perdidos na Estante e SobrEscrever no site Leitor Cabuloso, onde também atua como co-editor de contos. Fascinado por mitologia desde a adolescência, teve um site chamado Templo do Conhecimento, cujo conteúdo hoje integra o MITOGRAFIAS, onde participa do podcast PAPO LENDÁRIO. É revisor na Revista Trasgo desde a edição número 6, e produz o podcast Comentários da Masmorra, onde comenta contos da re-

vista junto a convidados. Teve contos publicados nas antologias Sentimentos à flor da pele e Retrônicos.

#### RODRIGO RAHMATI

Formado em Gestão Ambiental e servidor público praticamente desde sempre. Além de escritor, é podcaster, fotógrafo, desenhista, dançarino de folclore árabe, karateka e derbakista. Tem vários contos publicados — quase todos com elementos de fantasia, ficção científica e terror, em maior ou menor grau — e dois romances: O arquivo dos sonhos perdidos, de 2016, e Nefelibata ou O fotógrafo, de 2017. Além disso, é co-editor e revisor dos contos do site Leitor Cabuloso, co-host do podcast SobrEscrever e host do podcast Rock Pelo Mundo.

#### MIKAEL QUITES

Concept artist e ilustrador natural de Porto Alegre que atua há mais de 7 anos. Trabalhou nos mercados publicitário, editorial e de games, já foi gerente em um estúdio de ilustração e procura unir 3D com 2D em muitas de suas artes. Apaixonado por cultura e folclore brasileiro, atua hoje como freelancer. Para conhecer mais o trabalho dele, acessem www.mikaelquites.com.

## ÍNDICE

Agradecimentos 04	٢
Apresentação do Mitografias	,
Apresentação da Equipe06	,
Introdução	)
Calada • Isa Prospero	
Mãe de fogo • Bruno Leandro	
Coração dedo–duro • Romeu Martins	
Sinfonia da saudade • Jana P. Bianchi	)
Sem cabeça • Andriolli Costa	)
Ponte para o acreditar • Paulo Teixeira	
E tudo vai ficar pior • Rodrigo Rahmati 102	4
No olho do furação • Cassiano Rodka 127	7
Esculturas perfeitas • Leonardo Tremeschin	Ĺ
O voo das deusas–pássaro • Ana Lúcia Merege	9
A proclamadora • Alessandra Barcelar149	9
Gerente de sinistros • Lucas Rafael Ferraz	7
Como vencer o Minotauro • Saulo Moraes 175	5
Intermitências • Michel Peres	5

## Introdução

LEONARDO TREMESCHIN

"Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmo."

Joseph Campbell em O Poder do Mito

Os mitos tratam de questões profundas e humanas, sempre em forma de narrativas, com figuras de linguagem, metáforas e aproximações. Joseph Campbell, um dos mais famosos autores no campo das religiões e mitologias comparadas, reflete que um mito não é nem fato nem mentira, mas algo além disso, carregando sempre uma mensagem. Ainda que alguns estudiosos descrevam o mito como uma explicação, um mito não simplesmente explica, mas conta. Assim, o mito se aproxima muito mais da literatura do que da própria ciência.

Para Junito Brandão, historiador brasileiro e autor dos três volumes de *Mitologia Grega*, uma das obras nacionais mais referenciadas sobre o assunto, os mitos são como pais que ensinam aos filhos como é a vida, mas em um sentido mais amplo, delineando padrões para a caminhada existencial através da dimensão imaginária. Dessa forma, abrem para a consciência o acesso direto ao inconsciente coletivo, utilizando da imagem e da fantasia.

Ao se falar em mitos e lendas, para muitos a primeira imagem evocada é a dos gregos antigos. A cultura helênica possuía em seu pan-

teão uma releitura dos sentimentos, das qualidades e dos defeitos humanos, utilizando das narrativas de seus deuses e heróis como metáfora de padrões e valores. O mito de Teseu, por exemplo, é mais do que um conto sobre um herói que derrota o Minotauro. A Medusa, o maior obstáculo de Perseu, não é uma mera criatura aterrorizante. O simbolismo de cada uma dessas histórias intriga e inquieta até hoje, gerando várias interpretações.

Aquele que se interessa um pouco mais logo descobre o mesmo encantamento entre as sagas nórdicas das gélidas terras do norte da Europa, com seus deuses guerreiros e gigantes antagonistas. Ou mais ao sul: no topo da África, temos a magnífica civilização egípcia, com divindades que transitam entre o mundo dos vivos e dos mortos. Todas as civilizações do mundo cresceram junto aos seus mitos.

É comum escutar que os mitos são estruturas de pensamento presas ao passado, pertinentes apenas para povos que viviam na ignorância como tentativa de explicar os fenômenos da natureza. Mas que ignorância é essa? Um povo que reconhece deuses da chuva conhecem perfeitamente os ciclos das águas, os movimentos do rio, os períodos certos para colheita e para plantio. Mitos, já dissemos, não são meras explicações; ao narrar um evento, o mito ressalta seu valor para a comunidade, ajuda a entrar em contato com o mundo, harmonizando a vida com a realidade. A mesma experiência mítica que tocava os povos antigos pode lhe tocar também, leitor. A narrativa ecoa seus símbolos, colocando—nos em contato com a experiência de estar vivo. O mito não é algo do passado, mas algo que esteve no passado e nos acompanha, enquanto gênero humano, até os dias de hoje.

A ideia de mito pode se alterar com o tempo e cultura, mas nunca se separou da humanidade. Engana—se aquele que pensa que uma sociedade com smartphones, internet, sondas espaciais e tantas outras maravilhas do mundo moderno não possui seus mitos. Muito pelo contrário; somos cercados de mitos modernos. A princípio, determinado mito se localiza dentro de uma sociedade específica. Ixtab, por exemplo, deusa dos enforcados, era uma divindade cultuada pelos mai-

as, tendo significados que fazem sentidos para eles, dando valores a seus costumes e preceitos. Porém, em um segundo momento, tal mito pode ir além de sua cultura de origem, seja por causa do contato com civilizações recém—chegadas ao local, ou mesmo por uma análise de estudiosos de tempos à frente. Isso torna, tanto um mito quanto seus personagens, uma marca do povo que viveu naquela época e local, assim como também pode se expandir na cultura popular, se modificando e adaptando, como ocorreu com as sereias, criaturas cuja forma e função originais da mitologia grega diferem da imagem popular que temos hoje.

Modernidade é um termo contextual. Alguns podem compreender os mitos modernos como aqueles que se encontram pós-Idade Média até a Revolução Francesa. Tal definição, no entanto, não se encaixa aqui. Os mitos ao nosso redor são modernos por se "contraporem" às mitologias antigas, as de monstros, deuses e heróis de outras eras. Na verdade, "contrapor" não é a palavra ideal, pois um mito de hoje nada mais é do que uma extensão, para não dizer uma renovação, dos de ontem. Obviamente os mitos não serão os mesmos, pelo menos em sua aparência, mas muito da essência ainda se encontra. A visão do ser humano sobre o mundo mudou com o passar do tempo, mas continua sendo humana. "Você tem o mesmo corpo, com os mesmos órgãos e energias, que o homem de Cro-Magnon tinha, trinta mil anos atrás. Viver uma vida humana na cidade de Nova Iorque ou nas cavernas é passar pelos mesmos estágios da infância à maturidade sexual"... "Você tem o mesmo corpo, as mesmas experiências corporais, e com isso reage às mesmas imagens", diz Campbell em O Poder do Mito.

Da mesma forma que mito é algo amplo, o mito moderno, como seu desdobramento, também o é. Seja uma história contada por moradores de uma vila interiorana, lendas urbanas disseminadas pela internet para os curiosos, teorias conspiracionais que alguns juram ser verdade, histórias para simplificar teses e conceitos científicos complexos... O Big Bang é o ovo cósmico das mitologias ancestrais; o bóson de Higgs é *a partícula de Deus*. Há ainda obras literárias sobre mundos

fantásticos mas que carregam nossos ideais atuais, ou até mesmo a releitura e análise de mitos e personagens clássicos. Tudo são narrativas, mitos que trazem nossos valores modernos. E, mesmo com os imperativos da razão, o ser humano nunca abandonou suas emoções, seus sonhos e desejos. Precisamos dos mitos para olhar para nós mesmos. Para não sermos meras cascas de vida, mas que possamos experienciar a existência.

Essa antologia nasceu da paixão de seus idealizadores pelos mitos, e da curiosidade de ver outras interpretações sobre o tema. Nossa proposta foi a de reunir contos que trabalhassem com mitos em nossa época, ou mesmo no futuro, tendo a criatividade como único limitante de sua obra. E assim mitos foram criados, outros tantos revividos. Antigos heróis foram revisitados, divindades ancestrais cobraram seu tributo. E os mitos modernos, por fim, tomaram forma.

Durante um semestre inteiro recebemos e analisamos mais de 80 contos. Não foi uma tarefa fácil, mas, sem dúvida, foi muito gratificante. A cada conto que chegava víamos a grandiosidade que o projeto alcançava, fosse pelo empenho e qualidade dos autores, fosse pela expectativa de quem nos acompanhava a cada nota que soltávamos. O critério para seleção foi mais do que o simples domínio da pena; a criatividade e a ousadia — além do respeito ao logos mítico — pesaram em nosso crivo. Para formar um panorama de abordagens e gêneros, buscamos a pluralidade narrativa, de modo que a singularidade de cada conto formasse, no final, uma obra harmoniosa que encontrasse no simbólico e no humano os nexos de sua coerência.

Com essa obra, através de 14 contos, trazemos para você uma forma de entender o mito moderno, sendo ainda apenas uma fração de todo seu significado, mas o suficiente para saber que mito não é passado, mito não é verdade e muito menos mentira. Mito é narrativa, esta que acompanha a humanidade desde seus primórdios.

Divirta-se!

## CALADA

ISA PROSPERO

O CORPO ERA SÓ pele e ossos. Literalmente.

— Me pareceu da sua alçada — disse o inspetor Battista, mordiscando um cigarro e alisando o bigode. Um hábito nervoso. Então sussurrou: — *Madonna mia*.

A detetive Carmina Sordi foi obrigada a concordar. A pilha à sua frente parecia uma carcaça de animal que secara ao sol da savana, exceto que o crânio, as costelas e o resto dos ossos formavam a figura de um ser humano. A pele caía sobre o conjunto como uma mortalha, ainda com as roupas — que haviam sido rasgadas pelo que pareciam ser garras. A visão era, de fato, perturbadora. Carmina encarou a cena por um longo momento.

Não era o que ela estava procurando. Nunca era. Mas sem dúvida era da sua alçada.

— Temos uma identificação?

Battista ergueu uma carteira velha.

- Cosimo Spada, 32 anos, trabalhava num café a duas quadras daqui. Ele gesticulou para o mundo além do beco, uma região de comércio próximo a um parque. Os colegas do trabalho falaram que saiu às seis. Deveria voltar para casa em Appio Claudio ontem à noite, mas... Ele deixou a frase em aberto.
- Há testemunhas? ela perguntou enquanto os dois saíam do beco, deixando a equipe de Battista entrar e envolver o corpo em lona preta. Uma van branca sem identificação estava estacionada do lado de fora, guardas de preto mantendo um olho nos passantes. Um policial espantou um garoto que tentou tirar uma foto com o celular sobre a faixa de contenção.
- Ainda não, estava esperando você. O inspetor hesitou e abaixou a voz. Sabe o que fez isso, garota?

Ele a chamava assim meio por provocação, meio por afeto, embora só fosse cinco anos mais velho que ela — e embora a própria Carmina não fosse uma garota havia um bom tempo. Battista não era dos piores, para um homem de meia—idade obrigado a se submeter à autoridade de uma mulher. A bem da verdade, desde que assumira o posto sete anos antes, ele tinha passado a confiar — até depender — de Carmina, contando com ela para assumir tudo que fosse, como costumava dizer, da "alçada" dela. O que englobava muito do que era sangrento, inexplicável ou sobrenatural.

Ela pensou no cadáver no beco e balançou a cabeça.

- Não faço ideia disse, e começou a andar.
- Aonde vamos? perguntou o inspetor.
- Falar com alguém que pode ter visto nosso amigo Cosimo.

A praça se enchia com os movimentos da manhã. A área ficava em Tuscolano, fora do centro histórico, e a maioria das pessoas ali era romana, incluindo a reunião usual de figuras que se amontoava em tais lugares. Ela deixou algumas moedas para um homem ajoelhado que pedia esmolas com as mãos estendidas, uma placa à sua frente explicando sua situação (surdo, desempregado). Um senhor mais velho dormia num banco e xingou Carmina num forte dialeto sulista quando ela o acordou para perguntar do morto. Na entrada da estação de metrô, uma jovem tocava violão e cantava por trocados que os passantes jogavam no estojo do instrumento, e, perto dela, um rapaz vendia balas, uma plaquinha na cesta que segurava explicando que estava juntando dinheiro para se casar.

Carmina mostrou a identidade do morto, e o rapaz assentiu.

- Passou aqui ontem à noite, sim. Comprou uma bala.
- Reparou em qualquer detalhe especial ou viu para onde ele foi depois?

O garoto franziu a testa.

— Acho que desceu pro metrô.

Não fazia sentido. Tinha saído de novo só pra ser morto ali fora?

— Obrigada — disse ela. — Boa sorte com o casamento.

Ele abriu um sorriso.

- Foi o que ele disse também. Mas falou que eu era jovem demais.
  - Quanto anos tem?
  - Vinte e três.

Um aperto no coração, súbito e irrefreável.

— Eu também tinha, quando casei — disse ela.

O rapaz ergueu as sobrancelhas.

— E deu certo?

Ela hesitou, então deu um aceno curto.

- Sim.

A detetive falou com alguns lojistas, então se dirigiu para onde Battista conversava com um de seus homens. Àquela altura a van já tinha se afastado na rua, levando consigo todos os sinais de que algo acontecera. Onde estivera estacionada, uma mulher com aparência agitada argumentava com um dos homens de Battista, gesticulando amplamente. Devia ser quem tinha encontrado o cadáver. Carmina não sabia bem o que Battista dizia às testemunhas, mas, na sua experiência, a maioria das pessoas se dispunha facilmente a esquecer que vira qualquer coisa fora do comum em troca de dormir à noite.

Um luxo que ela não tinha há tempos.

— Bem? — perguntou o inspetor.

Ela sacudiu a cabeça.

— Preciso dos meus arquivos.

\*

O escritório da detetive Sordi — que não era oficialmente uma detetive, nem existia oficialmente na folha de pagamento federal — ficava no porão da base da Polícia Municipal de Roma. Da sua salinha subterrânea, ela não conseguia ver o Circo Massimo logo ao lado, tendo um vislumbre das ruínas só quando emergia para as salas superio-

res para um cafezinho, onde todos faziam o máximo para fingir que ela não existia.

Não era um arranjo inédito. Pessoas como ela trabalhavam ao lado da polícia por todo o continente, sua existência mascarada por toneladas de burocracia. E nesse país, pensava ela, ninguém nem pisca quando somem recursos.

De todo modo, não a pagavam tão bem a ponto de causar suspeitas.

Mas o escritório era o seu domínio, e ela se sentia em casa ali. Um grande mapa da Europa na parede, pontilhado de alfinetes, apontava os locais de todos os incidentes e ataques que não iriam parar nos arquivos oficiais dos departamentos de polícia europeus — pelo menos, aqueles de que ela tinha conhecimento. (O mapa da Rússia estava quase em branco. Tentar tirar informações dos russos era uma atividade particularmente frustrante.) Uma escrivaninha pequena tinha uma cadeira atrás e outra na frente. E, sobre a mesa, um telefone, um portaretratos voltado para a cadeira de trás e um cinzeiro voltado para a da frente. Ela tinha desistido de pedir a Battista que não fumasse.

Carmina se jogou em sua cadeira e abriu o laptop. Primeiro, mandou uma série de e-mails; em seguida, ergueu os olhos para o resto da sala.

E para os seus arquivos. As gavetas iam do chão ao teto baixo, guardando uma infinidade de registros anteriores à sua época. Décadas de investigações secretas e relatos semi-oficiais que, quando ela chegara ali, estavam criando mofo e se desintegrando por umidade em uma sala ainda mais baixa e escura que o seu atual escritório. Ela queria digitalizá-los havia uma década, mas não deixavam. "Computadores podem ser hackeados", dissera o inspetor da época, "e se uma linha disso vazar pro público, é *você* quem vai rodar, minha cara." Battista compartilhava do sentimento.

Ela se reclinou na cadeira e suspirou, os olhos pousando no porta–retratos. Dentro da moldura, seu marido lhe dava um sorriso gentil e, por um instante, ela se perdeu na imagem. Então balançou a cabeça.

De volta à papelada.

Após um tempo indeterminado, a chegada de Battista foi anunciada por uma batida à porta, assim como por uma nuvem de fumaça.

- Dio mio ele disse à guisa de cumprimento, ao vê-la sentada no chão, rodeada de pastas.
- Tome. Ele estendeu um sanduíche gorduroso e deixou o corpo robusto cair na cadeira vaga.
- Obrigada. Ela mordeu o lanche e percebeu que estava faminta, o que não a surpreendia, se o relógio do celular estava certo. Então viu a pasta nas mãos dele. A necrópsia?
  - Só mais tarde, você sabe. Isso é um caso bem mais mundano.
  - Quer trocar?

Ele bufou.

- Sem chance. Conseguiu alguma coisa?
- Berlim, Barcelona e Paris responderam ela disse. Houve algumas mortes parecidas nas últimas décadas, mas ninguém chegou a nenhuma conclusão. Estou esperando a resposta dos outros, mas comecei a montar um mapa dos ataques. Pode ver.

Battista virou o computador para si e observou a tela por um momento.

- Há algum padrão nisso?
- Se há, não consegui identificar. As vítimas têm idade e sexo diferentes, as mortes ocorreram em períodos diversos. Algumas aconteceram com intervalo de anos; outras, de dias. Geralmente nas capitais, mas sempre cidades grandes. Mas claro que deve haver muita coisa não registrada. A política da maior parte das autoridades para eventos sobrenaturais era, até pouco tempo atrás, esconder e negar. O fato de sequer existir uma trilha de papel já era milagroso. Mas achei algo interessante nos nossos arquivos acrescentou, erguendo sua descoberta.
  - Uma pasta embolorada?

Ela ignorou a provocação.

- Nos anos setenta, um tal de detetive Falco encontrou um cor-

po em condições parecidas com o nosso. *Isto* — ela bateu um dedo na pasta — são os registros da investigação dele. Devem ter sido jogados aqui quando fizeram a limpeza lá em cima. Pelo visto, Falco também tentou encontrar casos parecidos... mas não sei se conseguiu, porque boa parte dos papéis está destruída.

- É claro disse Battista. O bolor sempre come as melhores pistas primeiro.
- Mas sobraram algumas coisas. Falco também juntou várias informações sobre Capri.
  - Capri? Houve ataques lá?
- Não tenho certeza ela admitiu. Na verdade, são alguns recortes de jornal aparentemente sem relação com o caso.
  - Podem ter ido parar na pasta por engano.
- Talvez ela disse, mas não estava convencida. Estendeu um dos recortes para ele. Parece que houve "problemas" na ilha na década de cinquenta, quando os resorts de turismo começaram a se estabelecer por lá. Há relatos de investidores querendo cancelar as operações, e uma das construções foi interrompida por um tempo.
  - Que tipo de problemas? Corpos sem recheio?
- Nenhuma das notícias diz, claro. Só falam em "incidentes". Mas então há *isto*.

Ela passou outra notícia a ele.

- Uma explosão?
- Uma ponta inteira da ilha sumiu num incidente não explicado em 58. Na época, houve até alguma tensão por causa da Guerra Fria, até que um construtor assumiu a responsabilidade e disse que foi um acidente de demolição.

Depois de pensar um pouco, Battista se inclinou para o laptop de novo e digitou alguma coisa.

- Hm. Segundo a ficha dele, Falco era de lá. De Capri, digo.
- Então os tais "problemas" teriam acontecido quando ele era criança...
   Ela assentiu devagar.
   É possível que ele tenha visto o

corpo e se lembrado de algo. Talvez tenha testemunhado um ataque similar?

- E começado a investigar a história da ilha. O inspetor bateu o cigarro no cinzeiro. O que aconteceu depois do incidente?
- Nada. Pelo menos nada que Falco tenha encontrado. Procurei notícias dos anos seguintes, mas todas são sobre o boom do turismo. Nada suspeito. Ela olhou para Battista. A ficha dele tem mais alguma informação? Que fim ele deu?
- Morreu em... 78. Aqui não diz como. Eles se entreolharam. Carmina ergueu uma sobrancelha e Battista soltou o ar, junto com uma baforada de fumaça que pareceu preencher a salinha. Nem tudo é uma conspiração. Coincidências existem.
  - Você ficaria surpreso. Além disso...
  - Sim?
- Falco escreveu algo. Pelo menos suponho que foi ele. Ela pegou uma das folhas esfareladas da pasta, uma página com a descrição do cadáver batida à máquina. No canto, havia um rabisco de caneta numa caligrafia apressada. "Impossível de encontrar antes que seja tarde demais."

Battista ruminou as palavras por alguns segundos.

- Não sei o que significa, mas não parece bom. Então: O que acha que é?
  - Sinceramente? Não arrisco nem um palpite.
- Não pode ser um... Battista pigarreou, alisando o bigode.
   Demônio?

Ela conteve um sorriso. Ver o inspetor se contorcer era um dos prazeres simples da sua vida.

- Dificilmente ela respondeu.
- Aquele caso ano passado ele disse, e não precisava de mais esclarecimentos. Não pode ter sido algo assim?
- Uma pessoa possuída  $\acute{e}$  capaz de fazer barbaridades ela concedeu —, mas só o que  $\acute{e}$  fisicamente humano. Como alguém faria aquilo?

Ele fez uma careta, como que surpreendido pela lembrança do corpo esvaziado e ressecado.

— Não sei. Os egípcios não faziam algo parecido? Tiravam o cérebro dos mortos pelo nariz? Pode ser algu... ei, acho que outro dos seus contatos respondeu.

Ela se ergueu e se inclinou para ler o e-mail sobre o ombro dele. Era Londres, com mais dois locais, embora um deles fosse apenas um rumor.

Ela puxou o mapa outra vez e inseriu os endereços.

— Hm — resmungou Battista depois de um minuto, dando zoom no mapa. — Veja só. *Existe* algo em comum.

Ela estreitou os olhos. Ainda parecia uma coleção aleatória de lugares.

- O quê?
- Todos os corpos foram encontrados a menos de 400 metros de estações de metrô ele disse, apontando.
- São cidades grandes ela observou, se endireitando. Isso não é tão difícil.
  - Ah, quando eu acho alguma coisa é só uma coincidência?

Ele soltou outra baforada na cara dela, e Carmina limpou o ar com um gesto ríspido.

— Muitas criaturas espreitam as cidades grandes. Há mais opções de vítima e é muito mais fácil de se esconder do que no campo.

Ele deu um resmungo ao redor do cigarro.

— Porca miseria, você sempre me anima a sair de casa.

Antes que ela pudesse responder, o telefone tocou. Battista atendeu. rosnando:

— Que foi? — Ele ouviu por alguns segundos, então seu rosto se tornou uma máscara impassível. Excessivamente impassível. — Sigam o procedimento. Estou a caminho. — Ele devolveu o telefone ao gancho com cuidado.

Um peso se assentou nela. Um arrepio premonitório.

— Temos outra vítima — adivinhou.

— Foi encontrado perto do parque — ele confirmou. — Alguma coisa está espreitando aquela região.

Battista se ergueu, apagando a bituca no cinzeiro. As rugas ao redor dos olhos estavam mais profundas agora, fazendo–o parecer cansado. Tão cansado quanto ela se sentia.

- Continue trabalhando nisso ele disse, apontando para a papelada que cobria o chão.
  - Eu quero ver o corpo.
- Parece ser igual ao outro. Quando ela só o encarou, ele deu de ombros. *Madonna*, tudo bem. Mas você conhece as regras: nada de abrir aquele saco até o lugar fechar.

\*

O sol já tinha se posto havia horas quando ela se dirigiu ao necrotério.

Duas outras capitais tinham respondido no meio–tempo. Não havia nenhum relato anterior aos anos 50, mas isso não a surpreendia. Antes de meados do século XX, os "registros" policiais às vezes se confundiam com lendas urbanas, quando não com contos de fada.

Ela tinha passado algumas horas vasculhando os arquivos, procurando *algo* a que atribuir o crime. O chute de Battista não era ruim — o primeiro palpite dela geralmente era um demônio —, mas a questão de *como* continuava. Aquilo parecia mais o trabalho de uma criatura. Licantropos deixavam pouco de suas vítimas, é verdade, mas faziam uma bagunça — sangue borrifado nas paredes e nacos de carne por todo canto. Nada como a cena que ela encontrara.

Carmina esfregou as têmporas. Isso era algo *novo*. Vez por outra aparecia alguma coisa inédita, ou ela ouvia falar de algum dos colegas deparando com uma monstruosidade nunca antes vista, e por um momento... a esperança a invadia, um fim à sua busca quase ao alcance. Mas toda vez, sem falta, ela voltava à estaca zero.

E, enquanto isso, os ataques não paravam. Era preciso trabalhar.

O necrotério estava fechado. Ela cumprimentou o guarda com um aceno e pegou o caminho até a sala de necrópsia. Duas macas de alumínio estavam ocupadas com sacos pretos, e a médica–legista, Agata, se ergueu de uma cadeira quando ela entrou.

- Battista disse que eu devia esperá–la disse, empurrando os óculos para cima do nariz. Em que vocês se meteram agora?
  - É o que estou tentando descobrir. O que você encontrou?
- Nada. E quando digo nada, quero dizer *nada*. Não há órgãos, músculos, tecidos, sangue. Nem os globos oculares. Só os ossos e a pele, como se algo tivesse sugado o interior dos dois pelo... nariz? Boca? Ela abriu o saco com Cosimo e apontou para o rosto do homem, ressecado ao ponto da deformação. Não dá pra dizer.

Carmina se virou para o segundo corpo.

— Esse é o que foi encontrado hoje? Posso ver?

A legista abriu o saco. Uma visão parecida surgiu, mas algo sobre o corpo incomodou Carmina. Era um rapaz jovem, pelo que podia ver das feições e das roupas. Battista tinha enviado uma mensagem um pouco antes falando que não tinham descoberto ainda sua identidade.

Agata assoviou.

— Então. Essa é nova.

Carmina a olhou de esguelha. A mulher era jovem, mais perto dos trinta do que dos quarenta. Bonita, também. Surpreendia os pretendentes sempre que revelava qual era seu emprego. Quando contara isso a Carmina, tinha parecido achar graça. Agora a encarava, curiosidade por trás do olhar inteligente.

Não pela primeira vez a detetive se pegou pensando que Agata pertencia mais ao trabalho de campo, e ela entre os cadáveres.

— Está incomodada?

A legista deu de ombros.

— Desde que você entrou aqui falando sobre vampiros dez anos atrás, nada mais me incomoda. — Ela deu um sorrisinho. — Não pode ser algo assim?

— Vampiros? Nunca vi um se interessar por algo além de sangue. E o corpo foi encontrado no fim da tarde, então...

Ela parou de falar, uma ideia fugidia cruzando a mente. Cosimo tinha sido visto pela última vez no final da tarde também. Os dois perto do metrô... Ela olhou de novo o segundo corpo, encarando as órbitas vazias e as feições distorcidas e forçando a memória.

- O que foi? perguntou a legista.
- Eu já o vi antes ela sussurrou.

Era o rapaz com quem falara naquela manhã. O que vendia balas na porta da estação.

\*

Ela pegou o metrô para casa, mas, assim que pisou na plataforma, sabia que não ia conseguir dormir. Sabia que, em vez disso, ia fazer algo imprudente. Então, antes que pensasse melhor, desceu na linha A e pegou a linha B em direção a Colli Albani.

Já era tarde; o trem estava quase vazio. Ela sentou num canto e fez os gestos quase ritualísticos de checar as armas escondidas sob o sobretudo. Uma pistola no coldre na cintura. Uma estaca de madeira no lugar de um porrete policial. Balas de prata na munição reserva, num pente no bolso esquerdo.

Era bom estar preparada.

A maior parte das coisas supostamente imortais podiam ser mortas sem grandes problemas. A maior dificuldade era chegar a elas antes que chegassem a você.

É claro, ela não sabia o que poderia encontrar. O certo seria voltar para casa, descansar, investigar por mais alguns dias e tentar criar uma teoria sólida. Mas ela não conseguia parar de pensar no rapaz das balas, com seus 23 anos e suas esperanças.

O trem chegou à plataforma com um guincho e um aviso no alto-falante informou aos poucos viajantes que era o último do dia. Vou ter que pegar o ônibus na volta. Ela saiu e ficou parada na plataforma

até as portas se fecharem e o trem partir de novo. *Se é que vou voltar.* Ficou parada por alguns momentos, contemplando a estupidez de suas ações e percebendo que não se importava. Quando deu por si, estava sozinha. Abaixou a mão à arma e soltou a trava de segurança enquanto ia até as escadas. Subiu os degraus devagar.

As paredes de azulejos azuis e marrons desbotados estavam iluminadas por luzes fracas, metade das quais já tinha sido desligada. Com a última partida dos trens e os passos dos outros usuários se afastando da estação, caiu o silêncio.

Não; não o silêncio.

Uma voz que já tinha ouvido antes soou à distância, e dessa vez ela não demorou para reconhecer: era a cantora que vira mais cedo, ao lado do rapaz. A garota com o violão. Sua voz era alta e límpida, ocupando o corredor à medida em que Carmina se aproximava, ressoando das paredes, vibrando sob o piso.

Carmina não reconheceu a música. Na verdade, agora que prestava atenção, sequer reconhecia a língua em que a moça estava cantando...

Ela parou de chofre. Não havia mais ninguém na estação. O que ela está fazendo aqui a essa hora?

Então, entre um segundo e outro, entre inspirar e exalar, a canção não estava mais apenas no corredor, mas *nela*. A música se infiltrou por seus ouvidos e se enrodilhou em seu coração. A canção, que antes era incompreensível, agora sussurrava garantias e promessas. E a voz, que antes era bonita, tornou—se *linda*. A coisa mais linda que ela já escutara. A saída mais próxima ficava à esquerda, mas a voz vinha da direita, e Carmina virou—se para lá. De alguma forma, sabia que encontrá—la era a coisa mais importante.

(No fundo, uma voz se ergueu: Pare.)

A cadência da melodia, com suas palavras irresistíveis, subia e descia junto às batidas do seu coração — primeiro seguindo—as, depois antecipando—as. Ela sentiu que, se a voz parasse, o órgão também pararia de bombear sangue.

(Isso não é... normal.)

Mas era impensável que a canção parasse — ela tinha certeza de que, quando chegasse à voz, tudo ficaria bem. Cada passo que dava em direção ao som melífluo parecia certo e bom. Inexorável.

(É... uma armadilha.)

O nó no peito se apertou, e seus dedos se afrouxaram ao lado do corpo, onde, por um momento, haviam tentado alcançar a arma.

Ela virou em um canto e deu num corredor de saída. Na cabine de vendas, um atendente de olhos vidrados encarava o nada. A cantora estava ao lado da escadaria, dedilhando o violão, e Carmina foi até ela. A mente dizia—lhe sim—sim—sim, a canção uma história de desejo e vontade, mas seus passos eram instáveis, como se algo nela tentasse resistir. Os olhos da garota estavam fixos nela enquanto a boca se moldava ao redor da estranha música. Ela sorriu quando Carmina se aproximou e apoiou o violão no chão. Era linda. Não tinha parecido tão linda pela manhã. Cabelos negros caíam para baixo do ombro e a pele bronzeada parecia reluzir. A cor dos olhos oscilava, a pupila e a íris se mesclando num mar revolto.

— Venha comigo — disse ela.

De alguma forma, a canção continuou ecoando em seus ouvidos mesmo enquanto a moça falava, como um eco infinito.

Carmina entreabriu os lábios. O sim estava na ponta da língua. (Isso é... errado.) Ela mordeu os lábios com força.

— Não — disse, depois de um longo momento. A palavra queimou a garganta ao sair, como um veneno cuspido.

O sorriso da garota se curvou num canto, e ela parecia uma menina prestes a compartilhar um segredo com a melhor amiga.

— Venha comigo — ela disse — e conto como ele morreu.

Um salto no peito; o ar preso na garganta. Ela congelou no lugar.

- Quem?

A pergunta saiu num sussurro. Mas ela sabia, sabia, sabia — e a memória brotou como uma fonte destampada, imagens em sucessão,

imparáveis como água escorrendo por canais. O corpo dele, ou as partes que restaram. Deixadas ali por *alguma coisa*.

O médico-legista anotou ataque animal. Mas não era. Não era.

Ela se treinara a esquecer, e era quase fácil. Ninguém perguntava. Ninguém sabia. Mas ali estava aquela garota, ou o que quer que fosse, falando disso. Dele.

A lembrança foi tão forte que ela sentiu uma vertigem. O corredor da estação e seus azulejos desbotados pareceram girar.

A menina inclinou a cabeça como se Carmina estivesse se fingindo de tola.

- O seu marido, é claro. Ela falava com segurança, encarando-a com aqueles olhos impossíveis. É o que você mais deseja. Saber. Não saber a mata todos os dias. Não saber a quem culpar. Você quer um nome. Um rosto. Um rastro. Às vezes tem raiva dele por ter morrido, e se pergunta se foi culpa dele. Se de alguma forma podia ter evitado aquele fim.
  - Cale-se ela sussurrou.
- Todos aqueles anos infrutíferos, todos aqueles becos sem saída. A polícia que se recusava a ouvi–la, que fechou o caso. Então você foi atrás de outros. Teorias da conspiração, místicos, ocultistas. Descobriu todo um mundo e foi trabalhar para a mesma força policial que incinerou os restos do seu marido antes que mais alguém pudesse vêlos.
- Cale–se! ela exclamou, e a canção pulsou dentro dela, tensionando suas veias e fechando sua garganta. Ela recuou, os olhos arregalados.
- Esperava deparar com algo parecido continuou a criatura, como se nada tivesse acontecido. Um cadáver que a levasse ao culpado. Todos aqueles anos e não encontrou nada. Não é à toa. Ela deu um sorrisinho. Ele foi mexer com coisas perigosas, seu marido. Coisas que não queriam ser incomodadas. Não chore, vamos. Eu posso lhe contar. Eu sei. Eu sei de tudo. Os olhos se suavizaram, as ondas

subitamente imóveis. O oceano em calmaria. — É o que você mais deseja. Venha comigo e lhe contarei.

A vontade de aceitar vibrava com a canção, uma torrente que ameaçava arrastá–la. E, sob a compulsão da melodia, a detetive encontrou outra coisa, ainda mais perturbadora.

Sua própria vontade.

A criatura tinha razão. Ela se perguntava havia tanto tempo que sentia, às vezes, que ia enlouquecer antes de conseguir uma resposta. Estava cansada. Queria saber. Queria saber mais do que tudo, certamente mais do que queria viver. Mas mais do que queria vingança? Se morresse agora, jamais poderia garantir que *aquilo* pagaria pelo que fez.

(É capaz que você morra de qualquer forma.)

— Eu...

Venha-venha, sussurrava a canção correndo por seu sangue, a melodia espalhando uma letargia em seu corpo que emudecia seus pensamentos cada vez mais. Carmina fechou os olhos, os cílios grudando na pele úmida do rosto. Parecia tão fácil. Era só se entregar.

E a coisa à sua frente ficaria livre.

Vinte e três anos, e uma noiva em algum lugar que jamais o veria de novo.

(Não, ela não faria concessões a nenhum deles.)

- O que ofereceu para ele? O garoto?
- O que ele mais queria, é claro. Um jeito de se casar. A criatura soltou o ar de desdém. Tão banal, tão *pequeno*. Há tanto tempo não encontro algum desejo interessante... As pessoas costumavam ser mais ambiciosas, sabe? Queriam todo o conhecimento do mundo... Mesmo você só quer um pedacinho dele. Ah, mas é um pedacinho tão bom... tão perigoso...

Carmina apertou as mãos, enfiando as unhas na pele até sentir a dor acima da canção. A música era uma rédea. Era assim que ela segurava as vítimas? Era assim que elas ficavam, imobilizadas, impossibilitadas de reagir ou gritar enquanto ela os matava?

Esvaziou a mente. Deixou-a vagar pela possibilidade de aceitar a

oferta, deixou aquela parte sua que queria aceitá–la subir à superfície. A criatura sentiu sua rendição se aproximar e suavizou seu controle.

Então, num átimo, ela abaixou a mão direita ao coldre e ergueu a pistola.

A garota deu um grito indignado, e àquele grito as cordas ao redor de seu coração se apertaram, expulsando todo o ar dos seus pulmões. Os dedos se abriram, deixando a arma cair no chão com um barulho metálico. Os músculos se contraíram, a dor fazendo seus joelhos se dobrarem.

O sorriso da criatura morreu, seus lábios apertados agora em uma linha fina.

Ataque, Carmina pensou. Ataque! Mas à mera ideia de avançar contra a criatura a canção se ergueu com mais força. Ainda bela, mas furiosa, como a beleza de um tornado destruindo tudo em seu caminho.

Carmina piscou, suor escorrendo pela testa, e, quando abriu os olhos, algo tinha mudado na garota. Primeiro os olhos — as ondas estavam mais profundas e escuras, brilhos faiscando nas profundezas como anéis no fundo do oceano —; então a pele, que passou a oscilar como uma miragem no deserto, até se dissolver como vapor. Sob as camadas que deslizavam dela, a criatura assumia uma nova forma. *Metamorfa*, seu cérebro informou. A informação não lhe valeu de nada.

Os braços se alongaram, a parte de trás se afinando para formar uma membrana fina como uma vela. Mãos e pés desapareceram e, onde antes havia unhas, surgiram garras, longas e curvas. O corpo reluzente ganhava uma nova forma que se erguia até o teto, recoberto por uma pele em tons de preto, dourado e branco. Mas não, não era uma pele — era uma penugem. O rosto se afunilou e onde antes ficava a boca surgiu um bico longo, afiado e tingido de um vermelho escuro que ela podia adivinhar o que era. Só os olhos continuavam reconhecíveis — nem humanos, nem animais, mas alguma outra coisa.

A criatura deu um guincho de gelar o sangue, então abriu as asas, ocupando o corredor com sua forma grotesca. Carmina recuou, as

mãos no chão frio da estação, um ritmo enlouquecido no peito que agora antecipava a própria morte, arrepiada ao lembrar dos corpos que vira.

(Fuja.) Fuja!

Num último esforço, ela se lançou ao chão em direção à arma, mas a criatura deu outro guincho e a canção tornou–se ensurdecedora. Ela apertou os ouvidos, a visão escurecida de dor. A coisa deu um passo à frente, abrindo uma asa que varreu o chão. A arma deslizou para longe.

Então, diante da morte, a detetive teve um momento de clareza.

O canto, pensou. O canto que atraía os marinheiros...

Impossível de encontrar antes que seja tarde demais...

Falco sabia com o que estava lidando. Capri — era de lá que ela viera. Que *elas* vieram.

Quantas seriam, espalhadas sabe-se lá por quantos países? Ela teve uma visão súbita de Battista investigando a sua morte e sendo atraído pela mesma música terrível. Ela precisava avisá-lo. Precisava avisar alguém.

A criatura se aproximava com passos lentos, apoiando–se nas garras dianteiras, que tilintavam nos azulejos. Carmina tentou alcançar o celular com uma mão trêmula. Quando os dedos se fecharam sobre o aparelho, ela parou. A criatura também parou em seu caminho, virando a cabeça.

Passos.

Ela ergueu os olhos para a saída da estação. *Não, não, não, não.* Com um último esforço, ela deu um grito de alerta. Sentiu lágrimas escorrendo pelo rosto quando os nós que a atavam a pressionaram novamente, cada nervo ardendo como se incendiado.

E de nada serviu. Os passos continuaram descendo. Os olhos da criatura brilharam de malícia e luxúria.

Fuja, fuja, FUJA.

O recém-chegado apareceu sob a luz baça do corredor. Não era,

como ela temera por um segundo, Battista. Mas era um homem, enrolado num cobertor cinza puído, o cabelo raspado rente. O coração de Carmina se apertou. *Está tão morto quanto eu,* pensou, quando o semteto surgiu nos degraus mais baixos. O homem parou boquiaberto diante da enorme ave, as mãos apertando o cobertor com mais força ao redor de si, os olhos indo da criatura para Carmina, jogada contra a parede.

Então ela o reconheceu. *Surdo, desempregado.* Virou a cabeça em direção da arma, uma súplica nos olhos arregalados.

O homem olhou de novo para a criatura, tremendo sob o cobertor. Um canto suave saiu do seu bico de pássaro, que alcançou Carmina distantemente, como o calor de uma chama atrás de um vidro. *Não é para mim.* A criatura foi em direção ao homem em seu andar desajeitado, e por um segundo, a detetive considerou, horrorizada, que teria que vê-la se alimentar daquele homem.

Ele não se mexia. Era possível que ela estivesse errada?

Então, quando a coisa estava a poucos metros, ele largou o cobertor e se jogou no chão, apanhando a arma. O canto se ergueu, passando sobre e através dela como uma torrente, mas o homem sequer hesitou. Ergueu a pistola com as duas mãos, na pose desajeitada de quem nunca tinha usado uma arma.

E a encontrou destravada. Apertou o gatilho: um, dois, três tiros no peito do monstro, que bateu as asas de espanto e indignação. Um líquido escuro escorreu dos buracos de bala e a canção se interrompeu, o corredor preenchido agora pelos sons de um animal ferido.

E Carmina descobriu que conseguia se erguer. Tateou o sobretudo até pegar a primeira coisa que encontrou — a estaca — e pulou sobre as costas da criatura, agarrando–se a penas duras como lâminas e apunhalando–a atrás do pescoço.

Não foi bonito. Nunca era.

Quando terminou o serviço, estava ofegante e coberta naquele líquido negro que agora se acumulava no chão. Na cabine, o atendente — seus olhos agora conscientes, mas em choque — encarava a cena. O homem que a salvara estava encolhido contra uma parede, abraçando os joelhos. A arma ainda estava em uma das mãos, numa pegada quase inconsciente.

Carmina pisou sobre a carcaça da criatura e foi até ele, ajoelhan-do-se para olhá-lo. Não sabia linguagem de sinais, nem se o homem a reconhecia daquela manhã. "Quer voltar comigo?", ela fez com a boca, devagar. O homem piscou, mas pareceu compreender. Balançou a cabeça. Ela não o culpava. Se fosse ela, gostaria de correr para o mais longe possível do que acontecera ali e de todos os envolvidos.

Ela apalpou o sobretudo com dedos úmidos e tirou a carteira. Vazia. "Eu voltarei", fez de novo. Então: "Obrigada."

Ele assentiu.

Alguns minutos depois, quando o homem tinha subido as escadas, quando o atendente tinha sido acalmado o bastante e barrava as entradas do corredor, e quando a voz dela estava estável o suficiente, a detetive ligou para Battista. Ele atendeu depois de dois toques com um grunhido.

— Inspetor — disse ela —, tenho um pardal gigante morto na Colli Albani. É melhor chamar seu pessoal.

Battista resmungou algo rude sobre a mãe de Deus e desligou. Mas viria.

Carmina esperou a equipe chegar em sua van branca e, enquanto os policiais embrulhavam a criatura em lona preta para nunca mais ser vista, saiu para a fresca noite romana. O monstro estivera mentindo? Talvez. Mas sabia de muita coisa que acontecera de fato. Talvez tivesse apenas lido a mente dela... mas havia uma chance de que tivesse falado a verdade. Nesse caso, o que quer que tivesse matado o marido dela estava por aí.

Ela atravessou a praça silenciosa e seguiu por ruas iluminadas pela luz fraca de postes, as mãos nos bolsos do sobretudo, o hálito saindo em nuvens diáfanas à sua frente. O silêncio era interrompido pelos sons anônimos da madrugada: a arrancada de um carro à distância, a canção de um bêbado e os movimentos dos insones em suas ca-

sas. E mais coisas se escondiam na escuridão, mais ainda do que ela conhecia. *Coisas perigosas. Coisas que não queriam ser incomodadas.* Surpresas ainda eram possíveis.

Era hora de reabrir o caso.

\* \* \*

ISA PROSPERO é revisora e tradutora. Nasceu em Piracicaba – SP, mas mora em São Paulo há quase uma década, onde acumula livros e ideias. É coautora do juvenil *Volto quando puder* (editora Hoo) e autora de diversas histórias de fantasia engavetadas ou em revisão. Escreve para o <u>blogsemserifa.com</u> e pode ser encontrada no Facebook e (<u>/isa.prospero.9</u>) e no Twitter (<u>@isaprospero</u>). Esse é seu primeiro conto publicado.

### Mãe de Fogo

Bruno Leandro

Ι

O LABIRINTO ERA ESCURO e intrincado, com algumas armadilhas estranhas no interior. No centro de tudo, envolta por uma aura de mistério, a indígena se deliciava com o pequeno caos invocado. Seu corpo avermelhado dançava entre as chamas, e ela ficava cada vez mais feliz com os espíritos conjurados através das esferas geradas pelo fogo. Ao libertá—los de seus casulos, os pequenos seres ganhavam substância e assumiam formas bizarras. Invisíveis aos que não enxergavam o mundo além, suas mascotes elementais se fundiam e mesclavam, e os resultados eram imprevisíveis. Como se se sentisse observada, Naná elevou os olhos da cena e dirigiu—se a um espectador invisível:

— Diga a ela que retornei.

Gargalhando, cuspiu o fogo de suas entranhas de encontro ao corpo astral de seu oponente.

O aprendiz acordou gritando e tremendo, como se seu corpo estivesse em chamas. Seu sonho havia sido tão vívido que temia estar com queimaduras de terceiro grau. Ao olhar para si mesmo, no entanto, não notou nada de relevante e, embora o fantasma da dor já passasse, tinha uma certeza: havia se projetado sem querer durante o sono e fora percebido por alguém que tinha poder para feri–lo.

Levantou-se e foi até a geladeira, onde pegou uma garrafa d'água. Contrariando as instruções de sua mestra, bebeu direto do gargalo. Ela não estava ali, de qualquer forma. O pensamento o fez olhar em volta, por garantia. Nunca sabia o que esperar da maga, mesmo em seu estado atual.

Convicto de estar sozinho, o rapaz vestiu uma camisa de malha e calças jeans. A cidade estava quente demais para algo formal. Optou por usar uma discreta pulseira com a pedra que o indicava como um dos iniciados. Para os comuns, aquela era apenas uma pulseira bonita com bijuteria vagabunda, do tipo que não vale a pena ser roubada. Se eles soubessem...

Saindo do minúsculo apartamento ampliado por magia, o aprendiz trancou a porta e respirou fundo. Tinha um compromisso em outro universo naquela mesma tarde.

#### П

Inácio Flores atravessou o calçadão que separava a praça do pequeno e quase incógnito prédio de dois andares. Teve que se desviar de alguns espíritos, mas já estava acostumado, depois de dois anos naquela cidade. Preferia o campo, onde encontrava um ou outro saci ou caipora, e até batia um papo quando os seres míticos eram amigáveis. Ali, naquela selva de concreto e ilusões perdidas, onde nem mesmo os mortos tinham tempo para dois dedos de prosa, Inácio se sentia solitário e cada vez mais mal-humorado. Por sorte, estava prestes a encontrar um homem que adorava conversar. Não que ele estivesse ali de verdade. Sua loja viajava pelo Omniverso e não tinha uma localização fixa para os fregueses. Exceto, é claro, no Mundo Lateral, onde a Loja de Segredos ficava muito bem localizada antes da guerra que quase o destruíra.

O prédio era só uma miragem de fachada usado para diferentes acessos. Qualquer pessoa que não soubesse o segredo passaria por ele sem se dar conta e aqueles que quisessem entrar se veriam em meio a uma construção decadente com risco de desabamento. Os iniciados sabiam das frestas entre a realidade e que, ao atravessarem uma delas, outras passagens se abririam. Inácio se viu forçado a espremer a barriga avantajada por um dos vãos hipotéticos. Tinha quase certeza de que o dono da Loja os criava pequenos para evitar brutamontes, mas sentiu um certo preconceito com o seu corpo.

Dom Raphael Joaquim de Santana, primeiro e único, o esperava

sentado em uma cadeira muito alta atrás do balcão. Era um homem pequeno e, apesar de se orgulhar de sua estatura, sabia da dificuldade trazida ao lidar com os grandes. As feições simpáticas do homenzinho calvo fizeram com que o mago-aprendiz se esquecesse do aborrecimento. Até mesmo por estar ali a trabalho.

A Loja de Segredos estava como Inácio se lembrava das últimas vindas com sua mestra: prateleiras que guardavam todo tipo de elementos desconhecidos e ideias de porvir. Lampejos de amanhãs estavam pendurados em cabideiros e uma ou outra jarra de futuros do pretérito completavam a decoração modesta. O mostruário não refletia a grandiosidade da loja e seu dono preferia assim, já que a coleção importante ficava em local desconhecido. Dom Raphael, guardião de todos os segredos, era conhecido por sua discrição, quando solicitada. Inácio, que gostava de contradições e paradoxos, riu para si mesmo ao lembrar que o mestre também era fofoqueiro profissional, sendo pago para espalhar boatos e fofocas que poderiam ou não ser verdadeiras, algo que sempre confundia as pessoas, embora poucas vezes o fizesse pessoalmente.

Inácio foi direto ao assunto. Sua mestra havia sido específica e ele não poderia deixar a desejar.

- Dom Raphael, eu preciso revelar um segredo.
- Já falei que sou Dom para os íntimos, rapaz. Em todo caso, não lembro de ter algum segredo seu em minha loja.
- O segredo é de minha mestra. Tenho aqui o documento assinado em três vias reconhecidas em cartório.
  - Janaína faleceu há três meses, se não me engano?
- Verdade. Também tenho um pouco de sua essência espectral. Minha mestra está ocupada em uma outra dimensão no momento, mas disse que precisaria do segredo assim que voltasse.

O homenzinho olhou para os papéis, confirmando sua veracidade. Também percebeu que Inácio não vinha se cuidando direito. Estava um pouco abatido, com olheiras profundas e a pele escura empalidecida. Continuar seus treinamentos com uma maga que tinha atravessado para a pós-vida não estava lhe fazendo bem. Os horários e as exigências não eram adequados para alguém tão novo e com tão pouca experiência. Dom Raphael pensou em dizer algo, mas decidiu que ainda não era da sua conta. Ao menos, não enquanto a ética profissional o exigisse.

Pedindo licença a Inácio, Dom Raphael se retirou para o fundo da loja, onde ficava o cofre de segredos. Voltou algum tempo depois com uma caixa que cabia entre seu polegar e o indicador. O aprendiz estranhou o tamanho do objeto, mas evitou comentários e guardou–a no bolso da calça. Janaína devia saber o que fazia, como sempre.

Com o segredo recuperado, o rapaz puxou papo com o guardião:

- Você não se cansa desse trabalho? É quase uma punição ter de manter a loja sempre aberta. Deve ser difícil descansar quando os fregueses não têm hora para aparecer.
- Mas minha loja nunca está aberta, assim como nunca fecha. Ela existe sempre no agora, nos entremomentos. Como tenho uma bolha do tempo, não é muito difícil descansar.

As bolhas temporais criavam um tempo falso para os que estivessem em seu interior. No entanto, bastava sair delas para que a realidade pausada voltasse ao exato momento da partida. Eram ótimas para estudo, contemplação e descanso, mas não permitiam fuga ou esconderijo. Valiosas, mas só se bem usadas.

Inácio e Dom Raphael esticaram a conversa o máximo que foi possível. O homenzinho gostava de falar tanto quanto o jovem, mas a maioria de seus clientes era bem objetiva e ele não desfrutava de sua companhia por muito tempo. Mesmo sem esgotarem o assunto, Inácio evitou abusar da hospitalidade do guardião e resolveu voltar a seu próprio universo.

O mesmo sol forte de antes o esperava; seu mundo estava como ele o deixou. E talvez isso tenha salvado sua vida.

Um homem grande e cinzento, um dos espíritos que antes o ignoravam, se destacou e invocou uma arma de suas vestes espectrais. O aprendiz só teve tempo de abaixar e conjurar um escudo incompleto, absorvendo parte do impacto da pancada do martelo de batalha e rolando antes que o esmagasse. Os vivos que viram a cena pensavam que ele tinha caído. Os mortos saíram de sua letargia habitual e se espalharam para longe da praça que se tornava uma arena. Sabiam o risco de uma batalha que envolvesse um mago.

Inácio detestava lutar, o que não significava que não era bom naquilo. Levantou com um escudo mais firme e já concentrando suas energias. Se tivesse pó de estrelas, teria acabado com o inimigo em um instante, mas não viera preparado, desrespeitando a regra número um de sua mestra. Um mago nunca estava sozinho e isso quase sempre era ruim. Preparar—se para embates era essencial.

Pronunciando um ritual de banimento simples, o aprendiz captou a energia mágica ambiente. Sua joia brilhou em resposta. Não tinha tempo para algo elegante; logo, seus poderes só funcionariam de perto. Precisava acertar o inimigo em três pontos distintos e aleatórios, o que o baniria de volta para o além. Desviando o martelo com seu escudo, tocou no antebraço do espírito. A forma dele ficou inconsistente, mas ainda lá. O segundo ponto foi uma porrada na coxa, o que logo transformou o inimigo em um borrão e minou suas forças. Com um soco no estômago, Inácio pensou ter finalizado o confronto. Porém, se sentiu fraco. O fantasma, que estava prestes a se dissipar, absorveu sua energia com aquele último contato, fazendo o aprendiz perceber seu erro. Um olhar para a arma confirmou seu temor. O martelo era o verdadeiro inimigo. Uma arma viva, que se apoderava de um fantasma e o conduzia como seu instrumento.

A revelação demorou mais do que deveria. Inácio foi jogado para longe quando o martelo acertou seu escudo e o impacto tirou seu fôlego. Sua visão escureceu e o martelo se elevou para o golpe final. No meio do caminho, uma lâmina de luz branca o atravessou três vezes e a arma–fantasma se dissipou em pleno ar, deixando a imagem residual de uma cobra em chamas para trás. O fantasma que a acompanhava desapareceu. Atrás dele, Janaína apagava a arma de sua mão.

— Sua guarda estava baixa e você esqueceu um detalhe: os fantasmas existem além do tempo e do espaço. Volte agora para o apartamento. Essa caixa não pode cair nas mãos da mãe de fogo.

Sem mais explicações, ela partiu outra vez.

No apartamento, Inácio se preparou para o inevitável. Ouvira falar das entidades da natureza chamadas de mães. Existia uma para cada um dos quatro elementos, além da mãe de ouro. Todas eram espíritos de tempos antigos, anteriores à chegada dos europeus ao país. Naná era de longe a mais perigosa delas. Seu humor era como o próprio fogo que comandava e ela conseguia manipular espíritos e almas.

Lembrando-se do sonho, Inácio entendeu o risco que correra ao se manifestar em forma astral por acidente nos domínios da entidade. Ele poderia ter morrido, ou pior, perdido sua alma para sempre.

O tempo passou e nada de Janaína aparecer, fazendo com que seu pupilo temesse por sua segurança. Por mais que já estivesse morta, seria perigoso lidar com entidades como a mãe de fogo. Nem sempre concordava com o modo dela de fazer as coisas, mas a mestra havia lhe ensinado muito desde que o acolhera, pouco mais de um ano antes da própria morte. Seu poder era tão grande que decidira continuar naquela dimensão como um fantasma para ensiná—lo tudo o que sabia. Por isso, dentre tantas outras coisas, Inácio era grato. Não via a mestra como uma mãe, mas lhe devia respeito quase idêntico.

O bilhete fez com que tomasse uma decisão.

Estava sobre um balcão na cozinha, escrito na caligrafia de sua mestra e continha os dizeres: "Proteja a caixa com sua vida e não tente descobrir onde Naná está. Vou enfrentá–la em seus domínios".

Janaína era ótima maga, mas pecava com magias elementais. A única em que era ótima, a do ar, seria péssima para enfrentar aquela inimiga. Inácio precisava ajudá–la.

#### TV

As lembranças de sua projeção ajudaram Inácio a descobrir onde encontrar a mãe de fogo. O ritual correto sinalizou de qual realidade emanavam os poderes de Naná. Pela segunda vez naquele mesmo dia, o rapaz se viu atravessando a praça até o prédio destruído. Trazia consigo alguns amuletos e bastante pó de estrela. Encararia a adversária em seu próprio corpo desta vez, tornando difícil controlar sua alma ou feri–la como no último encontro.

Ao atravessar a fresta entre as realidades, o aprendiz sentiu algo de diferente. Estava em uma bolha temporal. O ar, apesar de respirável, estava estagnado, como se fosse incapaz de se mover por conta própria. Por um momento, o jovem temeu estar nos domínios dos mortos, o que de certa forma era verdade — mas aquele não era o mundo do além; apenas uma dimensão em que o tempo não passava. Nunca tinha ouvido falar de uma bolha assim e estranhou ser capaz de se mover, mas caminhou em frente. Estava no labirinto da mãe de fogo, um lugar sem muita luz. Imaginou que a entidade iluminaria apenas os locais em que estivesse por conta de seus poderes. Qualquer outra forma de luz era negada.

Sentindo a magia daquele domínio, Inácio conjurou lâminas luminosas. A fórmula de seu escudo estava pronta para ser dita, mas ele preferia guardar seus poderes até serem necessários — o que não tardou a acontecer. Uma bússola mágica indicava o centro do labirinto, mas o caminho era tortuoso. Cruzou mecanismos estranhos e vivos, foi obrigado a quase rastejar por passagens baixas e estreitas e usou sua magia para manter o piso estável em alguns pontos frágeis pelos quais passou. Sua energia era consumida a cada avanço. As armadilhas deixavam as mesmas imagens residuais sempre que as destruía: uma serpente em chamas, o que o lembrava de outra lenda. Talvez aquele fosse o símbolo de Naná, impingido às suas criações grotescas. A bússola pulsou, se fixando em uma única direção. Estava perto de seu objetivo.

Percebeu o fantasma nas sombras pouco antes de atravessar a úl-

tima passagem. Pulou para o lado, desviando–se da foice espectral capaz de cortar seu fio de prata. Não morreria de fato, mas sua alma vagaria sem corpo e, por conta disso, não prosseguiria para o outro mundo nem poderia retornar à própria carne. Seria pior do que um fantasma — se tornaria um espectro.

Pegando o pó de estrela com a mão esquerda, o aprendiz jogouo sobre o inimigo. A prata, a limalha de ferro e o sal dissolveram a manifestação, deixando o espírito incapaz de se materializar outra vez por muito tempo. Aquele, porém, não era o único desafio. Estava no meio do labirinto, onde Naná aguardava. Era a hora do confronto final.

Inácio virou a curva que o separava da adversária, mas ela não estava sozinha. Cercada por seus espíritos—guardiões deformados, a feiticeira postava—se sobre um trono adornado. A seus pés, uma figura lutava por sua liberdade. Naná havia feito Janaína de refém, mas não foi isso o que surpreendeu o aprendiz. O rapaz se assustou ao ver não um fantasma, mas sua mestra viva.

- Ora, se não é o pupilo de minha velha e mais odiada amiga? Estas palavras despertaram um alerta que o aprendiz não conseguiu decodificar. Ela lançou labaredas em direção ao rapaz. Em vez de queimá—lo, como quando esteve em espírito, elas ficaram sólidas e o prenderam. Inácio sentiu—se tonto. As correntes de fogo absorviam seus poderes como o martelo de batalha mais cedo. Além disso, eram afiadas e, apesar de deixarem sua pele intacta, pareciam cortar sua alma.
  - Deixe-o ir, Naná! Isso é apenas entre você e eu.
- Deixou de ser no momento em que você deu a Caixa de Pandora para ele guardar. Existem coisas às quais os mortais não devem ter acesso. Nós, por outro lado, devemos usar qualquer poder. Temos direito a isso.

Aquele discurso fez Inácio olhar de sua mestra para a outra com calma e reparar no quanto eram parecidas. O mesmo cabelo, nariz, boca... havia diferenças, mas as semelhanças eram grandes demais para serem ignoradas. As duas eram indígenas, claro, mas as similaridades iam além disso. Inácio entendeu melhor assim que Janaína se libertou.

A mestra invocou uma magia de água. Não era muito forte, mas destruiu os grilhões que a prendiam. Em seguida, sua magia de ar varreu todos os inimigos para longe. Os espíritos se dissiparam, deixando a mesma serpente em chamas para trás. Só havia uma entidade mística com aquela forma.

- Mboitatá, já disse que sou eu sua inimiga! Janaína ficou um tanto etérea, como se seu corpo fosse feito de... ar.
- Não me provoque, mãe de ar! Não sou uma cobra que rasteja, mas a rainha de todo o fogo!
- Seu fogo não é nada sem combustível, Naná. Com o tempo parado, o ar fica cada vez mais escasso.

Era verdade. Inácio começava a ter dificuldade de respirar, tão perto de onde as chamas dançavam.

Virando-se para o aprendiz, Janaína gritou:

- Corra para o mais longe que puder. Vou drenar o ar desta sala e ela ficará indefesa.
  - Eu não deixarei! Naná gritou, sibilante.

A mulher assumiu sua forma bestial. Escamas cobriram todo o seu corpo, suas pupilas afinaram e a língua bipartiu–se. Suas chamas ficaram mais fortes enquanto ela sugava a energia de duas fontes: Inácio e Janaína.

O súbito aquecimento explodiu o ar, jogando a maga para trás. O aprendiz sentiu que algo escapava de seus bolsos e tentou segurar a pequena caixa, sem sucesso. Suas forças não bastavam.

- Então esta é a famosa Caixa de Pandora? É tão pequena! Os boatos dizem que há um dragão aqui dentro. Se eu devorar sua essência, seu poder será meu e serei a mais poderosa das mães. E ainda terei uma nova alma para brincar!
- Não abra essa caixa, ou irá se arrepender, maldita!
   Ao longe, Janaína se levantava.

Sorrindo, Naná abriu a caixa. Seu sorriso foi substituído pelo medo e pela fúria, quando se deu conta da verdade.

A caixa era uma armadilha e a mãe de fogo foi absorvida pelo ob-

jeto. Primeiro as chamas começaram a ser sugadas, depois o corpo. No entanto, a entidade era muito poderosa e sua alma se ancorava ao plano material. Seu fogo não permitia que Janaína chegasse perto. A magia da mãe de ar só a faria ficar mais forte, como dizia o ciclo das mães: a água é absorvida pela terra, que é espalhada pelo ar, que é consumido pelo fogo, que é apagado pela água. Janaína não tinha a menor chance contra Naná.

— Desculpe por ter te usado dessa forma...! — a mestra gritou para o aprendiz, enquanto lutava com sua inimiga. Seu corpo, cada vez mais etéreo. — A mãe de fogo precisava achar que a caixa que eu guardava era a de Pandora; assim, ela mesma se esforçaria para abri–la!

Reunindo suas poucas forças, o aprendiz concentrou sua energia restante no pó de estrela que carregava. Jogou—o em volta da entidade com uma magia do ar. O contato com o pó foi mais incômodo do que prejudicial, mas a mãe de fogo se distraiu por tempo suficiente. Arremetendo contra ela, Janaína começou a mudar de forma, seu corpo prendendo a serpente enquanto ambas eram absorvidas pela caixa. Inácio não viu sua forma final, mas os olhos da mestra, apesar de bestiais, pareciam se desculpar e se despedir para sempre.

Quando tudo acabou, o aprendiz usou um dos seus amuletos para selar a caixa. Olhando para ela, não pôde evitar o comentário:

— Eu quase fui morto por causa de seu jogo algumas vezes. Entendo seus motivos, mas não concordo. Não tenho certeza se você ou Naná são tão diferentes assim, afinal. Ela brinca com espíritos, você com os vivos.

Apesar das duras palavras, Inácio sentiria saudades da mestra Janaína.

#### V

Saindo daquele universo, o aprendiz voltou ao seu próprio por tempo suficiente apenas para entrar em outra fenda — a que levava

para a Loja dos Segredos. Foi recebido por um simpático Dom Raphael, mas não conseguiu ser muito falante. Explicou a ele o que havia acontecido e pediu que o mestre dos segredos guardasse a caixa, que voltou à segurança dos domínios do guardião.

Não conseguiu ficar mais tempo na loja.

De volta ao apartamento, reavaliou os acontecimentos do dia. Detestou o que sua mestra fez; não confiava mais nela, por mais que respeitasse seu sacrifício. O poder de Naná era grande e perigoso demais. Ela precisava ser detida, porém Janaína deveria ter confiado mais nele.

Pegando uma garrafa de água da geladeira, Inácio derramou o líquido em um copo e o bebeu aos poucos, enquanto pensava. Janaína estava presa naquela caixa junto com Naná. As duas mães, a de fogo e a de ar, lutariam sempre uma com a outra, embora Janaína estivesse em franca desvantagem. Mesmo assim, se sacrificara, fossem quais fossem seus motivos.

Até antes de admitir para si mesmo, a decisão de Inácio estava tomada. Ele assumiu a responsabilidade de libertar Janaína sem correr o risco de deixar a outra entidade livre. Faria isso por tudo o que devia à mestra, mas não só. Ela lhe devia explicações. E ele iria cobrar.

\* \* \*

BRUNO LEANDRO nasceu em 01/02/1983 na cidade maravilhosa, onde vive até hoje, embora digam que sua verdadeira morada é o Mundo das Imagens e Palavras. Bacharel e Licenciado em Letras/Inglês pela UERJ, trabalha em seu primeiro romance de fantasia e já teve publicados os contos *Aliança improvável*, nos Tomos Fantásticos da Editora 9Bravos, e *Em busca do paraíso de Lost*, pelo site Poligrafia

(https://poligrafia.me/2016/04/15/autor-convidado-bruno-leandro/)

Twitter: <u>@brunoleandro</u> Instagram: <u>@brunoleanndro</u>

Medium: <a href="https://medium.com/@brunnoleandro">https://medium.com/@brunnoleandro</a>
Facebook: <a href="https://www.facebook.com/brunnoleandro">https://www.facebook.com/brunnoleandro</a>

# CORAÇÃO DEDO-DURO

ROMEU MARTINS

- SEJA BEM-VINDO AO Supremo Tribunal Teológico do Egito, Fórum de Cinópolis, na Décima Sétima Província. Estou aqui para tirar todas as suas dúvidas enquanto aguarda ser chamado para o seu julgamento.
- Meu julgamento? Mas o que aconteceu? O que foi que eu fiz? Como foi que eu vim parar aqui? Acabei de chegar para as minhas férias!
- Isso mesmo, você chegou ao Aeroporto Internacional do Cairo às 18 horas, desembarcando de um voo proveniente de São Paulo, Brasil, e foi diretamente para o hotel onde tinha reserva. Lá chegando, pediu para o serviço de quarto entregar um lanche em seu apartamento. Às 19 horas foi servido... deixe-me ver aqui em sua ficha. Ah, sim, um hambúrguer duplo com bacon extra e queijo cheddar.
- E batata frita com bastante sal, lembro dessa parte. O meu refrigerante veio sem gelo e estava muito calor naquele quarto...
- Seja como for, apenas trinta minutos depois, você teve o quê? Um infarto fulminante do miocárdio, ocasionado pela obstrução de uma artéria coronária completamente entupida por um coágulo de sangue e placas de gordura. Uma coisa medonha!
- Eu achava que meu médico estava exagerando nas reclamações dele.
- Não deu tempo nem mesmo para o atendimento de emergência tentar uma massagem cardíaca no senhor. Seu atestado de óbito foi assinado, já em As–Salam, o hospital para onde seu corpo foi encaminhado, às 20h15.
  - Quer dizer que eu estou morto?!

- Mas com toda certeza, ninguém vivo tem autorização para andar por estes corredores.
  - Você não está entendendo: eu morri!
- E não é isso o que vocês, mortais, fazem? Mortais morrem. Qual a surpresa?
- Meu Deus, eu morri sem nem mesmo conhecer as pirâmides! E depois de ter economizado tanto para fazer essa viagem... Tive que vender minha coleção de funkos para pagar as passagens e custear as despesas...
- Exatamente, e morreu sob a jurisdição deste Tribunal Teológico que é presidido pelo Meritíssimo Anúbis, Deus e Senhor dos Mortos, da Mumificação e do Submundo. Guardião dos Túmulos e Juiz das Almas.
- Mas como assim? O Egito há muito tempo não cultua esses deuses antigos. É um país muçulmano há uns... uns mil e quinhentos anos, pelo menos!
- Questão de jurisprudência celestial. Os milhares de anos de duração do império egípcio fizeram valer os direitos do antigo panteão em casos de pós-morte. Mesmo que o dia a dia do território tenha passado para a atual administração de Allah, os acordos metafísicos primordiais ainda são respeitados.
- Mas e quanto a mim? Eu sou brasileiro, católico não-praticante com simpatia pelo espiritismo. Não posso ser julgado por um deus com cabeça de cachorro!
- Epa, epa! Cachorro, não! Chacal! Ou lobo, a depender do ponto de vista. Mas jamais um simples cachorro! Isso, não. E você morreu sob a jurisdição teológica deste tribunal, portanto, está sujeito à soberania de nosso juiz, sim senhor! Tudo exatamente como previsto em acordos internacionais. Se tiver alguma dúvida a respeito do assunto, pode verificar aqui mesmo. Consulte o artigo MMCMLXXXVII, parágrafo quinto, alíneas B, C, D e E.
- O que é isto? Estas folhas estão repletas de emojis, não tem uma palavra aqui.

- Emojis não; tenha um mínimo de respeito por nossa cultura. São hieróglifos o que você está vendo nestes papiros.
- Que seja. Não consigo ler nenhuma dessas figurinhas. Imagino que nem adianta eu tentar recorrer...
- Não o aconselho. Muitos já tentaram, todos falharam. E cá entre nós, mexer com essa burocracia é garantia de conquistar a má-vontade das instâncias superiores. E das inferiores também, o que pode ser muito pior.
- Então não me resta mais nada a fazer. Você vai ser o meu advogado?
- Advogado? Não, não, o sistema jurídico em vigor em nosso Tribunal é bastante descomplicado, dispensa os serviços advocatícios, de promotoria, recursos, primeira, segunda, terceira instâncias... Nada disso. Tudo é resolvido na hora pelo juiz Anúbis.
- O deus lobo ou chacal, Senhor dos Mortos, das Múmias e do Submundo, já entendi essa parte. Poderia me explicar, por favor, como vai ser o julgamento?
- Na verdade, é tudo muito simples. A primeira coisa a fazer é trocar suas roupas ocidentais por esta veste sagrada.
  - Mas isso é um vestido!
  - De linho branco.
- Espero que não vaze nenhuma foto minha usando isso para a rapaziada do escritório...
- Depois disso, você vai ser conduzido até o grande recinto onde Anúbis está presidindo os julgamentos do dia. Deve saudá–lo, bem como a qualquer outro deus que esteja presente, e então preste sua declaração de inocência. Nosso Departamento de Relações Internacionais preparou um papiro com a tradução para sua língua, veja aqui.
  - "Não pratiquei pecados contra os homens.

Não maltratei os meus parentes.

Não obriguei ninguém a trabalhar além do que era legítimo.

Não deixei de pagar minhas dívidas.

Não insultei os deuses.

Não fui a causa dos maus tratos de um senhor ao seu escravo.

Não pratiquei enganos com o peso da minha balança.

Não causei a fome de ninguém.

Não fiz ninguém chorar.

Não matei ninguém.

Não pratiquei fraudes na medição dos campos.

Não subtraí o leite da boca das crianças."

- Isso, pode falar mais rápido lá dentro, que a essa hora o juiz já está por aqui de ouvir essas negações todas, sempre iguais, todo dia. Alguma observação a respeito dessa declaração?
- Bem, na verdade... sobre o quarto item, por exemplo, acho que deixei umas prestações em atraso, lá em casa. Também lembro de algumas vezes em que fiz minha mãe chorar...
- De qualquer maneira, são apenas formalidades. O verdadeiro julgamento vai ocorrer em seguida, quando Anúbis puser o centro de sua consciência para pesar na grande balança localizada bem no meio do salão. Um objeto enorme, todo metálico, com correntes e dois pratos, não tem como você confundir.
- O centro de minha consciência? Você quer dizer minha cabeça?
- Não para os egípcios. Por aqui consideramos que a consciência dos homens está localizada em seu coração.
- Deixa eu ver se entendi: Anúbis vai arrancar meu coração, por baixo desse vestido branco, para pesar em uma balança daquelas de mercearia antiga? É isso mesmo?
- Por que o susto? Você já está morto mesmo. O máximo que vai fazer é dar trabalho para a lavanderia do Tribunal. No outro prato da balança vai estar a pena de avestruz de Maat, a deusa da verdade. Se por acaso seu coração for mais leve que a pena, é sinal de que sua consciência atesta que foram verdadeiras as palavras ditas em sua manifestação de defesa. Então você poderá adentrar a terra dos mortos em paz.

- E o que acontece comigo se meu coração, por acaso, for mais pesado que a pena de avestruz?
- Caso a balança penda para o lado de seu coração, é sinal de que tentou enganar Anúbis. Se assim for, entra em ação o auxiliar do juiz, Ammut. Ele é composto pela cabeça de um crocodilo, corpo de um leão e pela parte traseira de um hipopótamo. Ammut também é conhecido como o Devorador dos Mortos.
- Posso tentar adivinhar? Se me considerar culpado o tal Ammut vai me devorar com sua boca de jacaré...
  - Crocodilo.
  - -... e pança de hipopótamo, é isso mesmo?
- Exatamente! Você vê como nosso sistema jurídico é tão simples que você já pegou o espírito da coisa. Olha, o painel luminoso indica que chegou sua vez. Vamos lá... Por que empacou ai, com esse olhar cabisbaixo?
- É que acabo de me dar conta de que todo esse colesterol acumulado em meu coração vai conseguir me ferrar duas vezes em um único dia.

\* \* \*

ROMEU MARTINS é jornalista em São José – SC e já teve contos publicados em diversas coletâneas de FC, fantasia e terror, tais como *Steampunk*, da Tarja Editorial; *Deus Ex Machina*, da Editora Estronho; *Solarpunk*, da Editora Draco; e *A ascensão de Chtulhu*, da Argonautas. Escreveu as graphic novels *Domingo, sangrento domingo* e *Justiceiro Joceli e a Ilha da Ponte de Prata*. Acabou de fazer o roteiro da websérie policial *A detetive da Vila do Corvo*.

e-mail: romeumcmartins@yahoo.com.br

Facebook: /RomeuMCMartins

### SINFONIA DA SAUDADE

Jana P. Bianchi

MESMO VELHO, ÀS BEIRAS do apagar de sua essência, Akil ainda conhecia o som de cada sentimento. Por sorte ou azar dos humanos, seres tão voláteis quanto efêmeros, sentimentos eram atributos que pouco mudavam com a passagem dos milênios. A alegria chilreava, a fúria rangia como uma porta velha de pedra se fechando para sempre e o arrependimento ecoava mil gotas compassadas caindo no mesmo lugar. O prazer ressonava baixo, a vergonha ribombava acordes dissonantes, a paixão marulhava em eterno avanço e retrocesso e a solidão era só um silêncio — um silêncio maciço, no entanto, do tipo que soava alto e do avesso.

Onde vivia, porém, Akil não ouvia mais do que uma balbúrdia sufocante. Muitos humanos se apinhavam no centro de São Paulo e, por uma razão qualquer, ali todos sentiam tudo com especial intensidade.

Akil ergueu os olhos do jornal, surpreso, quando um uivo se elevou sobre a cacofonia. Aquele som — que lembrava o vento passando por frestas e varrendo o chão e bagunçando cabelos — era, indiscutivelmente, o som da tristeza. Akil ouvia sons mais intensos se avultando aqui e ali, de tempos em tempos, mas muitos anos haviam se passado desde a última vez que ouvira uma nota tão distinta de tristeza.

O poder remanescente dentro de Akil revolveu–se em um redemoinho de curiosidade. Diligente, o marid reprimiu os impulsos de expandir o alcance de seus dons para investigar melhor. Primeiro porque aquilo significaria gastar um tanto de sua pouquíssima essência que ainda guardava, mas também porque estava farto de se envolver nas mesquinharias dos humanos.

Por séculos ele havia se misturado a eles, operando maravilhas e

distribuindo graças sem esperar nada em troca. Um deslize expôs a sua natureza, porém, e Akil foi traído por humanos gananciosos. Por culpa deles, há muito estava exilado naquela terra feroz, preso a uma forma alquebrada e cheia de limitações, sentindo doer a falta das dunas quentes sopradas pelo ar frio da noite, do céu estrelado que cintilava cores, dos palácios de ar que os beduínos tomavam por golpes de vista.

O marid balançou a cabeça e voltou a si. O dono da barraquinha de café montada na esquina o encarava com um sorriso amigável. Qual era mesmo o nome do homem...? Tonico. Se Tonico olhasse com muita atenção, talvez visse a essência de Akil dançando por trás de seus olhos na forma de faíscas de cores inomináveis. Mas naquela cidade, onde tantas coisas aconteciam ao mesmo tempo, as pessoas nunca prestavam atenção suficiente.

"Esses político são tudo safado, né?" Tonico balançou a cabeça, apontando o jornal. "Quer mais café, é?"

O gênio olhou para o copinho de plástico que a mão senil apertava com força demais e assentiu, fechando o jornal. Depois de bater um papo vazio com o ambulante, despediu—se e pegou o caminho de meia quadra até a loja de tecidos, onde também funcionava sua alfaiataria. Sabia que o som se misturaria aos outros em breve, provavelmente até o fim do dia, então Akil poderia seguir ignorando o fato de que alguém nos arredores se sentia tão miserável e cansado da vida quanto ele.

Durante a manhã, o gênio tentou se entreter com trabalho braçal, algo que esquentasse as juntas e ocupasse a cabeça. Na hora do almoço, fechou a loja e foi caminhando devagar até o restaurante dos Mattar, a duas ruas dali. Demorou–se na mesinha do canto observando o movimento pela janela, entreouvindo as conversas, achando graça em como a filha de Khaled e Marília — já uma moça de dezesseis ou dezessete anos — mal conseguia esconder as emanações mágicas que denunciavam seus estudos secretos de feitiçaria urbana. O marid quase não comeu, porém, enjoado com o zumbido que ainda ecoava.

No fim da tarde, depois de cortar os moldes para um terno sob

encomenda e revisar o livro-caixa — cujos números pouco significavam, já que constantemente ele se esquecia de anotar compras, encomendas e vendas —, Akil deu o expediente por encerrado, chamou um táxi e foi à mesquita do Brás acompanhar a recitação da *d'ua* e a oração das 18h. Além do coro de vozes ecoando no espaço amplo, afastar-se alguns quilômetros da fonte de tristeza provavelmente seria o suficiente para garantir preciosas horas de sossego.

Mais tarde, já na cama, esperando o sono embalar o corpo frágil e disfuncional, Akil enfim admitiu para si mesmo que as esperanças de uma noite em paz estavam perdidas. O uivo era persistente, e não dava sinais de que iria ceder tão cedo.

Tentou repousar mesmo assim, mas acabou desistindo do sono leve no meio da madrugada, mais exausto do que antes. Enquanto preparava um chá de hortelã, desejou ao menos ainda ser capaz de sonhar, um dos únicos prazeres da desventura que era ter que se submeter à forma humana. Mas, para sonhar, precisava de memórias.

E as memórias de sua longa existência estavam quase no fim: cada vez que usava seus poderes, lembranças queimavam como combustível para avivar sua essência ígnea, que aos poucos também se esvaía.

Sentou-se à mesa de fórmica da cozinha e sorveu o chá devagarinho. Quando acabou, sentindo-se tão infeliz quanto antes, pousou a testa no tampo da mesa e maldisse o pedido de socorro em forma de sopro de ventania que só ele podia ouvir. Ignorar um humano em agonia ia contra sua natureza de marid. Akil queria intervir, mas não queria deixar de lembrar mais. Não podia se esquecer dela. Não de Aisha.

Aquele era um processo doloroso, mas, mesmo assim, se forçou a fazer um balanço do que faltava e do que ainda restava da menina.

Começou revisitando as lacunas. Não se lembrava mais da mãe de Aisha, por exemplo, embora desconfiasse ter vivido com ela um relacionamento intenso e cheio de significado: um marid jamais abdicaria da liberdade imaterial para juntar—se a uma humana se sua alma não vibrasse também com a mesma paixão dos espíritos do deserto.

Ainda assim, cada memória a menos da mulher sem rosto significava um pouco mais de Aisha, e por isso Akil não lamentava a perda daquela história de amor.

Também não se lembrava da voz da filha, nem de seu bicho preferido, ou do tipo de história que gostava de ouvir antes de dormir, embalada em seus braços quentes sob o manto de estrelas. Não recordava as cores dos véus que gostava de usar ou os risinhos que dava quando ouvia palavras doces dos garotos das outras caravanas.

Mas ainda se lembrava do mais importante, dos detalhes da filha que despertavam nele os sentimentos mais fortes: os olhos — negros à primeira vista, mas com um fundo furta—cor cintilante que acusava sua ascendência híbrida; o sorriso fácil, que formava uma covinha apenas de um dos lados; e a atenção com que ela observava Akil enquanto ele preparava sua comida preferida, o mansaf. As duas primeiras lembranças o enchiam do mais puro amor, mas a terceira despertava nele um pesar profundo e difuso.

Pois era justamente o cozido de cordeiro que Akil preparava para a festa daquela noite maldita. A festa de cuja ocasião não se lembrava — nem fazia questão de lembrar, já que, diante de um ataque surpresa de beduínos, a festa nunca chegou a acontecer.

Akil daria tudo para escolher a ordem em que suas memórias eram queimadas, mas infelizmente aquele era um dom que nenhum marid possuía. Assim, por mais que não quisesse, ainda se lembrava muito bem daquela noite. De como havia lutado ao lado dos homens e mulheres da pequena caravana que, anos antes, havia acolhido o marid como membro sem maiores perguntas. De ter lutado primeiro com a espada e depois despindo—se da forma humana, transformando—se em vento, em fogo e em pesadelo. Lembrava—se, em especial, do desespero congelante do metal enfeitiçado dos inimigos tocando seu espírito, despindo—o de matéria, aprisionando—o na velha garrafa de cobre que, séculos mais tarde, seria levada para além—mar por algum imigrante incauto a respeito do valor de seu espólio.

Era triste que a maior parte das memórias fossem tão amargas,

mas aquilo era quase tudo o que se lembrava dos velhos tempos, antes de ser libertado naquela terra estranha onde o ar era úmido, o chão era plano e firme, coalhado de árvores, e pessoas de todos os tipos corriam de um lado para o outro. Depois de centenas de anos de latência dolorida em seu exílio imaterial, tudo o que havia lhe restado tinha sido envergar a forma de homem e aprender sobre os paletós e chapéus que poderia fazer para sobreviver, sobre o arroz e o feijão, sobre os bondes que precisava pegar para percorrer distâncias maiores, sobre a sociedade paulistana que ignorava a existência de marids e ifrits e ghuls, ainda que vários deles se espalhassem pelo centro, pelo Brás, pelo Mercado. Ali, em São Paulo, todos eles eram vistos como força de trabalho e nada mais.

O tempo passou e as coisas mudaram, para melhor ou para pior. Bondes haviam dado lugar a ônibus e metrôs; os paletós e as camisas de Akil haviam saído de moda; o arroz e o feijão não custavam mais apenas alguns contos de réis.

E agora também havia o medo.

Mesmo sem conhecer seus poderes, sem saber do que seria capaz se tivesse a disposição de usar sua essência, os homens agora temiam a aparência de sua forma humana. Suas feições, seu sotaque, suas roupas e sua religião eram julgados perigosos, ainda que tantos outros perigos mais profundos — tanto mundanos quanto místicos — permeassem as entranhas daquela cidade, tocando as raízes e se espalhando pela superfície como um fungo.

Humanos.

Akil suspirou e, sem pressa, preparou mais chá. Desligou a chaleira, mas o apito agudo persistia dentro da sua cabeça. Naquele momento, porém, não sentia mais raiva ou desespero. Estava resignado. Se seus próprios sentimentos emitissem algum tipo de sinal, certamente endossariam o coro da tristeza que parecia infinita.

Quando deu por si, o dia já amanhecia por detrás dos prédios que sufocavam as ruas. Akil lavou o rosto, checou a barba grisalha no espelho, se vestiu sem muito esmero e desceu para a loja. Era domingo, dia de movimento bom, mas Akil decidiu não abrir o negócio. Saiu pelos fundos e tomou o caminho até o Mercadão, uma ideia fixa na cabeça. Precisaria de cordeiro, amêndoas, leite de cabra, pão. Um punhado de cardamomo, cominho e pimenta, além de um tanto de arroz basmati. Embalado pelo persistente ruído de fundo, decidiu que, naquela tarde, brindaria à própria melancolia preparando um pouco de mansaf.

Sem pressa, Akil passeou pelas ruelas cheias de aromas e visitou as barracas apinhadas de coisas de outras terras, garimpando seus ingredientes com esmero. Quando já tinha tudo que precisava, tomou o caminho de volta para a loja.

Em mais uma de suas desorientações, o marid entrou em uma rua diferente e vazia. Estava na metade da travessa desconhecida quando a lamúria pesou em sua cabeça e Akil cambaleou, desnorteado, apoiando—se na parede para não cair.

Foi quando ouviu a voz. Pela maneira como as palavras se entrelaçavam com o assovio oscilante, Akil soube imediatamente que a voz pertencia ao homem a quem também pertencia aquela tristeza.

"Zefa, filhinha... O pai já lhe disse, mas tu aproveite muito a festa, visse?"

Akil pousou as compras no chão e olhou para cima. Um homem falava ao telefone, debruçado na sacadinha de um prédio antigo. Pela grade do parapeito, o marid viu o homem segurando o choro, o telefone grudado no ouvido.

"Pois é, pois é. Zé Mateus é moço bom, ele vai cuidar bem de tu." A voz saiu trêmula, forçadamente animada. Dependendo da qualidade da ligação, poderia até convencer alguém que quisesse ser convencido.

"Então, pronto. Tá acertado." O homem se inclinava de um lado para o outro, provavelmente procurando um sinal melhor. "Assim que der, o pai vai. E Zefinha..." Ele ficou em silêncio por um instante. "Perdoa o pai, tá?"

Incapaz de se controlar, o homem tampou o bocal do celular e

chorou. Em resposta, o zumbido dentro da cabeça do marid se avultou, o sopro do vento transformado em furação.

"Ô, Senhor, porque faz isso com Seu filho?", murmurou ele para os céus, enxugando as lágrimas com os dedos. Quando ele enfim suspirou fundo, o barulho nos ouvidos do marid diminuiu para um silvo suportável.

Akil firmou–se nas pernas cambaleantes e, ignorando as dores nas costas, abaixou–se para pegar as sacolas. Conhecer o portador daquela tristeza não resolvia o problema, mas ajudava: Akil agora sabia quais regiões do bairro evitar durante aqueles dias. Não queria se envolver.

Não podia se envolver.

"Tá. Tá bom. Isso." O marid já estava quase na esquina, mas a voz do homem reverberava por toda a ruela, se fazendo ouvir. "Mande beijo pras criança e pra Zé Mateus também, que..."

"Januário!" Outra voz masculina veio de dentro do prédio. "Venha jogar, homem!"

"Oxe, já vai!", ele gritou de volta, antes de retornar para a ligação. "O pai vai indo, jogar um carteado pra esfriar a cachola. E ó: o pai não vai te ver, Zefa... mas eu sei." De onde estava, Akil não via mais seu rosto, mas seu tom transparecia o esforço para sorrir. "Eu sei que tu vai ser a noiva mais bonita de todas."

Akil estacou no lugar quando memórias indesejadas tomaram sua mente. As sacolas escorregaram das mãos enrugadas e voltaram a se esparramar no chão. Uma senhora que passava pela rua parou para ajudar mas recuou de costas, assustada, quando viu sombras revoltas nos olhos do marid.

Sombras que pairavam sobre o futuro enquanto Akil se encarregava de fazer o mansaf para a festa daquela noite.

A cerimônia de casamento de Aisha.

Que, diante de um ataque surpresa de beduínos, nunca chegou a acontecer.

Quando outra pessoa parou para perguntar se estava tudo certo,

Akil aceitou a ajuda para recolher as compras e garantiu que ficaria bem. Chegou a caminhar por algumas quadras, praguejando em árabe e maldizendo mais uma vez a maneira com que os sentimentos humanos o afetavam. Mas a quem queria enganar? Uma pessoa precisava dele. Alguém como ele, que havia confiado na ajuda divina que nunca veio enquanto sua família se esfacelava sem que pudesse fazer nada.

Akil repassou as memórias que restavam de Aisha, suspirou e voltou até a casa onde funcionava o que parecia ser uma pensão.

Bateu na porta até alguém atender. Não era o homem da sacada, então improvisou uma desculpa dizendo que precisava conversar com Januário sobre um serviço. Depois de alguns minutos, o homem surgiu à porta com o cenho franzido e cumprimentou Akil com um aperto de mão firme.

"Pois não?"

O marid se apresentou brevemente e foi direto ao ponto, tentando articular as palavras com cuidado. "Eu precisa falar sobre casamento de sua filha." Akil nunca havia perdido o sotaque e mal se lembrava da última vez em que havia conversado direito com alguém, mas precisava ser objetivo.

O uivo de tristeza continuava intenso, mas uma mistura de outros sentimentos embolou-se com o primeiro assim que Akil falou. Preocupação, raiva, pesar, medo.

"Aconteceu alguma coisa com Josefa?" Januário saiu da pensão com um movimento brusco, mas se acalmou quando Akil recuou.

"Não, não." O gênio balançou a cabeça, suspirou e então levantou os braços, mostrando as compras. "Pode ajudar com sacola até a loja?"

Januário fez uma cara feia e hesitou, mas enfim pegou os pacotes das mãos de Akil e o guiou pelo bairro até o endereço indicado pelo marid. Não trocaram uma palavra durante o caminho, a tristeza do homem ainda mais evidente no silêncio tácito. Januário parecia curioso o suficiente, mas o marid achou por bem oferecer um chá para quebrar o gelo. O homem negou, mas disse que aceitaria um café.

"Quando é casamento?" Akil serviu as duas xícaras com o café recém-passado e também se sentou à pequena mesa.

"Olhe aqui, seu moço, eu não tô disposto a brincadeiras não, visse?" Januário alertou, dando uma bicada na xícara. "O senhor parece um homem direito, mas não brinque comigo não..."

Quando Akil negou com a cabeça, calmo, Januário deu mais um gole e suspirou. "O casamento é bem hoje de tarde, seu Akil. Dia de São João Batista", disse, orgulhoso, e fez o sinal da cruz.

Dali a algumas horas. Akil bufou e cobriu o rosto com as mãos. Havia muitas maneiras de ajudar Januário, cada uma com uma contrapartida diferente. A urgência do caso, porém, não deixava muita escolha.

"Eu também tinha filha. Aisha." Akil coçou a cabeça quando o homem se ajeitou na cadeira, a expressão relaxando. Por um instante, o uivo de tristeza amenizou–se, misturando–se ao zumzum habitual do bairro. Sentindo–se mais disposto, o gênio continuou. "Eu também não vi casamento de Aisha."

"O que houve com a menina?" A voz de Januário saiu quase em um sussurro.

"Homens chegou, teve luta. Levou Akil embora, Aisha ficou para trás." Akil balançou a cabeça. "Ouviu de filha uma vez, depois. Ficou bem. Mas longe, muito longe."

"Foi... a guerra, é?" balbuciou Januário.

Explicar tudo seria difícil demais, então Akil apenas assentiu. De todo modo, era como se fosse mesmo uma vítima da guerra: exilado, preso e mutilado, privado da parte mais importante de si.

Lembrou-se dos olhos e do sorriso da filha. As imagens o encheram de angústia pela possibilidade de perdê-las, então abriu a boca para encerrar a conversa. Quis dizer que lamentava, que infelizmente não podia a perder as últimas lembranças da filha para ajudar um desconhecido, mas algo em Januário — um brilho apaixonado nos olhos, quase feroz — fez o marid mudar de ideia. Dentro dele, vibrou de novo

a certeza de que todos os espíritos, humanos ou não, tinham o direito de ser livres como o vento no deserto.

Akil tomou todo o café, serviu–se de mais uma xícara e tomou outra dose de coragem misturada à cafeína.

"Conta de filha sua. Zefa."

A mente do marid foi tomada pelo carinho, pelo o ruído dos grãozinhos de areia batendo de leve nas folhas dos coqueiros. Já seria suficiente para convencer a pequena parte de Akil que ainda precisava ser convencida, mas Januário ainda abriu um sorriso sincero.

"Josefa, ela... Ela é a coisa mais linda desse mundo." Ele disfarçou uma fungada, coçando o nariz. "De pequenininha Zefa já fazia graça com as coisa, fingia tremer de medo quando eu imitava bicho—papão. Até hoje é menina feliz que dança sozinha quando ouve um forró, que levanta de madrugada quando um dos irmão cai doente de cama... Principalmente depois que a minha Maria se foi. É que sabe o quê, seu Akil? Ela tem mão boa." Ele não parecia mais falar para o marid, mas para si próprio. "Mão boa com a rocinha nossa, mão pra fazer farofa e dobradinha, pra cuidar dos bicho... Zefinha quando criança tinha mão boa até pra fazer as letra e os número. A professora é que disse!" Januário suspirou. "Pena que não deu pra ser doutora. Ia ter mão boa pra dar carinho pra quem não tem e precisa." Depois de um breve silêncio, Januário sorriu. "Mas não tem aperreio não, agora ela mais Zé Mateus vão arrumar a vidinha deles. E vai ser melhor que a minha, vai sim."

Akil conhecia aquela sensação de gostar mais de outro do que de si, de se conformar com a própria miséria se houvesse esperança em um futuro mais valioso que o seu próprio. O gênio não tinha mais escolha.

"Bom, eu pode ajudar a ir em casamento." Akil se levantou, gemendo quando a coluna estalou. Januário se empertigou na cadeira e o gênio ouviu a nota característica da mistura de desconfiança com medo.

"Olha, seu Akil, mesmo que o senhor seja rico, mas rico mesmo, tipo aqueles político..." Januário olhou o relógio de parede. "O casório é daqui a pouco. E a casinha nossa fica no cafundó do Judas. Lá não chega avião, não... Vai todo o tempo da viagem, mais umas três hora de carro desde o aeroporto da capital." Ele suspirou, e Akil ouviu a frustração. "Não dá mais tempo não. Mas eu... agradeço."

"Não, não avião."

"Oxe! Como então, homem?"

Akil suspirou. Em outros tempos, o marid teria explicado o que era, como seus poderes funcionavam, o que cada tipo de espírito do deserto era capaz de fazer. Em outros tempos, Akil não teria se utilizado daquele truque que era quase uma trapaça. Mas ele estava cansado e impaciente, então fechou os olhos, despertou uma fagulha de seu fogo interno e aqueceu o ar ao redor. Concentrado, moldou o mormaço na forma de duas linhas diagonais a partir das costas.

Viu os olhos de Januário arregalarem—se quando fez o calor se expandir na forma de asas. Mudo de espanto, o homem caiu sobre os joelhos e começou a chorar, as mãos unidas na frente do corpo, o rosto mirando o céu em agradecimento pelo milagre.

"Eu sabia que o Senhor ia me ouvir..." murmurava, entre preces, repetindo o sinal da cruz.

Akil deixou Januário lidar com aquilo por alguns instantes, mas o deteve pelos ombros quando ele se moveu para beijar seus pés. O homem enfim levantou e abraçou forte o marid, mais calmo.

Mais fácil assim, pensou Akil.

"Primeiro, precisa aprontar pra festa." Ele apontou para Januário, indicando a calça social puída, os chinelos, a camiseta manchada estampada com o número de um vereador. "Precisa de roupa. Roupa de casamento."

Januário balbuciou alguma coisa sobre não ter dinheiro e poder emprestar uma camisa melhorzinha com o Bira da pensão, mas Akil balançou a mão e o conduziu até o térreo.

Ele passou os olhos pela alfaiataria, pensando nas últimas peças prontas. Nada parecia bom, até que se lembrou do conjunto bege de lã fria que ainda estava no manequim esperando os últimos ajustes. En-

tregou uma toalha, um barbeador e um pacote de cuecas para Januário e, enquanto o homem se aprontava no banheiro do térreo, escolheu uma camisa e uma gravata que combinassem.

A calça serviu perfeitamente, assim como a camisa. O terno precisou de alguns ajustes nos ombros e nos punhos para cair bem no corpo atarracado de Januário, mas as mãos hábeis de Akil cortaram e costuraram nos lugares certos e logo a peça parecia feita sob medida. Os sapatos, emprestados do próprio Akil, ficaram um pouco apertados e a cor do couro não combinou tão bem com o resto do traje, mas seria suficiente. Quando o homem terminou de se vestir e se viu no espelho de corpo todo, o marid ouviu na mente o leve e tímido tinir de orgulho.

"Agora eu tô charmoso!" Januário alisou a barba aparada e virouse para Akil. "E o senhor, seu anjo?"

Akil demorou alguns instantes para entender que ele se referia à sua roupa. Pela dinâmica do encantamento, os dois teriam que viajar juntos, mas o marid sequer tinha cogitado a ideia de ir à festa.

"Não, eu vai ficar só esperando, e..."

"O quê?" Januário o interrompeu, segurando-o pelos ombros. Seus olhos brilhavam. "Um enviado do Senhor vai me levar ao casório de Zefinha e não vai aproveitar a festança? Mas de jeito nenhum!"

Akil tentou argumentar, mas Januário insistiu com tanta veemência que o gênio achou que seria mais fácil subir de uma vez por todas e se arrumar. Quando desceu, Januário andava de um lado pro outro, nervoso, sem tirar os olhos do relógio.

Estavam em cima da hora, mas Akil ainda precisava explicar como seria a viagem e, principalmente, qual seria o preço.

"Escuta: algumas coisas Akil pode explicar. Outras, não."

Januário deu um passo à frente e tomou as mãos do gênio entre as suas. Sua testa estava coberta de pequenas gotinhas de suor.

"Olhe, eu sou muito temente a Deus, muito mesmo." Ele apertou as mãos do marid. "Não precisa explicação, não. Se Ele mandou um anjo pra mim... Tô pronto."

O marid assentiu.

"Akil pode sentir o que tem dentro de gente, de planta, de bicho. Sente a vida." Tocou o peito de Januário. "Vai procurar vida em casa de Januário, e aí puxa nós dois pra lá. Mas pra isso, precisa de vida forte... âncora."

"Então pronto!" Januário bateu uma palma, determinado. "Vai ter muita gente e bicho forte no casório, é só escolher e..."

Akil espalmou as mãos e o interrompeu. "Acontece que âncora, depois que volta da viagem, ela..." Ele suspirou, e esperou que seu suspiro fosse claro o suficiente.

"Ai, minha nossa senhora. Deus leva, é?", murmurou Januário. Ele olhou para o relógio, então para Akil, então para o relógio de novo, e depois seu olhar desfocou com o esforço de pensar rápido. "Bão, se é o plano de Deus... Nós temo uma vaquinha e um touro, mas a bichinha ainda dá leite e fica prenha, e o boi ajuda a arar a rocinha. Tem a cachorrada e o gato zarolho, mas as criança se apegou tanto que é pecado..." De repente, seus olhos se iluminaram. "Xodó. O jeguinho."

Akil confirmou com a cabeça. Um jegue seria mais do que suficiente.

"Xodó é um jegue bão... mas já tá velho e cansado, não consegue nem carregar a carcaça em cima das pata direito." A voz de Januário falhou. "A Zefa é que não quis vender o danado. Disse que ele ia ficar com saudade. Vê se pode, jegue com saudade..." Deu uma risadinha. "Ah, saudade..."

Saudade. O marid fechou os olhos e pensou no que estava prestes a fazer. Pensou em como tudo era mais fácil antes, quando memórias menos importantes estavam em jogo. Talvez tivesse feito escolhas melhores se soubesse quão valiosas eram suas últimas grandes memórias, mas era tarde demais para lamentar. Então se aproximou e pousou as mãos sobre os ombros de Januário. Ele precisava entender que desafiar o tempo e o espaço daquele jeito custaria um preço alto. Tanto do marid quanto do homem.

"Dói", disse Akil. "Mas é assim. Sacrifício."

Januário afirmou com a cabeça, e também pousou as mãos sobre os ombros de Akil.

Sem mais demora, o gênio fechou os olhos e avivou sua essência, tal qual um ferreiro inflamando a fornalha. Sorriu quando sentiu o poder fluindo do peito, fazendo formigar os braços e as pernas e ativando sentidos adormecidos, algo que não sentia havia tanto tempo.

Buscou a vitalidade de Januário, que arfou quando sentiu a própria essência vibrando em ressonância com a do marid. Depois o gênio foi um pouco além e encontrou as bifurcações, algumas dezenas de ligações que, de uma maneira ou de outra, conectavam aquele homem a outras criaturas vivas. Akil sabia que ele estaria pensando no jegue e, de fato, logo encontrou a ligação que vibrava de modo diferente.

Para alívio do marid, o animal ainda estava dentro da amplitude de seu poder — no limiar, mas ainda ao alcance. Tentando não pensar mais no que estava prestes a perder, Akil amarrou–se à essência de Januário, fechou os olhos e *puxou*.

Para ele, deslocar—se foi como experimentar mais uma vez a sensação de se despir de matéria, de se misturar ao ar e ao fogo e fazer parte de algo maior. Mas ele sabia que para o homem a viagem não seria mais que um desmaio, um instante de inconsciência e confusão.

Tomou o cuidado de despertá-lo devagar.

"Oxe!"

Januário sentou–se de supetão, atordoado. Então olhou pra cima e semicerrou os olhos quando a luz forte do sertão tocou seu rosto. Admirado como uma criança, acarinhou o chão, pegou um punhado de poeira e a deixou escapar pelos dedos. Então juntou as mãos e balbuciou uma prece, repetindo o sinal da cruz como fizera antes.

Enfim, Januário levantou–se do chão, batendo a calça e o paletó para espanar a terra vermelha. Virou–se para o marid com um sorriso no rosto, que logo morreu quando olhou para o lado. "Ah. Oi, Xodó. Oi, Xodózinho do pai."

O velho jegue estava amarrado a uma cerca, diante da pequena casinha de paredes caiadas. Ele não parecia nem um pouco preocupado em estar sendo usado como âncora para o encanto do marid, pois apenas olhou para os recém—chegados e balançou as orelhas.

Januário olhou em volta. Pelo silêncio, a casa estava vazia. Como se coordenado com o pensamento, um sino badalou ao longe. Uma, duas, três, quatro vezes.

"Oxe, o casório vai começar é já! Bora pra matriz, seu anjo!"

Xodó parecia mesmo abatido e cansado. Montá-lo estava fora de cogitação, então tomaram o caminho de terra a pé mesmo, o mais rápido que o corpo fragilizado de Akil permitia. Dali era possível ver a torre da igreja, não muito longe, mas precisariam acelerar se quisessem chegar a tempo de assistir pelo menos uma parte da cerimônia. Estavam quase no meio do caminho quando o som dos cascos acusou a carroça que vinha pela estradinha.

"Zé Paulo! Joaninha!" Januário ergueu as mãos, ofegante.

"Januário...?" O condutor puxou as rédeas e o jegue diminuiu a velocidade. Zé Paulo vestia camisa xadrez e sapato e o cabelo estava úmido, penteado para o lado. Joaninha, ao seu lado, usava um vestido de chita colorido, brincos e pó de arroz, e as quatro crianças apinhadas no banquinho de trás pareciam miniaturas dos pais. "O que tu tá fazendo aqui, homem? Tu não tava lá pras banda de São Paulo?"

"Eu até tava, mas é que Zefinha tá casando!"

"Ora, e eu não sei?", riu-se o homem. "É pra lá mesmo que nós tamo indo..."

"Nós tamo é atrasado, isso sim!", interrompeu Joaninha, aflita. "Januário, tu suba aí com seu amigo que a noiva atrasa, mas não tanto! Juca, pula lá pra perto de Mariinha! Vá!"

Para o alívio geral, os convidados ainda estavam espalhados na praça da igrejinha quando chegaram de carroça. Enquanto Zé Paulo amarrava o jegue e Joaninha ajeitava a roupa das crianças, Januário subiu correndo as escadarias, procurando pela família.

Akil ficou para trás e caminhou até a igreja devagar, se sentindo um intruso no meio daquelas pessoas que se cumprimentavam e riam à espera da cerimônia. Optou por ficar no banco mais ao fundo, discreto. Não presenciou o momento do reencontro de Januário e Josefa, mas o rosto da moça estava marcado por lágrimas contidas de alegria quando ela entrou pelo corredor com um dos braços dados com o pai e o outro com um moleque de 15, 16 anos, que parecia feito na mesma forma que Januário.

A cerimônia foi rápida e simples, mas Josefa e Zé Mateus pareciam radiantes. Akil não conhecia em detalhes o significado dos rituais das orações, mas dentro da sua cabeça os sentimentos dos presentes tocavam uma sinfonia tão esfuziante que não havia dúvidas quanto à emoção geral.

Depois do casamento, Januário tentou chegar até Akil, mas acabou cercado por gente que queria cumprimentá—lo, parabenizá—lo pelo casamento ou apenas perguntar sobre a visita surpresa, uma história que o homem tomava o cuidado de contar com meias palavras. Notando que o reencontro ainda ia longe, Akil aceitou a carona de carroça com Zé Paulo e voltou antes para a casa da família da noiva, brincando com as crianças apinhadas ao seu redor.

Quando chegaram, os voluntários da festa já estavam em polvorosa. Mulheres cuidavam da comida e homens carregavam cadeiras, instrumentos musicais e garrafas de bebida de um lado para o outro. Inibido, Akil distribuiu alguns sorrisos sem graça e foi ver Xodó. O jegue estava no mesmo lugar, impassível. O marid podia sentir a essência do animal, e era nítido que ela também estava quase no fim.

Akil se aproximou para acarinhar seu pescoço. Sentiu os músculos se retesando sob o pelo, o sangue quente correndo pelas veias. Viu nos olhos do jegue que ele não tinha consciência alguma da própria efemeridade, e então lembrou–se que já havia experimentado aquela sensação.

Quase não tinha mais memórias nítidas daquela época, mas sabia que um dia havia sido capaz de envergar outras formas, experimentando outras formas de viver. Havia voado como abutres, galgado as dunas como camelos, deslizado pela areia como serpentes, e muito mais. Mas havia perdido aquele poder muito cedo, depois da tentativa frustrada

de se reencontrar com Aisha. Um feitiço errado, grande demais para seus poderes, e estava preso para sempre no corpo humano que usava em suas andanças desde que havia chegado a São Paulo.

"Ó os noivos!", alguém gritou, despertando–o do devaneio.

Josefa e Zé Mateus chegaram montados em um belo cavalo branco enfeitado com fitas, e, após algumas palavras emocionadas do noivo, a festa começou para valer.

Depois de mais um tempo matando as saudades de amigos e membros da família aqui e ali, Januário enfim conseguiu se desvencilhar dos convidados e foi ter com Akil.

O marid sorriu quando a alegria do homem antecipou sua chegada, chilreando forte.

"Eu não sei o que fiz pra merecer, mas..." Januário coçou a cabeça. "Muito obrigado por ter vindo em meu auxílio, seu anjo." E puxou Akil em um abraço desconjuntado, que foi retribuído com carinho. Ele não estava tão longe da verdade, afinal.

"Agora vamo aproveitar a festança, vamo?" Ele puxou Akil pela mão, insistindo quando o gênio resistiu, resmungando. "Oxe, não se avexe, não. Quero lhe apresentar Zefinha!"

Economizando nas explicações, Januário introduziu Akil aos noivos e aos outros filhos e filhas, que o cumprimentaram sem maiores questionamentos. Depois o homem puxou o marid para o meio da festa, fazendo questão de entrosá—lo em cada grupo ao qual se juntava.

Tímido a princípio, Akil logo foi contaminado pela animação ao redor. Achou que estava velho demais para dançar, mas bateu palmas e riu com as acrobacias dos casais que levantavam poeira embalados pelo forró tocado pelos amigos do noivo. Experimentou um pouco de cada comida, surpreso com alguns sabores novos mesmo depois de tantos anos naquele lado do oceano. Brincou com as crianças pequenas que riam sem parar de suas caretas, fez festinha nos cachorros que transitavam entre as pernas das pessoas e, como havia muito não se permitia, bebeu até ficar tonto.

Ele não se lembrava de uma ocasião em especial, mas seu corpo e

seu espírito aproveitaram a festa com tanto desprendimento que Akil teve certeza de que já havia festejado daquela maneira no passado. Por um instante, sentiu a brisa quente do deserto e os cheiros dos temperos, viu as cores dos panos esvoaçantes nas tendas, ouviu os toques da percussão e das cordas e dos sopros e, por alguma razão misteriosa, toda vez que via Josefa dançando com o marido ou com Januário, sentia um misto de pesar e carinho.

A festa avançou noite adentro. Enfim os cachorros se enrodilharam pelos cantos, a música parou, as crianças dormiram em colos e em colchões, os copos se esvaziaram. Já era alta madrugada quando os últimos convidados partiram, deixando os resquícios da festa para trás. Akil estava exausto em vários sentidos, por isso aceitou de bom grado quando Januário montou uma rede na varanda e lhe ofereceu a cama. Pela primeira vez em muitos anos, o gênio dormiu tão profundamente que acordou com o sol já a pino.

Assim que abriu os olhos, ouviu o choramingo dos filhos despedindo—se de Januário no quarto ao lado. Ficou na cama até que o silvo de tristeza e saudade amansou. Ele ainda estava lá; mas, abafado pela alegria, não parecia em nada o lamento enlouquecedor de antes.

"As criança, Zefa e Zé Mateus tão tudo cansado da festa, vão dormir mais um pouco", disse Januário, entrando no quarto. Akil não gostava de despedidas, então só concordou com a cabeça, grato, quando o homem lhe estendeu uma caneca de café com leite e disse que estava pronto para voltar.

Akil cogitou sugerir a Januário que ficasse, ou que levasse toda a família para São Paulo. Mas as coisas não eram tão simples e sabia que, ainda que fosse um marid repleto da mais poderosa essência, não seria capaz de solucionar aquele problema com um encantamento qualquer. Ao longo de muitos séculos de convivência com a humanidade havia aprendido que os problemas dos homens eram como plantas daninhas: para eliminá—los de uma vez, era preciso atacar a raiz. Tudo seria mais fácil se as pessoas entendessem aquele conceito simples, mas, pelo visto, elas não estavam muito preocupadas em aprender com a natureza.

O marid preferiu não olhar enquanto Januário se despedia de Xodó. Prometeu ao homem que o jegue não sofreria, que o pouco de vida que ainda lhe restava se esvairia de modo natural quando a conexão com o animal fosse desfeita. Januário enfim enxugou as lágrimas e abraçou Akil pelos ombros, como se fossem velhos amigos.

Na volta, o homem despertou da viagem menos assustado. Tentou devolver o terno e a calça, mas Akil insistiu que ficasse com o presente. Ofereceu um chá, mas Januário agradeceu e disse que precisava voltar para a pensão. Era segunda–feira, dia de sair para procurar alguns bicos para a semana.

Emocionado, Januário agradeceu tanto que Akil teve que enxotálo gentilmente pela porta para que partisse.

"Eu vou voltar pra tomar café com o senhor de vez em quando, tá ouvindo, seu anjo?" Januário prometeu, já na rua, e Akil aquiesceu. Não quis dizer que, se ele não voltasse dentro de poucos dias, mal lembraria seu nome. Se ele demorasse mais ainda para visitar — algumas semanas, talvez — seria como se nunca tivessem se conhecido. De todo modo, ter alguém com quem tomar um chá seria bom, muito bom.

Assim que fechou a porta, Akil subiu para tomar um banho demorado primeiro, tirar a poeira do corpo e tentar aproveitar ao máximo as lembranças do casamento, que, ele sabia, logo sumiriam daquela mente que não conseguia mais reter muita coisa. Não sabia se era só pela sua condição de marid ou se era a velhice chegando àquele corpo que, enfim, seguia o ritmo dos homens, depois de muito tempo de lento envelhecimento. Mas a verdade era que se sentia cada vez mais confuso.

Foi até a cozinha e colocou uma chaleira de água para ferver. Enquanto procurava uma caneca limpa no meio da bagunça, esbarrou nas sacolas de feira que havia deixado sobre a mesa. Não se lembrava muito bem do que havia nelas, embora tivesse uma vaga noção de ter visitado o Mercadão. Abriu a primeira sacola e espiou dentro dos saquinhos de papel: arroz basmati, amêndoas em lascas, cardamomo e um outro tempero de cujo nome não lembrava.

Curioso, abriu a geladeira e, no meio de uma das prateleiras vazias, viu o pedaço de carne que lembrava cordeiro, mas talvez não fosse.

Colocou um punhado de chá numa xícara, despejou a água fervente sobre as folhas e, enquanto a infusão ficava pronta, ponderou sobre as compras. Os ingredientes pareciam combinar entre si, mas já não lhe ocorria uma receita. Bebericando o chá, deu de ombros, consultou a folhinha presa na porta da geladeira e, aproveitando que a loja ficava fechada às segundas—feiras, foi trabalhar em algumas peças de alfaiataria.

Embora estivesse mais descansado do que nunca, naquela noite Akil caiu no sono tão logo deitou a cabeça no travesseiro. Por um inesperado milagre, logo mergulhou em sonhos profundos e muito reais. Nele, seu novo amigo Januário e a filha Josefa dançavam forró dentro de um castelo invisível erigido sobre dunas revoltas pelo vento. Quando fechou e abriu os olhos, ele era Januário, e a moça com quem dançava não estava mais de branco, mas vestida com tecidos coloridos tingidos a mão. Quando ela virou o rosto e olhou fundo nos olhos de Akil, ele enfim notou que as íris negras tinham um leve fundo furtacor, e que a boca envergava um sorriso de menina que formava uma covinha de um lado só.

Por alguma razão, aquela visão o fez feliz, mais feliz do que havia se sentido em muito, muito tempo. E, embalado pelo chilreio leve do próprio coração, Akil enfim dormiu.

\* \* \*

JANA P. BIANCHI é engenheira, escritora, viajante, colaboradora do Clube de Autores de Fantasia, roteirista do podcast Curta Ficção e do audiodrama Ecos da Galeria e passeadora de lobisomens. Publicou a novela *Lobo de rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e o conto *Antologia* (revista Trasgo #09). Desde 2014, passa metade do tempo em Paulínia (SP) e a outra metade na Galeria Creta, estabelecimento dos submundos de São Paulo onde a realização de qualquer desejo está sempre em estoque. Pode ser encontrada no Twitter como <u>@janapbianchi</u> e na newsletter que pode ser assinada em galeriacreta.com.br/beco.

# SEM CABEÇA

Andriolli Costa

SE VOCÊ PUDESSE SONDAR qualquer uma das testemunhas do caso que ficou conhecido como *O massacre de São João del Rei*, as três diriam a mesma coisa: tudo começou numa noite quente. Pois o senhor fique assegurado de que este não se trata de um mero artifício de contadores de histórias, que sempre situam o causo numa "terça—feira que chovia muito", ou numa daquelas "noites sem estrelas" esquecidas por Deus. Ah, esses cordelistas da previsão de tempo são dos mais comuns hoje em dia, não é verdade? Mas não é o caso, não senhor. Em São João, no interiorzão de Minas Gerais, fazia um calor da bexiga mesmo. Daqueles de deixar a pele melada e a nuca escorrendo.

Aquilo era coisa das mais absurdas, veja você. Era junho avançado, e a peãozada era acostumada a deixar a pala amarrada na cintura para caso o clima resolvesse fresquear de tardezinha. Só que, naquela noite, mesmo com o sol pedindo licença, o mormaço estava tão pesado que poderia ser cortado com faca e passado no pão. O povo se abanava com o que tinha, espalhava bacias de água pelos cantos e até improvisava ar—condicionado com a porta aberta da geladeira. Não à toa os mais novos repetiam, sem medo do clichê, que a cidade havia aberto uma sucursal do próprio Inferno.

O calor aquele dia foi tão marcante que Seu Onofre, dono do bolicho, na certa se lembraria que fechou mais cedo porque a cerveja gelada não deu nem pro cheiro. Ele bem que havia pensado em servir quente mesmo, mas aquilo tinha um gosto pior que mijo de égua e não valia a pena ouvir a incomodação dos clientes. Quando a última gota secou não era nem dez da noite. Onofre tocou o último pé-de-cana porta afora e seguiu despreocupado em direção à casinha que havia acabado de montar lá pelas bandas do centro mesmo, vez ou outra pu-

xando a inseparável toalhinha do Galo que trazia no ombro pra secar o suor da cara redonda.

Seu Zé Pedro, que voltava para casa com uma caixa de picolés, também comentaria algo parecido. A noite andava tão modorrenta que, no caminhão, daqueles que vendiam sorvete na bacia, só havia sobrado picolé — e de coco queimado. Uva que é bom, nem unzinho pra contar a história. E daquele azul com gosto de nada, mas que pinta a língua então... Dudu ficaria chateado. Pelo menos Mariana, a mais velha, não teria do que reclamar. Ele tinha conseguido salvar um de milho verde e fazer um agrado à filha. Era pra ser o favorito dela. Mandou até mensagem pelo celular avisando que estava chegando. Pra causar expectativa, costumava brincar.

O calor era tanto aquela noite que o padre Gerônimo nem tinha estranhado muito a falta de um par de famílias na Missa. Ainda assim, era imperdoável. É nessas horas que o diabo atenta, e a palavra de Deus precisava ser ainda mais reforçada. Ia preparar um sermão bem dado praquele domingo. Ô se ia.

Esse inquérito todo, claro, é pura especulação de nossa parte. Depois daquela noite, nem seu Onofre, nem Zé Pedro e nem mesmo o padre Gerônimo puderam falar mais coisa alguma. Pelo menos não nesse mundo. A vizinhança só fez ouvir um grito. Um berro tão horrível que as famílias primeiro fecharam as próprias portas e janelas e só depois avisaram a polícia. Não demorou muito veio outro grito. E aí o terceiro. Esse ainda mais sofrido. Toda a ação não durou muito, foram talvez os quinze minutos mais longos da vida dos moradores da cidade. O povo, todo encolhido, fazendo edredom de proteção naquele calor do tinhoso, tinha certeza que o pior já tinha passado.

Então veio a fumaça.

A paróquia estava pegando fogo. Um fogo que não apagava nem com o mutirão que a meia dúzia dos fiéis mais fervorosos conseguiu fazer sair de casa. O prédio queimou até as cinzas. Não sobrou nem um santo pra contar história. À boca pequena, diziam que alguém tinha visto o diabo em pessoa trotando pra longe, rindo do sofrimento

dos homens com uma gargalhada que era quase um *relincho*. Um outro olhou no relógio e viu que passava de meia–noite. Já era sábado.

Mais tarde, diriam que naquele ano houve um segundo Sábado de Aleluia. Era dia de expiar os pecados.

\*

O domingo passou murcho na cidadezinha. Missa não faltou, de jeito nenhum, pois Dom Vitório, bispo de Minas Gerais, veio às pressas celebrar em São João. A praça da cidade fez as vezes de paróquia para uma homilia fervorosa, mas que não foi suficiente pra espantar o medo. As palavras pastorais não faziam o cheiro de madeira queimada ir embora, nem abafavam os berros de dor que entraram pelas frestas das janelas fechadas e se instalaram no escuro da memória. Os mais desafortunados, coitados, foram os que chegaram primeiro nas cenas do crime. Fechavam os olhos e viam corpos retorcidos em chamas. Seu Onofre, Seu Zé Pedro, padre Gerônimo... gente de bem! Pobres almas em tormento. Tanto as que partiam quanto as que ficavam.

Já havia se passado uma semana, mas ainda havia muitas perguntas para serem feitas. E Ignácio era muito bom em arranjar respostas.

Numa cidadezinha encarnada no sertão de Minas, é de se pensar que tipos como Ignácio não passariam despercebidos por muito tempo. O sangue alemão denunciava—se fácil, deixando as orelhas vermelhas e o pescoço feito carne viva. Os olhos claros e agudos feito brilho de faca, mesmo por cima dos óculos, chamavam atenção em uma terra onde ter zôi de gato era motivo de deboche. Andava sempre de boina e às vezes até uma sombrinha para se proteger do sol — uma necessidade que os mais de sessenta anos de vida lhe impuseram. E, se nada disso fosse indício suficiente, não era preciso mais do que meio minuto de prosa para que o sotaque alegretense finalmente o entregasse como o único estrangeiro há mais de cem léguas dali. Mas Ignácio sabia fazer as perguntas certas, pras pessoas certas. Não precisava ficar escondido, só precisava ser rápido.

— Padre Ignácio? — tateou uma voz grave a sua frente. Um "shhh" do bibliotecário se fez ouvir, mais por costume do que por qualquer outra coisa. Não havia mais ninguém na Biblioteca Pública da cidade local além deles.

Ignácio levantou os olhos de um computadorzinho em que digitava rapidamente, exagerando na surpresa como uma criança que é pega no pulo. Quem falava era um moreno parrudo, na certa um cinquentão. Estava todo esbaforido, coisa de quem subiu as escadas correndo. A camisa branca entreaberta deixava o suor escorrer pelo pescoço junto com um escapulário. Os olhos escondidos atrás de lentes espelhadas disfarçavam a irritação que as veias saltadas no pescoço não conseguiam esconder. Ignácio abriu um sorriso e esperou o outro continuar.

— Lamento, Padre. Acho que nos perdemos do senhor na rodoviária.

Ignácio se levantou e apertou a mão do sujeito, enérgico, para o tormento do bibliotecário.

- Ahhh, mas o que é isso! a voz cantada prolongando as vogais. "Padre", "Senhor"... Vai querer beijar a minha mão também?
  - O homem hesitou. Realmente beijaria, se lhe pedissem.
- Não, não. Só Ignácio é o suficiente! ele ainda segurava a mão do homem. Era de uma simpatia quase intimidadora. Você é o motorista, certo?

Ele era. Só não sabia ao certo como o padre poderia saber com certeza.

- Seu braço esquerdo é mais escuro que o direito. O sol, sabe?
  emendou Ignácio, como que entendendo a pergunta no silêncio do outro.
  E não, não, não... Nós não nos perdemos; eu que cheguei mais cedo.
- O ônibus se adiantou, foi? quis saber Fábio. Mais cedo quanto?

Ignácio fingiu fazer as contas, movendo os lábios.

— Umas 12 horas. Eu troquei a passagem.

O homem sentiu as tripas virarem do avesso. Dom Vitório ia virar uma arara quando soubesse daquilo.

- Nós... Poderíamos ter ido lhe buscar se o senhor tivesse avisado e...
- Bobagem! Não se preocupe. Eu gosto de caminhar e nada como o ar da noite para arejar os pensamentos. Os tipos noturnos são fascinantes, não é verdade? Não tem os mesmos freios que de dia; falam o que realmente sentem e pensam. Uma maravilha!
  - A noite anda perigosa por aqui, padre...

Ignácio sorriu. Mas era um sorriso diferente.

- Sei muito bem. É por isso que estou aqui.
- O homem engoliu em seco.
- Dom... Dom Vitório está aguardando. Se pudermos...
- Claro, claro. É evidente! Ignácio se antecipou, juntando as coisas em sua valise, incluindo o pequeno netbook de viagem. A pilha de documentos da biblioteca deixou pra trás. Não era bobo nem nada; já tinha digitalizado tudo de que precisava.

No carro, os dois homens tocavam calados, com o ar-condicionado no talo pra fazer frente ao inferno do lado de fora. Engraçado, pensou Ignácio. Na noite anterior, quando ainda era quinta-feira, estava mais do que suportável. O padre bem que gostaria de ir com as janelas abertas para encarar de frente as ruas da cidade, mas o motorista insistira. Passava pouco das quatro e meia da tarde, e, apesar do medo, a vida seguia em frente — mas com um ritmo diferente.

Na saída de um colégio, as crianças ainda voltavam pra casa a pé, mas não macaqueavam por aí. Pelo contrário; caminhavam quase que em fila indiana, e sempre em grupos. Ninguém queria estar sozinho nas ruas depois do que acontecera na semana anterior.

O carro passou em frente ao Boteco do Freitas, que incorporou a triste freguesia de Seu Onofre. O dono passava agoniado de um lado pro outro, servindo cerveja quente e pastel gelado. Não tinha cara de estar bom, mas ninguém reclamava. As pessoas conversavam, riam de

vez em quando. Mas eram risos nervosos, os olhos na rua. Interessante. Nenhuma das mesas do lado de fora estava ocupada.

De quando em quando, Fábio olhava de esguelha para o carona. Realmente não lembrava nada um padre. Estava de jeans e camisa listrada, enfiada para dentro da calça. Os óculos dourados lhe caíam na ponta do nariz, e os cabelos e barba brancas emolduravam bem aquele rosto vermelho. Parecia um professor. Um engenheiro, talvez, mas não um sacerdote. Ignácio suava muito, mas não se abanava e nem reclamava. Fábio tentou quebrar o gelo. Quem sabe conseguisse dar uma especulada.

— Combustão espontânea — sugeriu.

Ignácio encarou o homem por alguns segundos. Alguém ali não era muito versado na arte de puxar assunto.

- Perdão?
- Acho que foi isso que aconteceu na outra sexta. Combustão espontânea. Passou na TV a cabo um documentário inteirinho só sobre isso. É científico, sabia?

Mais um silêncio.

— Curioso. É isso que estão comentando sobre o caso, Fábio? Que foi combustão espontânea?

O homem hesitou.

- Eu... Sim, acho que sim.
- Que engraçado... deixou escapar Ignácio. A assinatura da Net deve ser barata por aqui. Todos viram o programa? Ou será que tem na Netflix? Sabe Netflix?

Silêncio no carro. Fábio ajeitou os óculos e olhou pra frente. Ignácio não parava de sorrir. Calmamente puxou a valise e retirou de lá um celular. Um Blackberry, daqueles bem classudos. A tela brilhou com a notificação, e o aparelho vibrou abafado nas mãos do homem.

- Sabe o que eu andei ouvindo, Fábio?
- O homem não respondeu. Ignácio passou os olhos no aplicativo por um instante, como que para confirmar o que diria.
  - O povo está achando é que foi assassinato.

Logo que chegaram à casa paroquial, Ignácio foi direcionado até o quarto que ocuparia durante sua permanência na cidade. Era um lugar... austero, digamos assim. Tomou um banho rápido, trocando a roupa por uma muda que carregava na valise. O dia realmente estava quente demais, e a roupa estava já empapada. Deitou sem os sapatos na cama dura que lhe aguardava e colocou os pensamentos em ordem. Fábio contaria tudo para Dom Vitório. Isso deveria abreviar o assunto. Quem sabe assim pudessem chegar logo a algum lugar. Havia muito a fazer, quem sabe ainda naquela noite mesmo.

Não demorou e alguém bateu na porta. Ignácio calçou os sapatos antes de atender. Era um garoto, avisando que o jantar estava servido. O cabelo era raspado e os modos discretos. Pele escura, olhos amendoados sempre apontando o chão. Ainda assim, no breve cruzar de olhos que tiveram, Ignácio percebeu alguma coisa. Um sentimento forte. O menino deu o recado e começou a se retirar. Era preciso agir rápido.

- Pataxó, certo? a voz se espalhou pelo corredor, fazendo o garoto estremecer. Voltou–se para o sacerdote e fez que sim com a cabeça.
- Claro, os "Filhos da Água". Imaginei, pela proximidade com a aldeia. Já estive lá, sabia? Há muito tempo. Xii! Tempo demais! riu, como se estivesse genuinamente se divertindo com a própria velhice.
  Você é seminarista, imagino.

O garoto balançou a cabeça novamente, dessa vez bem devagar. Processava todas as informações que o homem lançava. Ignácio começou a andar lentamente ao lado do garoto em direção à mesa. Ganhar a confiança de alguém era quase como jogar xadrez. Não; melhor: era feito pescaria. Tudo começava na escolha da isca. Esperou.

- O que... O que foi fazer na aldeia? A pergunta tímida saiu feito um resmungo.
- Nada demais. Quando me chamaram, diziam que o espírito da boca torta estava devorando o corpo do filho de um velho Pataxó.

— Jurupari — pontuou o garoto, uma sílaba de cada vez.

Foi a vez de Ignácio aquiescer.

- E... o que aconteceu? O menino era instruído a só falar quando questionado, mas a curiosidade vencia o medo.
- Bom, como eu posso dizer... Se você acha que Jurupari tem a boca torta, precisa ver como deixamos os dentes dele depois.

Mais um silêncio. O garoto matutou por um momento. Por fim, quis saber.

- Como você se chama, padre?
- Sem padre. Apenas Ignácio, por favor.
- Como Ignácio de Loyola, o jesuíta?
- O homem chacoalhou rapidamente a cabeça, repetindo "não, não, não" ao ponto da comicidade.
  - Jesuíta sim, mas nada como ele. Os tempos agora são outros.

Ambos sorriram. Mas só por um instante. Em segundos o garoto fechou a cara novamente e desapareceu por uma das portas laterais num silêncio sepulcral. Ignácio estranhou a mudança de atitude, mas não demorou a entender.

- Ignácio! cumprimentou Dom Vitório. A voz era alta, e soava com um tom italianado meio rocambolesco. Coisa de quem passou a vida rezando Pai Nosso em rito romano. Os homens deram aquele abraço fajuto, como quando se encontra um parente enfadonho. Ignácio sorria, sempre com sua cortesia bem—humorada.
- Você demorou tanto que resolvi trazê-lo pessoalmente à mesa explicou Dom Vitório. Aquele moleque... É um imprestável, mesmo. Pobrezinho. Mas não é culpa dele, não é verdade? É cultural. Você sabe como é.

Ignácio continuava sorrindo, mas deixou escapar pelos olhos um brilho que calou o Bispo. Não, ele não sabia como era, mas havia assuntos mais urgentes. Eles se sentaram. Duas taças de vinho já estavam postas na mesa.

— É um prazer finalmente conhecê-lo pessoalmente. Seus feitos são... notórios, para dizer o mínimo.

- Acredite, Dom Vitório, você não sabe da missa a metade riu o outro.
  - O Bispo se permitiu sorrir também. Continuou.
- Lamento pelo inconveniente. Acredito que houve uma falha em nossa comunicação.
- Ah, o engano foi meu, Dom Vitório. Acabei esquecendo de avisar e cheguei um pouco mais cedo. Coisa de velho, sabe como é.

Concordou, agradavelmente. Os dois levantaram a taça e brindaram.

- E a quê devemos a ilustre visita de um membro da congregação?
  - Soube que sua semana foi... tumultuada.
- Uma fatalidade, é verdade. Pobre padre Gerônimo... Mas, de qualquer forma, não vejo motivo para...
- Ah, o jantar! Que maravilha! interrompeu Ignácio. Era o próprio menino indígena quem trazia a comida.
  - Obrigado, piá! Como é o nome dele, Dom Vitório?
- Dejair... Denilson... Ah, Djalma. Exatamente, Djalma. É isso, não é?

O garoto sacudiu a cabeça enquanto destampava os pratos. Destrinchou o assado e levou um pedaço para Dom Vitório. Fez menção de servir Ignácio também, mas este recusou. Era vegetariano. Ele próprio tomou a colher e serviu–se de lentilha, arroz e batatas. Dom Vitório privilegiou um suculento pedaço de carne, berrando mais que bezerro guacho.

— Pois falávamos do já famoso *Massacre* — retomou Ignácio, ainda sem levar os talheres a boca. — Discorda da opinião de que foi assassinato, Dom Vitório?

O bispo fez esforço para não engasgar. Fez sinal para o garoto se retirar.

- Soube que essa pobre gente é muito... imaginativa.
- E discorda?

Dom Vitório terminou a mastigação em silêncio.

— Imagino que tenha conversado com alguns filhos de Deus na sua viagem antecipada, amigo Ignácio. Mas garanto que isso é intriga de uns dois ou três. Sabe como é, nunca acontece nada nesse fim de mundo. Quando acontece, também... Vira assunto para a vida toda!

Ignácio sorriu antes de acomodar mais uma colherada na boca. Limpou–se com o guardanapo e só então continuou, como se tivesse recém–lembrado de algum detalhe importante.

— Ah, Dom Vitório! Isso é verdade. Já andei muito por este Brasil, sabia? Alegrias que o trabalho proporciona. E sabe outro costume bem comum em todos esses *fins de mundo* nos últimos anos?

O bispo desconhecia.

— É um aplicativo para celular. Um tal de *Vatsapp* — pronunciava, com o típico "W" alemão. — Toda cidade, às vezes até todo bairro, tem seu grupo de moradores. Acontece alguma coisa, meu amigo, e a notícia corre solta.

Dom Vitório parou de comer.

- Claro, tem muita bobagem, muito... *meme*, né? Mas o povo simpático aqui de São João fez questão de me incluir em vários desses grupos e olha... Eu diria que a situação é no mínimo alarmante.
- Ora essa... o bispo engolia em seco. Talvez seja interessante avisar a polícia. Teria o povo alguma prova concreta? Se tem, melhor deixar o caso com os devidos responsáveis, não é verdade? Enquanto nada disso acontecer, para mim é tudo boato.

Ignácio concordou, educadamente. Cruzou os talheres e olhou o relógio de pulso. Ainda nem eram seis da tarde. Agradeceu mentalmente o hábito monástico de jantar bem cedo. Haveria tempo. Dom Vitório tocou um sino sobre a mesa, o que fez o menino Djalma retornar e começar a recolher os pratos. Ignácio aproveitou.

- Mas vamos mudar de assunto. Anda fazendo muito calor por aqui, não é verdade?
- O bispo respirou aliviado. Era verdade. O mês de junho estava absurdamente quente. Era impressionante.
  - Sabe, Dom Vitório, eu me dei ao trabalho de procurar o his-

tórico meteorológico da cidade. E esses picos de calor, percebi, tem acontecido em toda sexta–feira desde fevereiro, acredita?

Se estivessem no Rio Grande, quem olhasse a expressão do bispo ia ter a definição perfeita para o termo "cara de salame". O famoso "se fazer de João sem Braço". Djalma começou a tirar a mesa sem apuro.

— E quando o simpático amigo Fábio me buscou na biblioteca, eu tinha acabado de verificar uma coisa... Não foi em fevereiro que o padre Gerônimo começou a ministrar a catequese para uma nova turma? Sexta–feira também, não é verdade? Então, não. Não acho que seja caso para a polícia; é um caso para mim.

Djalma deixou cair um prato. Dom Vitório ralhou com o menino e o mandou sumir da sala. O homem, com os lábios brancos de apertados, apoiou o queixo sobre o peito e respirou profundamente. Quando teve certeza de estarem a sós, aproximou o corpo por sobre a mesa em direção a Ignácio e sussurrou.

- Eu sei o que você é cuspiu.
- É mesmo? respondeu Ignácio, com genuína curiosidade. A boca entreaberta em um meio-sorriso de expectativa. Mas esta é uma verdadeira maravilha! Uma das perguntas fundamentais, não é verdade? Tantos homens se perguntam quem são. Confesso que essa dúvida já me consumiu muito! Peço que me diga, por favor. Quem sou eu?
  - Um... um exorcista!

Ignácio caiu na gargalhada durante alguns segundos. O riso agora era frouxo.

— Você parece ser muito bem informado — debochou, enquanto limpava as lágrimas dos olhos. — Como é observador!

Dom Vitório tinha certeza que aquela conversa era toda uma grande piada, mas que ele não conseguia perceber a graça. Continuou, ainda ao pé do ouvido.

— Melhor não tornar pública a sua presença. O povo aqui é por demais ignorante. Eles... não têm cabeça para essas coisas.

— Não diga!

Dom Vitório deu um soco na mesa.

— Sem brincadeiras, Padre Ignácio! Não sei o que procura nesta cidade, o que sua congregação misteriosa lhe pediu ou o que pensa que descobriu sobre o Padre Gerônimo, mas essa conversa acaba aqui.

O homem falou sério pela primeira vez naquele dia.

— Ao que me consta, você é o único que está brincando, companheiro. Brincando comigo e com esta cidade. Não, eu não sou um exorcista, mas você e eu sabemos muito bem o que está à solta aqui. E digo mais. Aqueles três homens é que não tinham cabeça, Dom Vitório, e pagaram o preço. Se quiser manter a sua, sugiro que não celebre a missa desta noite. É sexta–feira, e o dia está quente demais hoje. Você pode acabar *se queimando*.

Dom Vitório saiu da mesa cuspindo marimbondo. Impassível, Ignácio tocou o sino que aguardava sobre a mesa. Djalma retornou, olhando para o chão, e fez menção de recolher o resto dos pratos.

— Deixe isso pra lá, garoto. Temos coisas mais urgentes para arrumar. Você sabe do que estou falando, não sabe, Djalma?

O menino concordou, assustado.

- Não se preocupe. Eu vim para dar um jeito nos monstros.
   Ignácio olhou sobre os ombros.
   Em todos eles.
- Eu conhecia o Padre Gerônimo. Eu sei o que ele fazia com meninos... e meninas. Eu estava na igreja quando o fogo... o fogo...

Djalma soluçou um choro calado, as lágrimas e o ranho escorrendo pelo rosto. Ignácio não tocou o garoto, mas se abaixou até ficar de sua altura.

— Você viu o que fez isso com o padre, não é?

Ele ainda chorava.

— Eu... Achava que ele tinha merecido, mas depois... Depois morreram outros. Agora eu não sei mais...

Agora foi Ignácio quem concordou calado.

— Eu ainda sonho com ela. Aquela... coisa. Ela corre atrás de mim, e quando me toca... eu queimo. Mas não como o Padre Gerôni-

mo, eu queimo... diferente. E quando penso que vou morrer, eu viro coisa também.

- O jesuíta olhou o garoto bem dentro dos olhos.
- Você quer enfrentar esse monstro, Djalma?

Sim, ele queria.

— Vai ser perigoso.

Quem cala consente.

- Então venha comigo. Traga um lençol e dois banquinhos, por favor. Temos que fazer uma parada rápida na cidade e depois partiremos para a estrada da Ponte do Grego. Vamos resolver o problema com isso, e será hoje.
  - O Grego é fazendeiro rico da cidade. Ele... ele está em perigo? Ignácio sorriu.
- Não, não. Nada disso. O ônibus que me trouxe até a cidade passou em frente à porteira dele e eu vi uma coisa bem interessante. Você vai entender.

\*

Já passava das dez da noite quando as notificações começaram a disparar no celular de Ignácio. Aconteceu de novo. Um novo incêndio, um novo corpo carbonizado. Era Dom Vitório. A população estava enlouquecida na internet, mas muito bem protegida em suas casas. A revolta era grande, mas o medo era maior. O que poderiam fazer, afinal, contra o diabo em pessoa? Era o diabo, não era?

- Não, Djalma. Não é o diabo respondeu o padre, lendo o rosto torcido do menino. — É cria dos homens e suas perversões. É filha do machismo e da violência. Hoje vamos libertá–la.
  - Vamos matar o monstro?
- Um deles morreu agora mesmo. O outro morrerá, mas não da forma que você pensa.
  - Como sabe que ela virá?
     Ignácio se divertiu respondendo. O indígena fora acostumado a

servir calado, mas Ignácio era diferente. E ele não se sentia servindo, mas participando.

— Por que eu avisei. Disse em todos os grupos de moradores que estaria aqui no Grego, trabalhando para descobrir quem matou os "três pobres coitados" que morreram semana passada. Ela vai morder a isca.

Os dois estavam sentados nos banquinhos, logo depois da porteira que dava acesso à fazenda. Djalma tinha no colo o lençol dobrado e um isopor ao lado. Ignácio tinha sua valise, uma térmica com água gelada e um copo de alumínio com erva—mate moída até as tampas. Uma bomba de inox, daquelas mais fuleiras, servia pra sorver o líquido. Estava quente demais prum bom chimarrão; melhor mesmo era passar o tempo com uma roda de tereré.

— Prove o mate gelado, guri. É só puxar água até a cuia roncar. Aprendi essa versão com água fria graças aos companheiros lá do Mato Grosso do Sul.

Djalma provou um gole. Amargo. Cuspiu aquela água verde na primeira puxada. Ignácio caiu na gargalhada novamente, e se permitiu dar dois tapinhas nos ombros do menino. O pataxó achou o sabor diferente por demais.

— Não tem só erva-mate aqui. Tem uma... mistura especial.

O garoto fez que entendia, embora não tivesse entendido é nada. Impaciente, olhava de um lado pro outro, esperando a chegada do monstro.

- Ignácio...
- Sim?
- Você tem arma?
- Como um revólver?
- O menino concordou.
- Não, não tenho uma arma.

Mais uma rodada de tereré. Djalma tentava conter a ansiedade. Ignácio olhava o relógio.

— E quando...

— Shh! — colocou a mão nos lábios. — Pronto. Se eu calculei bem a velocidade dela, temos menos de um minuto. Vamos!

Os dois seguiram o combinado, que de plano realmente tinha muito pouco. Abriram a porteira da ponte do Grego, deixaram de lado a valise do padre, o isopor, os bancos e a térmica. De pé, braços e perna juntos, voltaram propositalmente as costas para a estrada.

O tempo passava, e aos poucos os sinais da presença da criatura foram ficando claros. Primeiro foi o ar. O mormaço ficou pesado, denso feito gordura. Djalma sentiu a textura por entre os dedos. Ignácio ralhou.

- Você lembra as instruções, piá?
- Sim! disse Djalma, recolhendo rapidamente a mão.
- Repita!
- Esconder as unhas. O monstro suga nossas unhas!

Então foi o vento. Vento quente feito tempestade, assoprando violento. Ignácio teve que levantar a voz pra se fazer ouvir.

- E o que mais?
- Proteger os dentes. O monstro suga nossos dentes! Deixa indefeso!

Por fim, veio o trovão. Não do céu, mas da terra. Os cascos afiados golpeavam a terra com a fúria da vingança, soltando chispas a cada galope. E o fogo, aquele fogo assombrado que queimava tudo. Era o corcel do diabo, a montaria do inferno.

— E por último? — berrou o padre.

O menino recitou.

— Não olhar a mula! O monstro suga nossos olhos. Não deixa ver a verdade!

Djalma tinha os olhos fechados e apertava as mãos com tanta força que tinha medo de sangrar. O menino não falou mais nada, pra evitar expor os dentes, mas os ouvidos estavam bem abertos. A mula estava chegando. Mais perto. Mais perto. O garoto sentiu o ar quente esquentar sua nuca. Lembrou do padre Gerônimo, lembrou do fogo e

das noites de pesadelo. A mula o tocaria. Era o fim. Quis correr. Precisava correr.

— Não se acadele, guri! Confie!

Lembrou das palavras de Ignácio. Jurupari era o pesadelo, e ele o venceu. Dom Vitório era um pesadelo, e foi vencido. A mula também seria. Tinha que ser. Ficou. O garoto tremia. Ignácio, olhos fechados, agarrava com força o copo de tereré. Calculou mentalmente a chegada da mula.

Um.

Dois.

Três.

O estrondo que se ouviu foi monstruoso. Talvez tanto quanto a própria cria do capeta, que se estendia no chão. Djalma deixou escapar um grito, mais de nervoso do que de qualquer outra coisa. Ele estava inteiro. Vivo, e ainda por cima inteiro. Ignácio tocou os ombros do garoto, o instruiu a abrir os olhos e se virar. Lá estava ela, a mula de pelos negros e casco afiados, a mula de pescoço vazio de onde as entranhas deixam vomitar um fogo que queimava de culpa e pecado. A criatura que trouxe tanto pavor àquele povo, que dobrara tantos ao seu poder, agora estava no chão.

— Entendeu o que aconteceu aqui, Djalma?

Djalma sentia como se jamais fosse entender mais nada em toda sua vida.

— Responda! Você está em treinamento.

Estava?

- Eu não... repensou. Parece que ela quebrou a pata... O que é isso onde ela pisou?
- É um mata-burro. Os fazendeiros ricos colocam na entrada de suas fazendas. Cavalo e rês não passa dessa treliça de madeira, porque sabe que engancha a pata. Mas ela... Ela é inexperiente nesse negócio de quatro pés.

Djalma ainda tremia, mas por trás do fogaréu que insistia em

queimar no pescoço do monstro, ele jurava ter ouvido um choro agoniado. Quase chegou a ter dó da mula. Quase.

— E agora? Como morre?

Ignácio encarou o jovem um segundo. Depois, se ajoelhou em frente a mula, longe o suficiente para ficar distante das chamas. O bicho se reborqueava de um lado para o outro, mas não soltava a pata e nem se levantava.

— Djalma, eu perguntei se você sabia qual verdade a mula nos esconde. Sabe qual é? É que os verdadeiros monstros são os que fizeram isso com ela.

O menino estava em silêncio. Aguardava a revelação.

— Existem quatro formas de uma mulher virar Mula, piá. A primeira, dizem os livros, é se a pessoa for "manceba de um padre". A segunda, é se for "amante de um compadre" ou então de um padrinho. Outros falam em praticar incesto ou perder a virgindade antes do casamento. Na prática, são freios que mascaram estupro, abuso e violência. A culpa é sempre da mulher... Ela é o grande monstro. É essa culpa, e não o diabo, que faz a mula ficar assim.

Os olhos do garoto estavam arregalados. Agora ele via.

- Padre Gerônimo é o responsável?
- Não só ele.

A mula gemia e chorava esperneando para ir embora. Ignácio encarou bem o fogo, como se olhasse a menina nos olhos, e jogou rapidamente todo o tereré cheio de água gelada no pescoço da criatura. O fogo arrefeceu, resultado da água e das ervas que o padre havia preparado. Ele precisava ser rápido. Enfiou a mão no vazio do pescoço até sentir o que procurava. Era aquilo! Puxou com força e vontade, sentindo o fogo voltar a incendiar com a ponta de seus dedos.

— Um e dois e três!

Ignácio puxou de dentro do pescoço um freio. Um freio de ferro, guardado no âmago da Mula sem Cabeça. Imediatamente, o fogo se apagou, e a mula se esparramou no chão feito um cadáver.

— Rápido! Traga o lençol!

Djalma cobriu o corpo da Mula sem saber o que esperar. Pouco depois, pro seu espanto, o volume da enorme mula desapareceu por sobre o pano como um truque de mágica. Em seu lugar, havia um corpo humano. O corpo de uma menina. Ignácio envolveu o corpo com o lençol, feito uma manta de bebê, e o pegou no colo. Com cuidado, expôs o rosto da garota.

- Eu... já vi essa menina.
- Claro que sim. Essa é Mariana, a filha de Zé Pedro, afilhada do Seu Onofre, aluna da catequese do padre Gerônimo. Tudo começou com ele, é verdade; o resto só posso imaginar. Dom Vitório, por sua vez protegeu o padre, fechou os olhos para suas perversões. A vida... a vida às vezes tem um enredo muito cruel. Agora, veja! Ela está acordando!

Mariana começou a piscar os olhos e revirar a cabeça. O pé, quebrado, ainda doía; a garganta queimava e o coração estava rasgado. Ela queria chorar, mas só engasgava.

— Calma, guria... Agora acabou — sorriu Ignácio. E aquela voz macia realmente dava essa certeza em quem a escutava.

Com muito sacrifício, a menina conseguiu dizer sua primeira palavra: sede.

— Claro, claro! — riu o padre, ainda com a menina no colo. Ela era leve, magrinha e pequena. Não devia ter mais do que 13 anos de idade. — Djalma, pegue o isopor, sim?

O jesuíta aguardou o menino retornar e continuou.

- Olhe, Mariana! Nosso tereré acabou, mas sabia que você estaria com a garganta pegando fogo! Trouxe uns picolés, foi o melhor que pensei. Qual sabor você prefere? Tem um pouco de cada aqui: graviola, milho verde, uva, aquele azulzinho que não tem gosto de nada, mas pinta a língua...
- Chocolate pediu. Era o que mais gostava, todo mundo sabia.
- Pronto, gurizada. Para a cidade então. Tenho que te devolver para sua mãe. Vamos, Djalma?

O menino concordou em silêncio, novamente. Sorriu. Pegou suas coisas, a valise do padre e fez questão de chutar pra bem longe o freio encantado que prendera a garota em tanto sofrimento. Ele havia sido tocado pela mula, mas não do jeito que tanto temia. De qualquer forma, sentia que realmente estava em transformação.

E o treinamento estava apenas começando.

\* \* \*

Andriolli Costa, 28 anos, explora a ficção folclórica como escritor após anos de pesquisa acadêmica. É autor do romance em andamento *Poranduba — Uma jornada para o reencaminhamento do mundo* e dos contos *Alma do povo*, sobre Pedro Malasartes, e *Cor de rosa*, sobre um boto genderfluid.

## PONTE PARA O ACREDITAR

PAULO TEIXEIRA

O AROMA DE VELAS incensadas perfumava o ar. Dezenas de extratos se confundiam, de beladona a sálvia, cada partícula estimulando a mente de todas as presentes. A própria magia vibrava naquela sala, reagindo aos seus corações pulsantes, aos sentimentos aflorados, à música que ecoava silenciosamente entre a mente de todas as envolvidas. E, naquele instante quase religioso, juntando as mãos enquanto compartilhavam daquele momento sombrio num ambiente iluminado apenas por velas, as mulheres começaram a entoar num tom animado e uníssono seu desejo poderoso e único representado num simples cântico:

— Parabéns pra vocêêêêê...

"Realmente," pensou Morgana enquanto acompanhava as palmas, "este é um aniversário muito, muito louco". Em meio à pequena balbúrdia, Bianca, a aniversariante, mordia os lábios com expectativa, pensando em seu desejo. A luz das velas iluminava seu rostinho infantil, brincando com as feições esticadas por um bonito sorriso, bem adequado à idade que fazia. No fim, o coro gritou: "Faz um pedido e sopra, Bianca!". A menina coçou o pequeno chifre que lhe saía da testa e mentalizou. Desejo feito, velas apagadas. Bianca finalmente era uma trollzinha de 5 anos de idade.

- Meia–troll, *carajo!* disse Carmen, dando um soco no ombro de Morgana enquanto se apressava para pegar mais copos na cozinha. A detetive riu. Megan se aproximou de copo na mão, munida de um Bourbon ilegal de primeira classe que entregou para a amiga.
- A Maria leva isso bem a sério, Morg; a menina tem que saber a diferença entre ter *um* e *três* chifres disse Megan, amarrando os cabelos ruivos e exibindo um sorriso que misturava escárnio e carinho em doses impossíveis de medir. Por trás de seus óculos pontudos, os

olhos verdes praticamente devoravam a esposa, que travava uma luta com a máquina de copos da casa.

Morgana levantou as sobrancelhas enquanto bebia o Bourbon num gole só.

- Não sabia que o negócio estava tão sério entre vocês e as outras donas da rua. Achei que estava tudo certo depois daquele Samhain.
- E vocês deviam levar a sério também disse a mexicana de coração brasileiro. Carmen trazia uma leva de copos nanomanufaturados, uma tecnologia que em 2120 fizera muito sucesso, mas agora, mais de duas décadas depois, era praticamente uma antiguidade. Deixou—os na mesa e voltou para produzir mais alguns. Vocês sabem como a comunidade é preconceituosa com essas coisas e... ah, basura de mierda. A mulher estapeou a lateral do equipamento, que parou de travar imediatamente. Algumas técnicas são atemporais. Ela continuou. Sabe, e não faz mal la chica entender que não há nada de errado com ela e... BANF.

Uma nuvem de areia nanotecnológica foi cuspida na cara de Carmen. Ao que parecia, tapas não eram realmente o melhor procedimento para consertar o equipamento. Uma torrente de xingamentos em espanhol jorraram de sua boca e Megan não resistiu à risada.

- Quase vinte anos no Brasil e ainda com essa boca maravilhosa para amaldiçoar tudo disse, abraçando a parceira por trás, interrompendo seu processo de esmurrar a liga de alumínio. Senhora Carmen Maria de Constanza Dechaff, você não faz *ideia* do quanto fica sexy quando faz isso completou, quase ronronando no ouvido de Carmen.
- Cállate; no soy atractiva, idiota. A latina lhe deu um abraço carinhoso acompanhado do insulto.
  - Mais bela que a lua cheia, mi brujita.
- Gente do seu país é proibida de falar minha língua, *guapa* sorriu Carmen. Tente o escocês.
  - Escoceses falam a melhor língua do mundo: a inglesa.

— Cale a boca e me beije.

O casal não parecia ter nenhuma reserva em demonstrar seu amor na frente de crianças, Morgana observou com diversão. As crianças também não se importavam de nenhuma maneira. Estavam preocupadas em correr, comer, jogar seus games holográficos e demais coisas que as crianças de cinco anos faziam naqueles tempos — mesmo as filhas de pais sobrenaturais.

Ao ver o casal, Morgana sentiu uma pequena pontada de inveja em meio ao imenso orgulho e felicidade que sentia por aquela família. Viu Bianca sorrindo para ela e sorriu de volta, o que era uma coisa bem estranha de se ver. Morgana não tinha muita experiência com sorrisos. A menina, no entanto, pareceu satisfeita e saiu correndo para brincar. A detetive não se preocupava. A menina tinha como mães o casal de bruxas mais amoroso que o mundo já vira — não que Morgana conhecesse muitas, era verdade, mas sempre vale o pensamento positivo.

Forrados de salgadinhos, bolos, tortillas, doces pilhados do cadáver de uma piñata e até mesmo chocolates suíços que apareceram feito mágica ("Porque estão olhando pra mim?" quis saber Megan, esquivando—se dos olhares afiados de Morgana e Carmen), os convidados partiram após três horas de festa. Naquela parte do Recife, longe dos carros voadores e imensas torres de vidro que constituíam o centro da cidade alta, o toque de recolher ainda era uma realidade na vida de todos. A cidade velha era tomada pelo crime e pela corrupção, que faziam da região seus redutos, e qualquer pessoa encontrada no meio da rua num horário indevido teria sorte se fosse somente arrastada para a cadeia. Mais provável mesmo era que se tornasse mais um número na estatística. Um cadáver sem nome, abatido pela acusação de sempre: "atividade suspeita".

Morgana tentou ajudar na limpeza da casa, mas foi sumariamente rechaçada.

— Vá meter seu nariz em outro lugar, *cotilla*. Hóspede aqui não trabalha — gritou Carmen.

Morgana obedeceu tão logo a amiga ameaçou transformá–la em sagui. Não que ela acreditasse nas intenções da bruja, mas sabe como é. Carmen às vezes perdia as estribeiras, e ela *bem que podia* transformá–la em algum roedor grande.

- Não se preocupe com o lixo, Morg. Estamos acostumadas. Em vez disso, faz um pouco de companhia pra Bianca, já está na hora dela dormir propôs Megan. Conte a ela uma história. Ela gosta muito quando você narra. E não precisa se apressar, viu? O sorriso em seu rosto era sincero, mas o olhar tinha um brilho ligeiramente libidinoso. A detetive não precisava de muita capacidade dedutiva para saber que a limpeza dos pratos seria esticada por um bom tempo.
- Claro, claro. Tentem não fazer muito barulho enquanto *lavam* os pratos.

Morgana esvaziou o último gole do Bourbon e guiou Bianca para a cama. Achou ter ouvido um começo das famosas carreiras de xingamentos de Carmen, mas suspeitou que um beijo fortuito da companheira logo resolveria o problema.

Antes de levá-la para dormir, apostou uma leve corrida com a menina até o banheiro para escovar os dentes, ganhando sorrisos da sobrinha postiça após a derrota na brincadeira. No espelho, o programa de higiene e cuidado pessoal identificava quais pontos ainda havia para serem cuidados, quais os dentes laterais da menina precisavam ser melhor escovados e ainda lembrava de limpar os ouvidos. O chifre, em pleno crescimento, não era refletido nem identificado por qualquer tecnologia mundana. Mas a menina fora bem educada; lembrou de escová-lo também.

- E um chifre limpinho...? começou Morgana
- Dá um sono gostosinho! completou a menina, animada.
   Assim que terminou, seguiram para a cama de Bianca.
- Boa noite, minha flor. Morgana transmitia uma ternura que surpreenderia mais da metade das pessoas que a conheciam. Bons sonhos.

A detetive mal havia apagado a luz do interruptor quando o protesto começou.

- Não, tiaaaaa! chamou a menina com uma voz manhosa, já se sentando na cama, livrando–se do lençol coberto com estampas de quadrinhos antiquíssimos. Eu tô sem sono ainda, fica aqui!
- Hmmm, sem sono respondeu Morgana, respeitando ainda mais o tino materno de Megan. E o que podemos fazer para o sono chegar mais rápido?

A menina parou por um momento, levando a mão ao queixo num esforço sincero de pensar numa solução. Sua pele, já rosácea, ficou avermelhada durante o processo. Por fim, encontrou sua solução: "Já sei! Uma história!"

- Quer uma história para dormir, Bianca? Um sorriso destreinado estampava o rosto de Morgana, mas não incomodou o pedido da infante.
- Sim! História, história! repetiu a menina animada, rindo solta.
- Está bem. O comentário arrancou uma risada que Morgana nem sabia ser capaz de dar novamente — E que história quer ouvir? Uma de dragões e monstros?
  - Nãããão!
- Ok, então... que tal uma de terror e suspense? sugeriu a detetive com um ar misterioso, enquanto movia os dedos em frente do rosto.
  - Nããããão!
- Certo... Ficção científica? Naves viajando até marte, aventuras no hiperespaço!
- O que tem de mais em viajar pro espaço? Eu vejo isso no jornal, tia riu a menina.
- Ah, perdão; ando lendo muitos livros antigos. Que história quer então?

A menina ponderou por alguns instantes.

— A da mamãe e da mamãe!

- Hmmm! Você não sabe como suas mães se conheceram?
- Sei. Mas nunca foi você me contando disse a menina. Morgana achou graça.
- Entendi. Muito bem, Bianca. Vou contar essa história. Mas primeiro, conte para a tia. O que já ouviu sobre ela?
- Hmmmm Bianca coçou a testa. Que foi numa briguinha boba, e que elas fizeram as pazes bem rápido. E foi nessa época que eu nasci.
- Ora, ora, pois bem; acho que tenho umas boas coisas para contar disse Morgana, saboreando a oportunidade. Por exemplo: você sabia que eu ajudei as duas a começarem a conversar?
- Uuuh! Os olhos da menina saltaram ante a nova informação. Não...! sussurrou, já cativada pela narradora. A detetive apreciou isso.
- Pois sim... Eu estava lá, bem no meio da confusão... E, olha, não foi *só uma briguinha* não, viu? A menina prendeu a respiração. A história é mais ou menos essa...

"Era uma vez, num bairro antigo e pobre da cidade, dois grupos de bruxinhas que não se davam muito bem. Um desses grupos era de uma família bem parecida com as pessoas daqui do Recife, meio esquentadas e geniosas, mas que gostavam de se misturar bastante enquanto torravam no nosso lindo sol. Depois de viajarem pelo Brasil, as Brujas se deram muito bem com a cidade e um bom número se mudou para cá, esperando que não fossem tão maltratadas como foram em outros lugares. Afinal, todo mundo aqui tinha a mesma cor, e ninguém parecia se importar muito em saber de onde elas vinham. Juntaram tudo que tinham e conseguiram adquirir um dos últimos lugares da cidade onde se via terra embaixo dos pés e não era preciso subir 80 andares para chegar em casa. E entre as Brujas estava a..."

- Mamãe Carmeeen! Bianca jogou as mãos para cima, celebrando a parte conhecida da história.
- Muito bem, Bianca! Pois é, a mamãe Carmen, nesta época, se chamava apenas Carmen Maria de Constanza, *La Enquisidora*. Tinha ou-

tros nomes também, a maior parte dada por gente que *não gostava muito dela*, mas seus amigos a chamavam de *Perra de Hierro* porque...

- Ar-rem. O pigarro alto de Carmen soou na porta, a careta pontuada pelo franzir de suas sobrancelhas. Acho que já está na hora da Bianca dormir, não?
- Deixe disso, Maria. Megan mal segurava a risada debochada. Entrou no quarto da filha trazendo um leve aroma de nicotina, e se sentou numa das pequenas cadeiras de madeira do conjunto de estudo que tinha lá. Continue, Morgana. *Perra de Hierro* porque...?

Morgana encarou Carmen com um amistoso ar de deboche e a mulher reconheceu a derrota, sentando–se ao lado da filha enquanto a detetive continuava.

- Porque... era uma moça muito forte e arrojada, mas fofinha como um filhotinho. De pitbull. Enfim; a outra família estava bem próxima das Brujas, a apenas uma ponte e duas ruas de distância. Ainda assim, não poderia ser mais diferente. Era um grupo distante dos populares da cidade, que pensava ter encontrado aqui um nicho para lucrar e escapar da poeira de onde vieram e de gente que não acreditava mais em fadas. Esta família, a Celta, no entanto, só conseguia apreciar a cidade quando ela era inundada pelas chuvas, e eram tão reclusas que suas bundas brancas já estavam quase transparentes.
  - Eeeeei!
- Há! *Tomé, guapa*! Carmen se divertiu, arrancando risos confusos de Bianca.
- E esta é a família da mamãe Megan, que também tem um apelido bem curioso. Mas isso fica para daqui a pouco continuou Morgana, reagindo aos repetidos gestos que Megan lhe lançava com uma piscadela. O importante é: as duas famílias se instalaram no Recife mais ou menos na mesma época, ninguém sabendo provar quem chegou primeiro. E nestas coisas de bruxinhas, aparentemente era muito importante saber quem era a mais antiga da fila. Portanto, desde muito tempo, mamãe Carmen e mamãe Megan não se gostavam porque as famílias das duas diziam para não se gostarem.

- Ah. nãããão...
- Pois é, minha pequena. E o que começou como uma leve briguinha logo estava envolvendo as duas tentando passar a perna uma na outra. Serviam uns sucos engraçados, jogavam um esconde—esconde meio perigoso e fizeram até uma brincadeira de queimada, mas com bolas de fogo de ver—da—de.
  - Nossa, nem me fale! Aquela belladona faz efeito até hoje.
- *Hola, chica!* Sem choro, ainda tenho marcas de queimado bem no meio da...
- Quietas as duas, estou contando a história! intercedeu a detetive. Continuando... sorriu ela.
- Então, depois de tanta confusão, finalmente as Brujas e as Celtas entraram num acordo e pararam de brigar... Isto é, até uma semana antes do Dia de Todos os Santos.

A expressão de Bianca, que havia tapado a boca pela expectativa, era deliciosa. A de suas mães, nem tanto.

- Uma semana antes deste dia, uma senhorita irritada entra xingando meio mundo de gente no escritório de uma linda e famosa detetive... O pigarro de Carmen soou novamente. —... que tinha apenas um *pequeno* problema de sono, saúde e bebidas de adultos. Carmen, super irritada e falando ainda menos português do que hoje, bateu na mesa da detetive e foi logo mandando: "Ei você, esquisitona do Boa Vista, quero que encontre algo pra mim". E a detetive, prontamente quis saber: "Do que se trata, digníssima dama?"
  - Não exagera, pendeja, ou eu vou dizer o seu apelido...
- E eis que ela diz: "roubaram meus milhos!". Então, "milhos?", perguntei eu. "É, oras, você é surda?", respondeu ela. Eu fiquei bem confusa, entende querida? Sim, sim, pode rir. Mas o que eu ainda não sabia era que os milhos da mamãe Carmen eram cultivados de maneira... especial. Tinham umas coisas a mais nesses milhos, coisas especiais para o Dia de Todos os Santos. Então só alguém que pudesse usar essas coisas especiais poderia ter roubado os milhos das Brujas. E, logo, elas tinham certeza que aquilo era coisa das Celtas.

Lógico; Morgana não contou para Bianca que esta conversa com Carmen havia envolvido um bom número de ameaças de ambas as partes (inclusive de morte), gritos ensandecidos em espanhol e uma tentativa esdrúxula de negociar a sua hora de trabalho com papel de bala embolorado, supostamente encantado para parecer dinheiro. Para quê tantos detalhes, afinal?

- Oooh... Bianca encarou Megan com olhos assombrados, mas a britânica apenas retornou um sorriso charmoso.
  - Tem um plot twist, meu bem.
  - O que é um plot twist? perguntou a pequena.
- Alguns dias de investigação e finalmente descobri onde estavam as Celtas. Fiz minha visitinha à casa das bruxinhas do norte apenas para descobrir que elas também tinham sido roubadas!
  - Oooooh!
  - Eu avisei disse Megan, com uma piscadela para a filha.
- Das celtas estavam roubando... Morgana tamborilou para manter o suspense —... abóboras! Porque as bruxinhas branquinhas também tinham sua plantação *especial*, que apenas *pessoas ou seres especiais* poderiam ter roubado. E de quem as celtas desconfiavam?
- Das Brujas! Bianca animou–se novamente, levantando as mãos.
- Pois é, meu bem. E foi nossa Megan aqui a primeira a apostar que as *comedoras de tacos* é que haviam armado tudo. Afinal, "não se pode confiar em descendentes de mouros".
- Ah Megan sorriu amarga. Você realmente guardou rancor por eu não ter pago a aposta, hein?

Carmen roubou a fala de Morgana.

— Mais uma palavra, *querida*, e você não volta pra nossa cama até a próxima semana

Bianca se limitava a rir, sem entender a profundidade das ameaças. Deus abençoe as crianças. Mesmo as pagãs e de sangue sobrenatural. Morgana continuou.

— Eis que me vi presa numa guerra instantânea entre duas famí-

lias, sendo que qualquer uma delas poderia me transformar num sapo para o resto da vida. E, quanto mais eu investigava, mais me parecia que nenhuma das duas estava fazendo aquilo. Eis que chegou o dia anterior ao Dia de Todos os Santos. Era um dia especial para as Brujas, pois se tratava do *Dia de Los Muertos*, uma data muito importante para a realização de rituais de renovação. E, também das Celtas, pois se tratava do Samhain, uma outra data de renovação *bem* importante e que permitia um *monte* de coisas legais para as moças do norte. — Os olhos de Bianca brilhavam com a narrativa, enchendo Morgana de carinho e orgulho. — Mas hoje em dia o Dia de Todos os Santos é ainda *mais* importante... sabe por quê?

- Porque é o meu aniversário! comemorou mais uma vez, desta vez atraindo as vivas das duas mães, felizes pela diversão da filha.
- Isso mesmo, meu bem. E, como nessa data tão importante todo o milho e toda a abóbora estava desaparecida, todo mundo andava *muito* chateado. Foi então que a sua brilhante tia–detetive entrou em ação, hyaaaa!
  - Iupi!
- Pois a titia pensou: e se o ladrão não fosse de nenhuma das duas famílias? E se fosse só alguém querendo roubar comida para matar a fome? Suas mamães me explicaram que nenhum humano conseguiria comer daquela comida, não com tanto poder cultivado dentro delas. Oras, então quem sabe não fosse um humano! Já sabendo a resposta, sua tia detetive chamou as famílias para o grande ponto de encontro: a ponte que separava as suas casas.

Bianca simplesmente havia parado de piscar a essa altura.

- Lá estava eu, esbaforida e desesperada, tentando impedir suas mães de tocarem o f... digo, de fazerem... mal uma à outra? Sim, foi isso. E com muuuita sorte, e a ajuda de um motorista de aerobus muito louco e disposto, a tia chegou a tempo!
  - Vai tia, uhul!
- Então, ali, entre dois exércitos cheios de gente com a cara maquiada como caveiras, bonecos vodus nas mãos e bolas de fogo quei-

mando, gritei: "o culpado está aqui, nesta ponte, mas não na frente de vocês!"

- Neste momento *su mamacita* perguntou de volta, "do que está falando, grilo falante?!" Carmen se intrometeu, sentando ao lado de Bianca com um sorriso caloroso.
- E eu não fiquei para trás disse Megan. Berrei: "hora de queimar umas *brujas* na fogueira!". Mas claro, nunca faria isso. Nunca, viu? completou rapidamente ao encarar as sobrancelhas arqueadíssimas de Carmen.
- Então eu expliquei o óbvio a essas duas trapalhonas. Se um humano não podia consumir a colheita das bruxas, era só pensar em um *não-humano* que fosse capaz disso. E, numa cidade com duas mágicas separadas por uma ponte, achar o culpado era muito, muito simples. Guiei todas as bruxas comigo e, embaixo da ponte, encontramos o responsável. Ou melhor, *a* responsável. Lá, Bianca, encontramos uma troll.

Desta vez Bianca emudeceu. A história nunca havia chegado até ali, mas a menina era esperta. Até demais.

— Minha mãe.

Um momento de silêncio mais longo se seguiu. Em uma atitude imprudente Morgana simplesmente decidiu continuar.

— Normalmente, quando falamos de trolls, imaginamos apenas "os" trolls. Mas fêmeas também existem. Então, sim, era sua mãe que encontramos ali, Bianca. Sua terceira... ou melhor, primeira mamãe. E ela estava, naquela noite, grávida de você.

Bianca continuou em silêncio. E finalmente a coragem de continuar abandonou Morgana. Mas, assim que ela pensou em encerrar a narrativa, Megan aproveitou a deixa.

— Ela estava bem fraca, sabe, Bianca? Estava ali se escondendo o melhor que podia para evitar ser perseguida, pensando principalmente em você, que estava na barriga dela. O motivo é que os seres mágicos não vivem apenas de comida e água, minha filha, mas também... ou melhor: principalmente de magia. E magia está ligada diretamente ao so-

nhar. Em cidades onde os sonhos são escassos, onde todos duvidam do que há no além, seres que se alimentam de magia não vivem bem. Sua mãe veio fugida para cá como a gente, de um lugar onde o acreditar já estava rareando.

- Aqui nunca foi um lugar difícil de viver, mas não era fácil para cualquiera de los dos. Por isso, mi hija, sua mãe sabia que, se era difícil para ela, seria mais ainda para você.
  - Pra mim? Bianca sussurrou.
- Sim Megan continuou, seus olhos pousando na menina. Pois, para você nascer, era preciso bem mais magia do que havia no ar... e a única alternativa foi comer nossa colheita cheia de magia e... *coisas especiais* completou, com uma piscadela para Morgana.
- Mas, ainda assim, não era o suficiente. E sua mamãe não conseguiria dar a luz a você. E foi aí que suas outras mamães viraram suas mamães também.
- Foi? Os olhos de Bianca arregalaram novamente, trocando o olhar entre as mães, uma de cada lado. Como? Por quê?
- Muito bem. Morgana retomou a narrativa com seus estranhos e destreinados sorrisos. O *como* foi doando parte do que a mamãe troll não conseguiria sozinha: magia e sangue. Coisas muito poderosas quando são tomadas, mas ainda mais poderosas quando dadas de bom grado. E o *porquê...* E então estacou.

Nunca, em 5 anos desde que isso havia ocorrido, elas haviam tocado no assunto. Nunca Morgana havia realmente compreendido o motivo daquele milagre que presenciara, o motivo daquela dupla antagônica, num simples segundo, ter decidido se colocar como protetoras da troll e de sua cria, derrubando os dois clãs sozinhas, e ainda se submetendo a oferecer sangue e magia para um perigoso ser mágico sem exigir nada em troca. Mas após um breve olhar cúmplice, Carmen tomou a fala.

— Porque, *cariño*, era Samhain. Era o *Dia de Los Muertos*. Dia de Todos os Santos. E, mesmo que não soubéssemos na hora, era o dia de seu aniversário. Foi o dia em que duas tontas perceberam que passa-

ram tanto tempo acumulando poder, num mundo onde era tão difícil conseguir o poder de *acreditar*, que nós mesmas nunca mais renovamos nossas crenças.

A mãos de Carmen acariciaram as faces da esposa e da filha com amor sem tamanho, tanto que por um segundo Morgana sentiu–se uma intrusa por estar ali, contando aquela história.

— Então foi ali, graças ao esforço de sua primeira, segunda e terceira mães que você nasceu, meu bem.

Bianca abriu um sorriso cândido por um momento, mas logo perguntou.

## — E minha mãe?

O momento constrangedor respondeu a pergunta por si só, mas Morgana acreditava que a menina merecia clareza.

— Ela não resistiu, meu bem. Naquela noite, sua primeira mamãe faleceu.

Bianca ficou quieta, os olhos chorosos. E com uma punhalada feroz perguntou de novo:

— Ela morreu por minha causa?

Morgana e Carmen ficaram em pânico por um segundo. Teriam traumatizado a menina? Contar aquela história fora a coisa certa? Megan insistiu.

— Não, meu bem. Ela já sofria há muito tempo, assim como sua mamãe Carmen e eu. Todas sentimos muito com a ausência cada vez maior do sonhar. Ela não resistiria onde estava antes, tenho certeza, mas o seu surgimento foi o que a fez querer mudar. Buscar uma alternativa, mesmo que desesperada. Ela não morreu por sua causa, pois não havia nada que pudesse ter sido feito para impedir que ela se fosse. Mas a sua existência fez ela se importar com a maneira que iria. Sabe, quando dividimos sangue com ela, dividimos também nosso espírito. E, em nossas almas, ela nos disse uma coisa, muito claramente. — Megan dividiu um olhar terno com Carmen, que confirmou com os olhos marejados. — Disse que amou você. Amou ter você. E nos pediu para amar você como ela o fez, e nós aceitamos.

Você, Bianca — completou Carmen já com a voz embargada
 , salvou a todas nós, só por ser quem é. E isso sempre vai ser o bastante.

\*

Bianca já ressonava profundamente em sua cama quando Megan se aproximou de Morgana, com mais um copo do estupendo Bourbon que compartilharam durante a festa. Realmente, aquela bruxa brincava com o perigo. Morgana lhe devia respeito, e só poderia demonstrá–lo apreciando profundamente aquela dose.

- Obrigado pela ajuda com essa história disse Megan, depois de alguns instantes de silêncio. Acho que nunca teríamos contado, sem você...
- Não foi proposital Morgana suspirou, recostando–se na cadeira. Ainda se sentia um pouco intrusa. Acho que só me empolguei demais. É um vício que tenho.
  - Amém a este vício. Existem piores.

Permaneceram em silêncio durante mais alguns tragos, dividindo um ocasional cigarro. Morgana, por fim, perguntou o que tanto lhe arranhava dentro do peito.

- Aquilo que vocês falaram sobre magia, o *sonhar* e tudo mais... Era verdade?
  - A mais pura.
- E pode... afetar vocês duas? A voz de Morgana não denunciava, mas seu coração pesava no peito.
  - Talvez.

Novo silêncio. Desta vez mais grave. Megan o quebrou.

- Mas acredito que sempre há um jeito.
- E que jeito seria este? A voz de Morgana falseou, mas ela desejou que Megan não tivesse percebido, pelo teor alcoólico no sangue. Era um desejo vão. Ela bebia bem menos, e Megan ainda estava firme e forte.

- Bem... afinal, o mundo vai seguir adiante. E, mais cedo ou mais tarde, a crença na magia, nas sombras e em tudo que pode se esconder nelas pode finalmente acabar... Mas...
  - Mas...?
- Mas nós sempre vamos acreditar umas nas outras... e no nosso amor. Meu por elas. Delas por mim. E nosso por você, Morgana.
  - Eu?
- Claro, sua tola! Megan riu, de uma maneira tão despretensiosa que Morgana não pode evitar relaxar um pouco. Você é parte da família ou não é?

Megan levantou–se ainda dando risada, dirigindo–se para a cama para se encontrar com sua amada. Antes de ir, porém, deixou um pequeno conselho:

— Não beba demais, Morg. Amanhã é um novo dia.

Morgana ficou no escuro por mais um tempo antes de dormir. Pela janela, num horizonte difícil de ser observado por conta dos enormes prédios e da névoa, viu que já se aproximava a chuva insana que sempre fora marca do Recife. Pensou em tudo o que Megan havia dito. Ela não tinha problemas em acreditar em monstros, fadas, trolls ou magia. Porra, não tinha problema em acreditar nem nas coisas que mesmo suas amigas bruxas diziam não poder ver — e claramente agradeciam por isso. Ficou um pouco assustada ao perceber que, de tudo, o que mais tinha dificuldades de acreditar era que podia simplesmente ser amada por ser quem era. Nada mais e nada menos. Entretanto, mesmo confusa, se conformou com o pensamento.

Afinal, aquele era um bom sentimento.

\* \* \*

O que acontece quando você junta um geógrafo, um chef de cozinha e um escritor numa mesa de bar? Se algum dia você beber com PAULO TEIXEIRA, você descobrirá. Escritor de colunas para o Leitor Cabuloso e o Sphera Geek, divide seu tempo entre expandir sua mitologia Weird Fiction, gerenciar o projeto

3d3a sobre contos e ilustrações criadas a cada 3 dias e ouvir e recriar os causos dos clientes no bar onde trabalha na cidade de Recife.

Blog: <u>3d3a.wordpress.com</u> Twitter: <u>@thechefwithahat</u>

e-mail: pauloteixeiraautor@gmail.com

## E TUDO VAI FICAR PIOR

RODRIGO RAHMATI

JOHN HAMMOND OBSERVOU, através da porta de vidro do mercadinho, o movimento do lado de fora do DIG: quatro policiais de armadura tática subiam na SUV blindada com a urgência de quem segue para uma operação. Todos estavam fortemente armados, e os óculos escuros não deixavam suas expressões compenetradas serem vistas. A SUV saiu da vaga de ré, depois arrancou pela avenida, deixando fumaça no ar. Ninguém além de John sentiu o cheiro de borracha queimada. Ele sorriu para a operadora de caixa após pagar a compra, pegou a sacolinha e saiu para a rua. Rumou para o posto de gasolina da esquina, diretamente em frente ao DIG, onde seu carro estava trocando o óleo.

- Já abasteceram? perguntou ao frentista, retirando os óculos escuros.
- Ainda não, essas coisas demoram gesticulou em direção ao carro ainda dentro da baia.
- De qualquer forma, volto em breve. *Já está pago, certo?* perguntou, olhando nos olhos do frentista. Ainda estava incerto sobre os limites daquilo.
  - Está...?
- Claro respondeu John, com um tom receoso que lhe foi involuntário. Assim é que não daria certo. Colocou mais força na voz: *Você mesmo quem cobrou*.

O frentista olhou ainda com um esgar de dúvida, mas acabou se desculpando. John se virou e saiu andando, em direção à DIG, com um ar enfastiado, e o frentista ficou se perguntando por quê, afinal, ele se metera a cobrar sendo que nem era autorizado a isso.

Glooskap decidiu que, enfim, aquele era o momento certo.

Iria atrás de seu irmão, Malsum.

Mas, antes, precisava encontrar outros.

Subiu até os limites de seu Plano, observando os demais — uns mais próximos, outros mais distantes, quase perdidos no Éter —, e se jogou em direção ao vazio.

Assumiu seu maha quando mudou de dimensão. Como uma águia-cinzenta, seguiu as correntes de ar, subindo, descendo, controlando o que lhe acontecia através de carne, osso e penas. Era uma delícia usar a matéria para se deslocar, ainda que não fosse uma matéria totalmente constituída. Desceu os últimos metros em círculos; depois, ao pousar, as asas levantaram poeira, cinzas e fagulhas.

John Hammond tossiu e bateu as mãos na roupa e no cabelo cortado curto; depois, mais como reflexo (quase para se certificar de que ele ainda estava lá), correu a mão pelo cavanhaque.

- A senhora podia ser um bom passarinho e pousar naquela árvore ali apontou com o olhar, voltando—o depois para o fogo, que baixava novamente, sob a panela na fogueira.
- É mais divertido assim disse a águia–cinzenta, e John jurou que podia tê–la visto sorrir. Talvez os olhos platinados fossem suficientes para passar toda a expressão que ela desejava.
  - Era mais divertido vê-la com roupas de couro.
  - Basta morrer para me ver como sou.
- Estou sossegado assim mesmo... E estou certo que não estarei mais tão sossegado, muito em breve. O que deseja de mim, minha senhora?
  - É chegada a hora.
  - A hora...? Ah, puta que o pariu. Aquela hora?
  - Exato. Então, como já sabe, vou precisar...
  - Dele.
  - Do Ceifador.
- Sabe que eu ainda não estou processando isso muito bem, né? Depois de tudo...

- E você também sabe que foi por isso que eu escolhi você.
- É, sei. John misturou os ingredientes da sopa com uma colher de pau. — Vou precisar encontrar o sumo–sacerdote de Anúbis para isso, certo?
- Não tenho livre acesso ao Plano dele. Precisamos de um intermediário
- Mas como vou encontrá-lo? A senhora sabe que eu ainda estou aprendendo a...
- Vá até o Arquivo. Enam lhe dirá como encontrá–lo. Ele é o instrumento do deus do conhecimento; não pode se ocultar nem negar qualquer informação a quem vai ao Arquivo em busca delas.

John nunca se sentia confortável em ser chamado de instrumento — mas era isso o que era. Em troca de uns presentinhos, claro (ainda que nem todos ele tivesse aprendido a usar.)

- E, depois disso tudo, o que devo dizer ao sumo–sacerdote de Anúbis?
  - Que peça ao seu deus para fazer-me uma visita.
  - E se ele não quiser fazer isso?
- É a sua tarefa fazer com que ele queira afirmou Mahaglooskap, num tom que John não se atrevia a rebater.

Ele voltou novamente sua atenção para a sopa borbulhante. Com cuidado, usando uma concha, serviu–se de uma porção, pescando um pedaço de carne.

— Sabe o que eu não... — começou a dizer para a deusa, mas ela não estava mais lá. Abanou a cabeça e começou a comer. — Por que não chegou assim, sem jogar cinza em mim?

No dia seguinte, na primeira hora da manhã, desmontou o pequeno acampamento e terminou de descer a encosta da montanha. Chegou onde tinha estacionado o carro por volta do meio–dia.

— Por que não podiam pôr esse maldito templo num lugar mais acessível? — grunhiu, procurando o controle na bagunça do bolso da mochila. Quando conseguiu destravar o veículo, deixou-se cair pesadamente no banco do motorista, jogando a mochila no banco ao lado.

- Bom dia, senhor Hammond! disse o sistema operacional do carro, num tom jovial.
- Bom dia respondeu John, de olhos fechados, curtindo o cansaço muscular. — Tem em seus registros algum lugar chamado "O Arquivo"?
- Um momento pediu a voz. Tenho uma posição de GPS relacionada a um contato com esse nome.
  - E esse contato seria...?
  - Enam Betserai.
- Maravilha suspirou John, sorrindo. Pode colocar como destino.
  - Destino selecionado, senhor Hammond.

John colocou o dedão na ignição, o carro deu partida e ele acelerou pela estrada deserta.

Antes, precisava rever um amigo.

\*

— Bom dia. Sou o investigador Hammond. Eu... bem, como você pode perceber pelo sotaque, não sou muito... bom com o português, me desculpe. Gostaria de falar com o escrivão Loureiro.

John não havia simulado absolutamente nenhum sotaque, mas não havia necessidade, já que a atendente ouviu um sotaque inglês meio quadrado assim mesmo. Foi um bom feito, mas, ainda assim, algo parecia incomodar a mulher. Não devia ter muito mais de quarenta anos, mas sua pele era fina e bastante enrugada, e sua expressão indecisa era muito legível.

- Ah, deixe eu mostrar *meu distintivo* disse John, abrindo a carteira e mostrando à moça o primeiro elemento visível dentro da repartição de plástico transparente: um jogo da Mega Sena. Ele não fazia ideia de como era um distintivo inglês de polícia, mas quem completaria essa informação seria a atendente, de qualquer forma.
  - Ah, sim, perfeitamente, investigador...?

- Hammond.
- Isso. Vou chamar o Loureiro, só um momento, tá? Ok? corrigiu.
  - Sem problemas sorriu John.

Olhou para a sala de recepção da DIG: paredes mal conservadas, móveis velhos, objetos jogados de qualquer jeito. Certas coisas nunca mudavam. Assim como o jeito de andar de Loureiro; ele podia ter passado num bom concurso e ser agora um respeitável escrivão da Polícia Civil, deixando os dias de suor e cansaço da Guarda Municipal para trás, mas sempre seria o mesmo estrábico desengonçado dos dias da juventude. O sorriso que ele abriu ao vê—lo deixou com aquela habitual cara de tonto.

- "Investigador Hammond" riu ele, estreitando os olhos e abraçando John. Quando isso aconteceu?
- Quando precisou respondeu John, em voz baixa, por cima do ombro de Loureiro. Podemos conversar em algum...
  - Claro, venha por aqui.

Loureiro o levou para uma sala a duas portas dali — um cubículo com uma mesa redonda caindo aos pedaços com cadeiras em volta. Fechou a porta atrás de si. O ar tinha cheiro de fumaça de cigarro.

- Precisei me tornar John Hammond depois daquela confusão.
- Espera... John Hammond não é aquele cara do *Jurassic Park...*? Não sei se esse é um bom nome, porque... Mas ei! Não é meio arriscado você estar...?
  - Relaxa, isso não é problema mais. Eu...
- Como "não é problema mais"? Eu checo seus registros direto, e ainda consta todos os seus...
- Loureiro cortou John, segurando no ombro do velho amigo. Já fazia muitos anos que aquela cena não se repetia, mas o passado estava logo ali quando os olhares se fixaram um no outro. Isso não é mais importante. Preciso de uma informação. E só confio em você para isso. Na verdade, John não confiava é nas próprias habilidades de arrancar essa informação de outro. Ainda.

- É relacionado a... aquele negócio?
- Tudo sempre será relacionado àquele negócio. Mas esse não é tão diretamente. Você já é estável nesse cargo?

Loureiro fez o gestual que sempre fazia quando se punha na defensiva (e geralmente sempre que John lhe fazia alguma proposta): afastou o tronco, inclinou a cabeça e franziu o cenho.

- Por que eu tenho a impressão de que vou me arrepender disso? perguntou. Como John não se moveu, ele relaxou os ombros. Estou.
- Não se preocupe disse então John. Não acho que isso vá tão longe. O que eu preciso saber... John suspirou. Você se lembra daquela arma... que foi apreendida pela Civil quando... quando me procuraram?

Loureiro franziu o cenho e olhou para o chão, buscando a informação.

— A que estava na recepção da pousada — continuou John. — Endereçada a mim.

Os olhos de Loureiro então se arregalaram.

- Claro! Era uma coisa meio diferente, não era? Ouvi falar algo assim, quando nós... Quero dizer, não era "nós" ainda; quando a Civil assumiu.
- Isso, essa mesma. O que foi feito com ela? Digo; agora que você trabalha aqui, você deve saber para onde ela foi, ou teria ido. O que fazem com armas apreendidas, coisa assim.
- Não sei o que fizeram com ela disse, balançando a cabeça, imaginando. Quero dizer, armas são destruídas, ou mandadas para a perícia, e depois provavelmente destruídas... algumas ficam no depósito por um tempo, sei lá... Mas aquela, sendo experimental, deve ter ido... para a Federal. Polícia Federal. Provavelmente.
  - Você consegue levantar essa informação para mim?

Agora Loureiro entendeu a pergunta sobre a sua estabilidade.

— Se for possível fazer isso sem levantar suspeitas para você —

acrescentou John Hammond. Sabia que não seria possível, e sabia também que, ainda assim, Loureiro não ia deixá—lo na mão.

- O que você... O que você vai fazer com essa informação?
- Vou reavê-la. A arma.

Loureiro apoiou-se na mesa, segurando a cabeça com a mão.

— E você ainda diz que acha que não vá tão longe assim... — disse, após uns instantes pensando se tinha o telefone de algum advogado.

\*

O táxi estacionou defronte o edifício visivelmente mais antigo da rua — e isso era notável, numa vizinhança de edifícios tão antigos. O motorista olhou para trás, diretamente para John, e sua preocupação era tocante, até.

- É aqui o La Bella Donna disse, em inglês. Tem certeza que é onde quer ir?
- Absoluta respondeu. "Ainda mais agora", pensou. Pagou a corrida com o cartão internacional sem limite e desceu.

O dia de verão estava úmido e claro naquela cidadezinha do sul da Itália que John mal fizera questão de lembrar o nome. "Claro demais", pensou ele, colocando os óculos escuros, sacando o celular e checando o mapa: San Vito Lo Capo. Guardou—o novamente e olhou a rua — deserta. Checou se a arma estava bem presa no cós da calça, às costas, e entrou no bar. O lugar era mais comprido do que largo; seu balcão se estendia até os fundos, e mesas pequenas preenchiam o resto do ambiente, todas elas lotadas por homens e mulheres bebendo, rindo e fumando. Não pareciam conhecer o conceito de "terça—feira à tarde". John pediu uma cerveja ao barman, fazendo com que ele não percebesse seu sotaque. Foi fácil — num lugar como aquele, as pessoas desejavam inconscientemente um dia sem conflitos. E, como sua deusa o ensinara, eram as próprias pessoas que completavam a informação

com a qual seriam enganadas; ele somente as *sugeria*. Quando o velho barman foi entregar–lhe a cerveja, ele segurou seu braço.

— Preciso encontrar Don Gallo — disse, em voz baixa.

O barman assentiu silenciosamente. Seus olhos grandes e expressivos se voltaram para os fundos do bar; havia um homem careca, de terno, plantado em frente a uma passagem em arco. John sacou uma nota de 20 euros e colocou no bolso do avental do homem, com uma piscadinha, pegou a garrafa de cerveja e se encaminhou para o careca.

O homem se preparou para barrar—lhe a passagem antes mesmo que ele estivesse completamente à sua frente.

— Preciso falar com Don Gallo — disse John, antes que o outro falasse. Tirou os óculos escuros. — Você já me revistou, e sabe que não ofereço perigo.

O careca piscou, confuso, e se afastou. Atrás dele, a passagem em arco descia para o subsolo — não com degraus, mas com um corredor em curva, cheio de garrafas de vinho em nichos nas paredes. O som de conversas animadas de pessoas de ambos os sexos foi dando lugar a risadas graves e agressivas, exclusivamente masculinas. De fato, havia uma nova sala no subterrâneo, cheia de caras de terno, fumaça de charuto e armas sobre as mesas. Como John já esperava, tudo silenciou bruscamente quando ele chegou.

- Tem algum negócio a tratar aqui? perguntou um deles, mais próximo da entrada, com uma expressão de "meus bons modos têm prazo de validade". Ele falara em italiano, mas isso não fazia diferença para John. Ademais, ele percebia que o modo com que todos o olhavam se aproximava mais da curiosidade do que da hostilidade. Era, de fato, raro que alguém tivesse a petulância de se apresentar ali com uma expressão tão tranquila.
  - Preciso falar com Don Gallo repetiu, em voz alta.
  - Ele só atende com hora marcada, e não é qualquer...
- Eu falarei com ele disse uma voz forte e ligeiramente aguda, vinda do fundo da sala. Os outros não conseguiram disfarçar as expressões confusas. Somente então John desviou o olhar do primeiro

homem, e viu alguém se levantando e vindo em sua direção. Os outros baixavam os olhos quando ele passava. — Você deve ser o novo — sorriu, quando chegou em frente a John.

Ele esperava alguém mais velho. Don Gallo não devia ter nem quinze anos a mais que ele; era magro, baixo, tinha o cabelo cortado rente e as orelhas levemente projetadas. Pelo seu pescoço e ombros, no entanto, podia se perceber que tinha boa massa muscular.

- John Hammond, a seu dispor disse, abaixando de leve a cabeça. Esforçava–se para não demonstrar a diversão que sentia com a confusão dos outros mafiosos.
- Vamos conversar num lugar mais reservado disse Don Gallo, passando por John. Giancarlo, venha.

Um rapaz de terno de risca de giz se levantou e seguiu os dois em direção ao primeiro andar.

Quando estavam pelo meio do salão superior, Don Gallo cumprimentou o barman e se voltou para John.

- John Hammond não é o nome do velho do *Jurassic Park...*?

  John suspirou e apenas assentiu. Logo que saíram do lugar, Don Gallo continuou.
- De qualquer forma... Você já dominou suas novas habilidades? Antes que o trio atravessasse a rua, John mandou que o tal Giancarlo os aguardasse daquele lado, perto da porta. Ele o fez sem pestanejar.
  - Impressionante riu Don Gallo.

Do outro lado, recostaram–se contra a amurada, que há séculos tentava impedir bêbados de caírem dentro do canal.

- Este é o "lugar mais reservado"? perguntou John.
- Somente os deuses sobre nossas cabeças sorriu o outro. Parecia mais tranquilo longe do ambiente cheio de mafiosos.
- E qual é a sua habilidade, como... John olhou ao redor. Como sumo–sacerdote de Anúbis?
- Além de todas as habilidades básicas e do cartão ilimitado (nada é melhor do que isso), eu posso encerrar a vitalidade de qualquer

coisa. Acabar com o tempo nesse plano. Matar qualquer coisa — resumiu o mafioso, sem pestanejar. — Isto é, menos você ou um dos outros sete, claro — sorriu novamente. — Assim como você também não pode me enganar.

- Como me reconheceu?
- Com o tempo você se acostuma. Existe algo... diferente em nós. Não sei se algo nos olhos ou na energia vital, mas existe. Além disso, poucos saberiam que eu estaria aqui nessa hora, e dentre esses poucos, só um que não é do meu convívio. E esse alguém certamente não o diria a quem não fosse um de nós. E como há apenas um que eu não conhecia...

Do outro lado da rua, Giancarlo parecia ter despertado da besteira que estava fazendo: deixara o chefe sozinho com um desconhecido. Don Gallo, contudo, fez um gesto para que ele ficasse lá.

— Bom, dá pra ver que não consigo manter a sugestão por muito tempo ainda — sorriu John. O mafioso, contudo, apenas o encarou. — Vim trazer um recado. Na verdade, é um pedido para que o repasse.

Don Gallo assentiu.

- Glooskap precisa de seu deus. Como ela não tem acesso ao Plano de Anúbis, pede que ele vá vê-la assim que possível. John ainda não conseguia se referir aos deuses sem sentir aquele arrepio incômodo... como se algo muito além de sua alçada o estivesse movendo. (Bem, na verdade, estava.)
- Você já deve saber que o Senhor dos Mortos não gosta de ser incomodado disse Don Gallo após alguns instantes, sério.
  - Minha senhora não o incomodaria à toa.
  - Ainda assim...
- Não venho até aqui sem uma proposta disse então John. —
   Uma proposta para você. Os deuses que se entendam.

Don Gallo estreitou os olhos.

- Sei que é um colecionador de armas.
- Ser o sumo-sacerdote do deus do conhecimento não deveria fazer de Betserai um língua de trapo resmungou Don Gallo.

- Acontece que tenho algo que vai lhe interessar. Uma arma única nessa... John ia dizer "nessa realidade", mas achou que seria informação demais. Preferiu mudar o enfoque. Nessa *característica*, digamos assim. Uma arma muito antiga, mas que não sentiu a ação dos milênios. Antiga mas ao mesmo tempo moderna.
  - Se essa coisa existir, pode ser que eu me interesse.
  - E então você passa o recado.
  - E então eu passo o recado.

\*

John Hammond olhou, através do binóculo, para o conjunto de galpões municipais que serviam de depósito para a Polícia Federal. Naturalmente, estava localizado no fim de uma avenida movimentada da capital Campo Grande, após duas portarias, cercado por dois níveis de cercas eletrificadas e protegidas por guaritas com policiais armados a cada cinquenta metros.

Felizmente, nada que oferecesse muito desafio. John até chamara Don Gallo para participar da diversão, mas ele achara melhor não envolver a Cosa Nostra com a PF brasileira. "Ser sumo–sacerdote do Deus dos Mortos é moleza; o que vai acabar comigo são essas responsabilidades", dissera.

Descendo do prédio, John jogou fora o binóculo, mas não sem antes impregná—lo com uma aura diferente: quem o encontrasse, julgaria se tratar de algo sem valor e o deixaria no lixo. A aura não durava muito (para variar), mas era uma das habilidades que ele achava mais divertidas e que vinha treinando com mais afinco. Enquanto caminhava rumo ao conjunto de prédios, lembrava—se da vez em que tinha capturado um pombo e feito todos na praça acharem que era uma cobra; os sustos foram divertidos, mas o efeito durou menos de dez minutos... Perdera mais tempo tentando pegar o pombo do que com a brincadeira. Estava certo de que um dia conseguiria fazer aquilo à distância.

Suando, John resmungou novamente contra o calor do Mato

Grosso do Sul. "Não poderiam colocar coisas importantes em locais frios?" Poderia ir de carro, mas não queria registrá—lo em câmeras. Gostava daquele carro; não queria ter que abandoná—lo. Além do mais, fora um trampo deixar a voz da assistente do jeito que ele gostava. Ou de um jeito que não o incomodasse.

Na primeira portaria, apresentou-se amigavelmente ao policial.

— Olá. Sou o investigador John Hammond, de Londres — mostrou o documento de identidade de Minas Gerais fazendo o outro supôr que era seu distintivo — e tenho esse mandado — entregou um papel de rascunho rabiscado — dizendo que tenho autorização do delegado da comarca para reaver uma apreensão indevida, trazida para cá por engano, e, ainda por cima, no meio de um lote errado. — Se tinha dificuldades em fixar um efeito por muito tempo, inundaria a mente do policial com muitos de uma vez e torceria para que a confusão durasse tempo suficiente.

Como muitas vezes acontecia, o policial autorizou sua passagem sem dizer uma palavra, incapaz de concatenar tudo o que lhe ia à mente.

Na segunda portaria repetiu a ladainha, mas, dessa vez, com uma expressão séria, meio irritada até, como se fosse uma pessoa importante demais para ter que passar por duas portarias e gastar saliva com dois meros policiais de plantão. Pela expressão desse segundo porteiro, John teve certeza de que ele teria uma crise de enxaqueca muito em breve. Sentiu–se meio culpado por isso, mas, de qualquer forma, agora estava dentro do complexo. E, como em todo setor público, lotado à primeira vista, parecia deserto quando era preciso pedir informações.

Havia, ao seu redor, seis galpões enormes — mas "colossais" não seria uma má palavra —, três de cada lado, distantes um do outro uns vinte metros. Os outros estavam reunidos em um bloco de três, separado por um estacionamento. Era impossível ir de um ponto a outro sem chamar a atenção. Havia ainda placas de identificação com setas e com as esclarecedoras indicações de "Depósitos I a III r" e "¬ Depósitos IV a VI". A informação levantada por Loureiro era de que a arma tinha ido parar no "depósito de armas", mas desde o começo John esteve certo

de que não encontraria isso descrito tão literalmente. Começou a suar frio. A semelhança daquele momento com outro, em seu passado, mexeu com o seu estômago. Naquela vez, perdera um amigo. Agora, pelo menos, estava sozinho. Respirou fundo, olhou ao redor e viu um policial vindo em sua direção.

Decidiu que o faria acreditar que estava fardado também.

- Boa tarde disse John, estendendo a mão para o policial.
- Boa respondeu o outro, estendendo a mão após encará-lo por um momento.
- Desculpe, é que estou me apresentando hoje, e ainda não conheço o local.
- Onde você precisa se apresentar... O policial procurou a tarjeta com o nome no peito de John, e ele cuidou daquilo. Soldado Loureiro?

John prendeu a respiração. Fora pego de surpresa; aquilo não poderia acontecer mais.

- Disseram... Depósito de armas. Percebeu que sua voz estava insegura. E nas placas só tem...
  - Depósito V, soldado disse o policial, já se afastando.
- Obrigado respondeu John, soltando o ar que prendera inconscientemente.
- Por nada, mas é bom que você se acostume a bater continência quando encontrar um oficial, soldado.

"Puta que me pariu."

John mal percebeu o trajeto que fez até o suposto depósito das armas — o que já era um risco, porque o teriam visto exatamente como ele é, se fosse pego de surpresa —, mas recompôs—se à frente do galpão. Como os outros, o local tinha uma porta para veículos e uma para pessoas, ambas fechadas. Apertou o botão do interfone e disse, quando questionado, que era o Soldado Loureiro se apresentando para iniciar o serviço naquele setor. Manter uma mentira sempre era mais efetivo e tinha mais resultado do que ficar criando novas a cada momento. Após um resmungo do outro lado, a porta foi destrancada.

O interior do depósito era muito mais organizado e limpo do que John poderia supôr. Entre ele e o labirinto descomunal de prateleiras havia uma doca para caminhões, cerca de um metro e meio abaixo do nível do primeiro piso do depósito, e uma escada, à sua direita, que levava para o único escritório visível. Ouviu de lá um "venha até aqui, soldado", gritado numa voz meio sonolenta, e subiu os degraus.

Lá dentro, um soldado corpulento estava compenetrado em papéis sem fim, espalhados à sua frente, pela mesa. John até se sentiu mais confiante. O soldado finalmente levantou o olhar para ele, e franziu o cenho. Tinha a expressão meio curiosa... Down, talvez?... mas estava mesmo é encafifado com o que via. Ele nitidamente mirava um soldado em suas roupas comuns. John repreendeu—se mais uma vez estava terrivelmente relapso naquele dia. Decidiu, contudo, contornar a situação sem maiores traumas: apagaria a informação sobre estar se apresentando para trabalhar ali.

— Desculpe por estar à paisana, senhor, mas estamos tentando manter tudo na maior discrição possível — disse, e estendeu a mão para o soldado, que a apertou, relutante. Usou o "estamos", no plural, para confundir ainda mais o soldado. — Tenho aqui uma ordem do Tenente—Coronel para remover um item deste estoque — acrescentou, estendendo uma folha de papel em branco contendo somente uma data e um endereço qualquer. (Tenente—Coronel era o maior grau hierárquico que ele conhecia, e rezou para que ele existisse na Polícia Federal.) — Se puder informar onde se encontra a apreensão realizada na data que consta nesse ofício, ficarei feliz em acompanhá—lo até o setor para que possamos retirá—lo.

O policial piscou com dificuldade. Parecia mesmo ter alguma dificuldade na cognição. "Como colocam alguém assim para cuidar de um estoque de armas apreendidas?", pensou John. O policial colocou o papel recebido sobre os outros na mesa, tentou coçar a cabeça sobre o boné, retirou—o e enfim passou a mão pelos cabelos curtos, terrivelmente ruivos, e que, para John, faziam um contraste horroroso com a pele amorenada do soldado. Por fim, após algumas mudanças de foco

entre John e o papel, o soldado — cuja tarjeta dizia "SD Ubirajara" — voltou a encará–lo.

- Tem alguma coisa errada aqui disse, com certa dificuldade. — Você tinha me dito — e apontou para o interfone, na parede — que ia trabalhar aqui, e agora...
- Não interferiu John, com severidade. Não era para aquilo acontecer, mas ele reforçou a sugestão. Eu estou aqui para retirar uma apreensão, a pedido do Tenente–Coronel.

O soldado Ubirajara piscou mais algumas vezes, mas dessa vez com o cenho franzido. Pegou novamente o papel sobre a mesa.

- Você me entregou um papel em branco disse, fechando ainda mais a cara. John sentiu o coração acelerar, e o suor pontilhar suas costas. Ubirajara balançou a cabeça. Escuta: o que você está fazendo aqui?
- Você é quem tem que me ouvir, e bem disse John, mas sua voz não saiu tão autoritária quanto desejou. Por que as sugestões não estavam funcionando com aquele soldado? Por que Glooskap não lhe disse que não funcionava em deficientes? No entanto, desistiu de conjecturar quando o soldado levou a mão à arma, e dar aquele passo defensivo para trás não ajudou em nada.

John se jogou para fora da sala assim que o soldado disparou. Caiu no corredor sentindo uma dor aguda no ombro e o sangue molhando seu tronco. Conseguiu, no entanto, se levantar e correr antes que o corpulento Ubirajara conseguisse sair de trás de sua mesa, derrubando coisas para todos os lados.

\*

Eu sei o que você é! — gritou o soldado Ubirajara, com sua fala arrastada, de algum lugar no meio das infinitas estantes do galpão.
Minha vó me alertou sobre gente... do seu tipo!

"Do meu tipo?", pensou John. "Será que ele realmente sabe do que está falando?". Estava escondido atrás de um grande caixote, fora

das estantes — talvez a única coisa ali capaz de esconder seu corpo inteiro. Tentava olhar pela lateral ao mesmo tempo em que buscava definir de que direção vinha a voz do policial.

— Acontece que eu fui treinado a vida inteira pra encontrar um de vocês — veio novamente a voz, e John pareceu definir melhor sua origem. — Ah, eu sei *bem* o que vocês são! *Ah*, se sei. — O soldado parecia certo de que eram "vocês"... Mais de um como ele? John, contudo, também estava certo onde o soldado estava agora: atrás de uma prateleira cheia de pacotes com esferas de metal.

John saiu rastejando para trás da prateleira seguinte, um corredor mais próximo a Ubirajara do que estava antes. Quando ouviu a voz do soldado com mais clareza, teve certeza de que estava certo. Colocou o dedo no gatilho da arma que mantinha empunhada desde que fugira do escritório.

— Minha vó disse que um dia vocês viriam atrás de mim! — gritou o soldado. — Vocês estão matando todos nós... Mas eu vocês não vão pegar. Ah, *eu* não!

"O que diabos esse lunático está falando? Por que os sumo-sacerdotes matariam 'gente como ele'? E o que *raios* ele é?"

Avançou mais um corredor. Estava agora a um pulo de pegar Ubirajara desprotegido. Esperava conseguir atirar apenas para feri–lo. Estava pronto para agir quando ouviu a risada do soldado ruivo.

— Esse cabelinho crespo não me engana, seu caipora! É! Acha que eu não sei que você tem sangue de caipora?! Vocês estão matando todos nós, que temos sangue de curupira, minha vó disse! Um por um! E eu não acreditei, eu ri dela! Você acredita? Eu ri dela! Ah, mas eu vocês não vão pegar!

Os gritos ressoavam na cabeça de John, tão perto, do outro lado da prateleira. Segurou com firmeza a arma, mas decidiu, em vez de saltar de lado, atirando, simplesmente girar na esquina, de costas para a prateleira, e assim ter mais firmeza para não disparar de maneira fatal. Preocupar–se–ia com o mal–entendido depois.

Quando John se virou, não havia ninguém lá. Mas como? Ele ti-

nha certeza que.... Lembrou–se, no último instante, das histórias sobre as habilidades dos curupiras. De como enganavam caçadores nas matas.

Levou uma pancada na cabeça e perdeu o controle das pernas.

— Vocês gostam de enganar os outros — ouviu ainda, antes de apagar —, mas nós somos muito melhores nisso. Escutou?

\*

John acordou sendo arrastado pelo pé. As costas ardiam pelo atrito com o cimento queimado, e certamente o soldado não esperava que ele despertasse tão cedo. Se soubesse *quem* realmente era, saberia que ele não ficava ferido por muito tempo — o sangue do tiro de raspão no ombro já não fluía há algum tempo, e da pancada só restara uma leve dor de cabeça.

Com o pé solto, John acertou um forte chute na têmpora de Ubirajara. Vendo o soldado grogue, esteve certo de que teria algum poder sobre ele. Tentou de novo o truque da cobra. Pegou qualquer coisa na prateleira e jogou sobre o outro. O grito revelou que tinha funcionado. John jogou—se através da prateleira cheia de pacotes leves, derrubando todos, e não perdeu tempo em descobrir se o outro estava em seu encalço ou não. Correu, bateu a mão nas costas e confirmou sua suspeita: estava desarmado.

Para ajudar, ouviu um estouro. Pela fresta das prateleiras, ainda que não tivesse uma visão limpa do local, percebeu que o galpão começava a encher de policiais, gritando ordens e correndo.

Entrar em pânico não ajudava em nada, mas ele não conseguiu fazer muito sobre isso. Rezou.

"Minha senhora, por favor, preciso de uma luz..." Os soldados chamavam por Ubirajara e fechavam o cerco, possivelmente ao redor da doca. "Merda... o único poder útil que tenho não serve de nada contra esse..." E então começou a rir. Teve que se controlar para não gargalhar. Concentrou–se, pediu à deusa por energia para realizar

mais do que já tinha feito até então e correu em direção aos policiais que o cercavam.

Quando chegou à linha de visão deles — e, consequentemente, à linha de tiro —, viu que eram pelo menos vinte. O momento em que o visualizaram foi tenso. Silêncio de ambas as partes, até que John decidiu falar.

— Ele está ali! — gritou, bem mais devagar do que costumava falar. O soldado, corpulento, não conseguira se ocultar perfeitamente, e o topo ruivo da cabeça era visível atrás do mesmo caixote que John se escondera primeiro. — Está armado, e pegou a minha arma também!

Essa informação fez os policiais como que despertarem. Um deles (certamente um oficial; John precisava estudar isso melhor) fez um sinal para outro, que tinha um rifle de precisão, e o topo da cabeça de Ubirajara explodiu num spray vermelho.

\*

John deixou—se escorregar para o chão. Parecia apenas cansado, mas na verdade se concentrava para manter a sugestão em tanta gente ao mesmo tempo. Certamente estava melhorando... ou talvez fosse só a adrenalina.

- Precisamos levar você para a enfermaria disse um soldado, aproximando–se com a escopeta ainda em punho, observando o sangue nas roupas de John, a ele indistinguíveis da própria farda.
- Obrigado disse John, batendo continência meio desajeitado, como se estivesse com dor. Por via das dúvidas. Só preciso pegar meu... meu... e abanou a mão na direção do escritório.

O soldado olhou para lá, meio desconfiado, mas assentiu.

— Não perca tempo — disse, e saiu.

John olhou ao redor e, vendo que ninguém olhava diretamente para ele, teve uma ideia. "Aproveitando a adrenalina, então... Será que consigo impregnar uma aura em mim mesmo... em vez de dar sugestão aos outros...?" Essa era uma dificuldade que sempre tivera: tinha que

saber em quem lançar a sugestão. Sabia que estava sendo cuidadoso ao extremo, mas já não podia garantir que não havia, entre aqueles soldados, algum outro com sangue de qualquer coisa esquisita. De qualquer forma, impregnou a aura em si mesmo, levantou—se e foi em direção ao escritório. Passou por dois soldados, que não deram mostra de o terem visto. John sorriu, mas não se permitiu perder a concentração. Acessou o computador de Ubirajara, que estava ligado e desbloqueado, descobriu o sistema de estoque, inseriu a data da apreensão da arma e encontrou sua localização. Passou novamente pelos policiais — praticamente todos — e ninguém o viu. Encontrou a arma, retirou—a do lacre, enfiou—a debaixo da camisa e saiu, caminhando calmamente, do Depósito V, cercado por viaturas, soldados e oficiais.

Agora que sabia fazer aquilo, sorriu, queria ver quem é que poderia pará-lo.

Ou melhor: não queria saber não. Essas questões de sangue — um amigo lhe dissera, muito tempo atrás — podiam ser bastante confusas.

\*

- Você, definitivamente, tem que encontrar um nome melhor riu Don Gallo, assim que sua governanta anunciou a entrada de John Hammond em seu estúdio. Dessa vez, fora convidado a ir diretamente à residência do sumo-sacerdote, uma bela mansão isolada no alto do Monte Monaco. Don Gallo deu uma última olhada na tela que pintava, deixou o pincel sobre o suporte e limpou as mãos num pano. Imagino que seu nome real seja ainda pior acrescentou ao cumprimentar John com um abraço.
- Até que não... respondeu, percebendo que o outro já o tinha em maior conta. "Contatos são sempre contatos", pensou. O problema é que gente demais está interessada nele. E não de um bom jeito. Mas cheguei à conclusão de que preciso mesmo parar de associar minha imagem a dinossauros.

- Não vão te respeitar muito desse jeito apontou Don Gallo.
- Não que eu tenha uma imagem como a sua a zelar. Sou mais do tipo que gosta de passar despercebido — disse, notando o quanto mudara ao longo dos anos. — Mas vamos lá: não é por isso que estou aqui.
- Trouxe a tal arma misteriosa, que une passado e presente? sorriu Don Gallo.

Sem maiores suspenses, John retirou de dentro de uma maleta (nova, para valorizar o produto) uma pistola e a entregou ao mafioso.

- Você está brincando comigo, meu amigo? disse Don Gallo, olhando com severidade para John. Isso é uma Glock 18. Meio estragada, ainda.
- Essa é a parte do "presente" disse John. Vamos, pegue. Isso, veja a munição.

Don Gallo soltou o pente, e franziu o cenho. Soltou uma bala e a aproximou dos olhos.

- Esta merda está soldada?
- E essa é a parte do "passado" disse John, e percebeu que suava. Está calor aqui. Enfim, é por isso que a pistola tem esse aspecto. Ambas, arma e munições, estão revestidas com um metal... antiquíssimo. Ia dizer "atlante", mas achou melhor não complicar. Orichäc. Foram banhadas com ele para protegê—las, e também ao portador, do conteúdo da munição. Infelizmente, só sobraram, hoje em dia, essas onze balas.

Don Gallo olhou no fundo de seus olhos, viu que ele não mentia e imediatamente mudou sua expressão facial.

- O que a munição faz?
- Existe algo por aqui que você não se importe em perder...?
- Aquele quadro apontou, mostrando uma paisagem meio genérica. (De fato, percebeu John, Don Gallo não era um pintor dos mais competentes.)
  - Pensando bem, acho melhor não disse John. O estrago

será bem maior... — Foi até a janela panorâmica. — Aquele guarda–sol. Posso atirar nele?

— Por favor — disse Don Gallo, levemente excitado.

E então John atirou. Foi nítido que o projétil se desfez no meio do caminho, mas o conteúdo da munição seguiu sua trajetória, acertando guarda-sol, cadeiras e a madeira do deque. O que aquilo — que parecia um líquido — acertou, dissolveu-se no ar, imediatamente. Como se tivesse simplesmente sumido da existência. Aos poucos, a corrosão se espalhou, ampliando todos os pontos onde o líquido tocou num raio de uns vinte centímetros, até que finalmente parou.

A expressão na face de Don Gallo era de êxtase.

- Como isso é possível? perguntou, sorrindo, ainda observando os buracos corroídos.
  - Infelizmente, é uma ciência perdida.

Don Gallo estendeu a mão para John. Ele lhe entregou a arma. O homem abanou a cabeça, dando a entender que não era o que queria, deixou a arma sobre um aparador ao lado e repetiu o gesto. Dessa vez John a apertou.

— Vou chamar o Senhor dos Mortos ainda hoje. Diga à sua senhora que farei o pedido, e estou certo de que será atendido.

\*

A águia–cinzenta, o maha de Glooskap, já estava empoleirado no galho de um cedro quando o chacal, o maha de Anúbis, se materializou das sombras da noite de lua nova. Mahaglooskap desceu, batendo as asas teatralmente, até pousar ao lado de Mahanúbis.

- Minha senhora, há quanto não a vejo disse o chacal.
- Há menos do que gostaria, imagino.
- De forma alguma... Apenas ando ocupado. Sabe como é: a morte não descansa.

Mahaglooskap riu.

— Mas imagino que, se precisa de mim... — disse Mahanúbis.

- Vou reparar a mais antiga das injustiças a mim atribuídas afirmou ela. Vou atrás de Malsum.
  - Vai matá-lo de vez, agora? sorriu o chacal.
  - Vou tentar entendê-lo.
  - Do que precisa?
- Preciso de um grupo de enganadores. Dica de Shaka. "Enfrente um traiçoeiro com um monte deles." Por isso, preciso do seu novo Ceifador.

Mahanúbis não respondeu de imediato; ficou olhando para baixo, cavoucando a terra com uma pata. Depois de algum tempo, voltou a encarar a águia–cinzenta.

- A antiga Ceifadora não gostará de saber que terá que voltar de sua aposentadoria. Espero que não seja por muito tempo.
- Também espero. E imagino que você já tenha formulado o que deseja em troca...
- Precisamos equilibrar a sociedade. Mahanúbis também decidiu ser direto. Gaia está de acordo. As coisas estão saindo dos eixos com essa espécie. Precisamos do seu voto a favor.

Mahaglooskap suspirou — "equilibrar a sociedade", vindo de Anúbis, só podia significar uma coisa.

- Quantos já estão de acordo?
- Alguns.
- Que seja, então.
- Para quando precisa do Ceifador?
- Para breve. Preciso estudar antes. Não é fácil tirar deuses do planeta.
- Como...? Você pretende *voltar* para lá? o chacal apontou para o céu. Está mais louca do que dizem.
- Ou muito sã sorriu Mahaglooskap. Depende do tipo de coisa em que você acredita.

т

Dirigindo pela costa da Grécia, John se sentiu finalmente à vontade para retirar da cintura a Glock com munição solvente. Sorriu, satisfeitíssimo, ao contemplar a proeza da qual tinha sido capaz — e também ao contemplar aquela arma, única, e que tanto significava para ele.

Só não queria estar perto de Don Gallo quando ele fosse rever a arma que tinha guardado com tanto zelo em seu arsenal... e que não diferia, em absolutamente nada, das outras dezenas de milhares daquele mesmíssimo modelo e funcionalidade.

\* \* \*

RODRIGO RAHMATI nasceu em Uberaba em 1987 e mora em Sorocaba desde 2010. Lançou, pela editora Draco, em 2016, os contos Kamerorkester (terror), Paid in full (ficção científica), Aquecimento global (Em fogo alto) (fantasia e comédia), Nil e My shadow plan (fantasia); na revista Trasgo #10 o conto Noturno deserto (fantasia); na revista Gueto o conto Apreensão (ficção realista) — que foi premiado na edição de 2017 do Prêmio Cataratas de Contos e Poesia —, e o romance de fantasia O arquivo dos sonhos perdidos. Em 2017, passou a co—editar e revisar os contos publicados no site Leitor Cabuloso e lançou o romance de ficção realista Nefelibata ou O fotógrafo, um híbrido de prosa e fotografia.

Blog: www.rahmati.com.br

e-mail: rodrigo.rahmati@hotmail.com

Twitter: <u>@rodrahmati</u> Facebook: /rodrigo.rahmati

## NO OLHO DO FURAÇÃO

Cassiano Rodka

QUANDO CHEGUEI AO BAR, meus olhos rapidamente se agarraram à figura que eu procurava. Ele estava debruçado em um balcão adornado com neon, conversando às gargalhadas com uma atendente enquanto segurava um cachimbo eletrônico na mão direita. A perna esquerda, mecânica, brilhava com o reflexo das luzes. O frio nunca o intimidou, portanto a bermuda vermelha e o torso nu só contavam com a proteção de um longo casaco preto de couro sintético. Na cabeça, um surrado gorro de lã vermelho. Algumas coisas não mudam.

Ele percebeu minha presença quando dei o primeiro passo em sua direção. "Lá vem ele!", disse debochadamente. Sentei no banco ao seu lado e olhei fixamente nos seus olhos amarelados. "Você sabe que passou dos limites dessa vez," eu disse secamente. "Amigo... eu nunca tive limites," afirmou e caiu na gargalhada.

Quando conheci o Saci, ele era apenas um garoto órfão que aprontava com os turistas e atrapalhava o trabalho das cozinheiras do orfanato onde vivia. Eu estava começando a minha carreira policial e muitas vezes era chamado para resolver problemas domésticos. Em 80% delas eu encontrava o Saci. Era malandro e menor de idade, portanto sempre se safava. Gargalhava quando me via e me chamava de "amigo" com um tom de chacota. Eu lhe dava uma bronca e um peteleco no coco que derrubava o seu gorro, depois deixava ele chispar para longe dali.

Ao chegar aos seus dezoito, tentou passar a perna em um traficante e acabou a perdendo. Quando lhe perguntavam como havia ficado perneta, ele nunca dava a mesma resposta. Uma vez era em uma luta de capoeira, outra num confronto com lobos fugidos de um zoológico, outra ainda salvando uma moça de um ataque de jacarés—de—

papo-amarelo. Nunca usou muleta; preferia pular pelas ruas. E o fazia com uma agilidade invejável. O sorriso estampado no rosto ele nunca perdeu. Parecia inabalável diante de qualquer desgraça. No cachimbo eletrônico — que devia ter furtado de algum turista desavisado — dançava a fumaça do que ele chamava de "minha erva sagrada". Ele me fascinava, mas, ao mesmo tempo, eu temia pelo caminho que Deus havia lhe dado.

"Tupã foi encontrado morto. A esposa dele está desaparecida."

"Melhor para ela, não? Tupã fazia tempestade em copo d'água. Jaci carregou por muito tempo as marcas que ele deixava nela por ciúme."

"Eu sei que vocês estavam juntos, Saci. Você é o principal suspeito."

Não respondeu, mas manteve um sorriso orgulhoso no rosto. Ele não deixava de ter certa razão. Tupã era um sujeito prepotente e violento. Morria de ciúme de Jaci, pois não havia homem ou mulher que não se encantasse com sua beleza. E eu me incluo nessa lista. Ela trabalhou à noite em uma danceteria de gosto duvidoso até conhecer Tupã. Casaram—se e Jaci tornou—se dona de casa, servindo apenas ao marido. Mas dizem que existem hábitos que são impossíveis de largar. Parte fofoca, parte verdade, as histórias chegavam aos ouvidos do marido carregadas pelos mais diversos ventos. Ele passou a bater nela sempre que desconfiava de algum caso. Tinha amigos poderosos em todos os cantos, inclusive na polícia. Sabia se safar tão bem quanto o Saci. A diferença é que, enquanto um teve de aprender a se virar sem parentes e sem dinheiro, o outro apoiava todo o seu peso em pistolões e contas na Suíça.

"Nós estávamos próximos de pegar Tupã por lavagem de dinheiro."

"Claaaro, o todo–poderoso ia para a cadeia. Conta outra!"

"Saci, assassinato é coisa séria."

"Violência também, amigo. As marcas vão se acumulando e todo

mundo finge que não vê. A vida segue tranquilamente para quem vive no escuro. Ninguém quer acender a luz."

É precisamente quando ele larga uma dessas que eu fico instigado. O sujeito parece ter descoberto o equilíbrio perfeito entre os opostos. Ele caminha continuamente na linha que divide o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto. É isso que o faz tão difícil de capturar. Como não admirar alguém que embaralha o sentido de transgressão com prudência? Que conta uma mentira com toda a sinceridade do mundo?

"Se eu disser que testemunhas afirmaram que viram você saindo do local do crime..."

"Aí eu vou dizer a você que eu estou sendo crucificado por uma multidão raivosa que inveja o meu pecado."

Eu estava mentindo. Ninguém havia visto ou escutado coisa alguma. Não havia pistas ou testemunhas. Pela minha longa experiência com os meliantes e desajustados da região, a única criatura que conseguiria ter passado despercebida por todos, enganando a olhos e ouvidos, era aquele sujeito malandro que sentava ao meu lado e fumava calmamente seu cachimbo eletrônico. A tranquilidade e o bom humor eram duas marcas visíveis de um indivíduo seguro de seus passos. Mas, sim, ele havia cruzado uma linha que nunca antes havia ousado atravessar. Eu estava acendendo a luz do quartinho escuro onde ele viveu a vida inteira. Eu estava iluminando todos os cantos que ele não queria encarar. Era uma tarefa amarga para mim, mas é o meu trabalho, no fim das contas.

"Saci, acho que hoje o vento parou de soprar na sua direção."

"Amigo... eu sempre vivi no olho do furação. Quem vive como eu sabe que o dia em que tudo vai parar de girar vai chegar. E eu já tava tonto mesmo."

Riu baixinho, deixando um pouco da fumaça sair por entre os dentes. Depois pendeu a cabeça para trás e gargalhou alto até caírem algumas lágrimas dos olhos mareados.

"Vambora!", ordenou, em meio a uma baforada confiante.

Quando saímos para o silêncio daquela noite em direção à viatura, eu já sabia exatamente o que ia se passar. Ele ia se safar mais uma vez. Um lendário mentiroso, um mito da enrolação, o único cara que eu conheci que possuía o dom de enganar até mesmo a verdade. Ele não passaria os seus dias na cadeia, mas ele não estava mais livre. Enfim, alguém havia capturado o Saci. Eu sempre soube que, se isso acontecesse, não seria eu o responsável. Quem engarrafou o sujeito mais ardiloso que se tem notícia foi uma força maior do que qualquer personagem dessa história. Naquele dia, eu aprendi que até o Saci tem as suas fraquezas.

O amor é uma merda.

\* \* \*

CASSIANO RODKA é escritor, jornalista, músico e DJ. Desde 2005, edita o site PáginaDois (<u>paginadois.com.br</u>) junto com a escritora Clarice Dall'Agnol Casado, onde publica seus contos, crônicas e poesias, além de assinar as colunas de Música e Quadrinhos. Em 2014, lançou o livro *Partituras* pela editora Buqui. Para conhecer mais do autor, visite <u>cassianorodka.com</u>.

## ESCULTURAS PERFEITAS

LEONARDO TREMESCHIN

MAIS UMA ESTÁTUA JOGADA fora. Pigmalião não tinha o que fazer; ela estava bem abaixo das que costumava criar. Seu hobby era fazer pequenas esculturas humanas. Era apenas um iniciante, divertia—se esculpindo em pedra, mas estava longe de realizar seu sonho de viver dessa arte... Quem sabe um dia. Havia muito que treinar.

Encontrava—se agora em um quarto todo preparado para fazer as vezes de ateliê; suas estantes e mesas eram repletas de estatuazinhas, exceto por uma — a que ficava bem ao centro, apoiada em uma base quadrada de pedra, com um metro de lado e setenta centímetros de altura. Era uma linda dama de mármore em tamanho real, branca como o leite e de uma beleza quase divina. Deveria servir de inspiração para Pigmalião, mas só o lembrava da inferioridade do seu trabalho. Aquela estátua, afinal, não fora feita por ele. Era um presente de seu amigo Perseu.

Perseu chegara à cidade há menos de dois anos. Um homem de dinheiro e posses, que não ligava de mostrar isso, mas que também sempre dizia não querer ter fama, e por isso preferia ficar em uma cidade do interior do que na capital do estado. Era uma pessoa tranquila, que até tentava não chamar atenção; isso, no entanto, era difícil. Principalmente por conta de sua casa, repleta de estátuas, tanto dentro quanto fora, à vista de todos. Podiam ser apreciadas estátuas dos mais diversos tipos — casais namorando, músicos em suas performances, executivos com a atenção voltada para os celulares, crianças correndo... e animais domésticos, que eram os que mais populavam o jardim — cachorros se espreguiçando, outros com um claro semblante feroz, gatos saltando, e diversos outros, todos com extremo realismo. Essa era a fonte de toda a sua renda. Perseu, assim como Pigmalião, era escultor, mas as

comparações acabavam por aí. Perto das estátuas de Perseu, as suas pareciam bonequinhos de barro feitos por uma criança de 4 anos.

Chamava atenção também o fato de ele quase sempre estar de óculos escuros. Alguns achavam que ele poderia ter alguma sensibilidade ou algo do tipo, mas, de fato, não era o caso; Pigmalião sempre costumava sair de casa com tais óculos e só os tirava quando alguém o lembrava que os estava usando. Segundo ele, sua casa tinha que ser extremamente iluminada para o seu trabalho, então acabava usando os óculos mais vezes dentro do que fora, tanto que até esquecia de tirálos.

Os dois conversavam direto, desde que um soube do trabalho do outro. Claro que todos do bairro sabiam do talento de Perseu, mas Pigmalião só teve coragem de mostrar suas obras para o colega quando foi pedir conselhos. Foi numa dessas conversas que ficou sabendo que Perseu era europeu, e que, com 37 anos, já havia viajado o mundo todo em busca de inspiração.

E foi justamente para inspirá-lo que presenteou Pigmalião com a estátua que adornava sua oficina. Apesar de ser um presente honesto, parecia quase que um deboche, já que a estátua era, para dizer o mínimo, perfeita. Segundo Perseu, ele a tinha trazido da França mas só conseguira finalizá-la assim que chegou. Perseu nunca se negava a dar conselhos, ainda que nem sempre parecessem fazer muito sentido — e mesmo quando não solicitado. De qualquer forma, como seu talento era inquestionável, Pigmalião se esforçava para segui-los.

Tão grande quanto a insegurança de Pigmalião com seu próprio trabalho era sua inabilidade amorosa. Ele era um homem sozinho, e já quase se acostumara com isso. Ainda assim, por vezes se pegava pensando se tivera azar a vida inteira ou se era simplesmente perfeccionista demais. Talvez fosse o segundo caso — o trabalho perfeito, a mulher perfeita. Perfeita como aquela estátua.

Pigmalião olhava para ela e via suas curvas impecáveis, seus detalhes milimetricamente desenhados... Quem dera encontrasse uma mulher assim. Sua postura era a captura de um momento único, fazendoo indagar que cena ela representava. A dama jogava o corpo para o lado direito numa belíssima composição de equilíbrio e sensualidade, seu peso sobre a perna direita, dobrada, com a coxa que ganhava volume ao tocar e se apoiar sobre a canela. O joelho e os dedos do pé firmavam– se na base de pedra para sustentar o corpo. A perna esquerda, por sua vez, dobrava-se para a frente, na altura da linha da cintura, com seu pé tocando a base suavemente, quase flutuando. Seu braço direito, esticado em direção ao chão com a palma estendida, procurava mais um ponto de apoio, enquanto do lado esquerdo, com o antebraço erguido, as costas da mão lhe cobriam o delicado rosto como que fugindo dos raios do sol; dessa forma, a luz do quarto, que passava por entre os dedos, criava um contrastante sombreado nas bochechas finas e claras de um rosto virado por sobre o ombro. Sua feição transpassava um abalo que era amenizado pelas tênues linhas faciais. Seus ternos lábios entreabertos prenunciavam algo que tornava a curiosidade de Pigmalião tão grande quanto a admiração. Seu comprido cabelo em trança delineava o pescoço, contornando-o para seu colo e repousando sobre seu seio esquerdo, que não estava desnudo; mesmo totalmente alva, um leve relevo mostrava uma sutil roupa íntima que cobria suas partes.

Já era fim de tarde e Pigmalião se perdera completamente no tempo, divagando e contemplando a estátua; quase se esquecera da feira gastronômica que aconteceria dali a pouco. De tempos em tempos, vários cozinheiros apresentavam e vendiam seus pratos típicos ali no bairro. Era uma das épocas de maior movimento na região, já que acabava atraindo gente de outros estados.

Passeou pela feira por uma hora e meia ou duas. Comprou pimenta-do-reino, coentro e outros temperos simples; limão, cebolas roxas, tomate e pimentão para o indispensável vinagrete; e alguns queijos que sempre são bem-vindos, nada muito incomum. Ainda faltava o prato principal; não encontrara algo que o surpreendera. Apesar disso, só sair um pouco de casa já serviu para arejar seus pensamentos. Quando já havia desistido e estava voltando para casa, uma barraca bem na ponta da feira atraiu-lhe o olhar. Quem atendia era uma se-

nhora, já marcada pelo tempo mas que ainda demonstrava a mesma graça de quando nova. Ela vendia pratos de frutos do mar.

- Não me lembro dessa barraca nas outras edições da feira.
- De fato, meu jovem. Primeira vez aqui, mas não primeira vez na cozinha respondeu a senhora, com um sotaque europeu. Inclusive, estou recente no Brasil.
- Percebi pelo sotaque, mas fique tranquila. Você não parece estar destruindo o idioma brincou. Eu sempre gostei de frutos do mar, mas não conheço muito... O que recomenda pra hoje, senhora...?
- D'alva, pode me chamar de D'alva. É só um apelido, mas, como sou grega, meu nome talvez soe estranho pra você disse, já entregando o cardápio. Hoje saiu bastante coisa, mas ainda tenho variedades. Aliás, hoje é uma noite para os românticos, e essas ostras são a pedida certa. São afrodisíacas, sabe como é. Perfeitas para você e sua companheira.

Pigmalião não pôde evitar um leve suspiro enquanto virava o cardápio.

— Hmm, vejo que alguém parece um pouco perdido nas questões de amor, estou correta?

O homem tentou desconversar.

- Pode falar. Além de cozinheira, sou uma ótima ouvinte. Quem é a escolhida?
- Na verdade não sei. Quer dizer; talvez saiba. De qualquer modo, é algo impossível, perfeitamente impossível. Se lhe dissesse, você me acharia louco.
- Meu jovem, teus olhos disseram mais que tuas palavras. Sei o que está passando, e acredite, está longe de ser o primeiro. Tenho algo que vai lhe ajudar. Leve um pouco dessas ostras e faça sua receita preferida, não tem como errar; são semelhantes às do prato que te ofereci, mas digamos que elas têm... algo a mais.

Pigmalião aceitou. Sua fome já o lembrava que era hora de voltar, e torcia para que aquelas ostras fossem boas como a senhora grega falara, independente do que tivesse a mais ou a menos.

Pigmalião preparou seu jantar, apesar do que a senhora D'alva sugeriu. Ele não possuía nenhuma receita preferida, pelo menos não de ostras, e era primeira vez que as provaria; porém, nada que uma busca pela internet não lhe mostrasse algo interessante. Escolheu uma receita na qual podia aproveitar os demais ingredientes que comprou. Começou preparando o vinagrete, que fazia de olhos fechados; cortou, misturou tudo, e por fim temperou. Em seguida partiu para as ostras, separando todas de suas conchas e espremendo limão em cada uma delas. Cobriu—as com vinagrete e passou uma fina camada de queijo cremoso; por fim, salpicou o queijo parmesão ralado. Após alguns minutos no forno para o queijo gratinar, Pigmalião já estava se deliciando com o jantar.

Após comer, enquanto o sono não vinha, resolveu terminar uma de suas esculturas, parada já há algumas semanas. Suas peças costumavam ser pequenas; a maior que produzira não chegava a um metro de altura. Pigmalião já fizera de tudo, desde figuras humanoides de corpo inteiro, bustos, animais e até representações inanimadas, como casas e barcos. Ele ainda não encontrara um foco.

Nessa noite, ele estava para finalizar um soldado romano — a Roma Antiga talvez fosse o período histórico que mais lhe chamava atenção. Faltava alguns detalhes da parte inferior da estátua que, por enquanto, media por volta de 40 centímetros.

Passaram—se uns dez minutos e ele já estava vislumbrando novamente a estátua no meio do quarto. Foi até ela e se viu segurando seus finos dedos. Levou alguns segundos para perceber o calor que começou a emanar deles.

Não só a temperatura da estátua mudava, mas até mesmo sua cor. Veias começaram a serpentear por todo o seu corpo, irrigando a pele que já não era mais dura como mármore. Os longos cabelos trançados foram do mais puro branco ao preto da noite, e agora ganhava movimento. Os olhos esverdearam e ganharam vida, assim como toda aquela peça sólida, que agora era uma mulher. Pigmalião não teve tempo para pensar no que acontecia; tão logo a estátua ganhou vida, desa-

bou. E sorte que ele estava ali para atenuar a queda. Deitou–a no chão com certa dificuldade. A moça se debatia, assustada, e falava algo em outra língua.

— Mon Dieu! Mon Dieu! Arrête! Que fais-tu moi?!

Pigmalião pegou um lençol que cobria algumas de suas peças, enrolou—o na moça para cobri—la e sentou—a em uma cadeira próxima. Tentando parecer o mais calmo possível, fez sinal para que ela aguardasse. A moça demonstrava total confusão, e só conseguia olhar para Pigmalião, enquanto ele saía porta afora. Correu até a casa de Perseu; seu amigo talvez soubesse o que estava acontecendo. A estátua era dele, afinal.

Atravessou o jardim de Perseu correndo, quase tropeçando em uma das estátuas de cachorros.

Apesar de ser tarde da noite, o amigo parecia não estar em casa. Se estivesse, mesmo que dormindo, teria acordado com o barulho dos gritos de Pigmalião e as batidas frenéticas na porta. Este, então, não pensou duas vezes: viu uma tartaruga de pedra no gramado e jogou–a na janela. Entrou por entre os estilhaços; de fato, tudo estava escuro, mas ainda tinha esperança de encontrar o amigo. Assim que acendeu a luz vislumbrou as diversas estátuas na sala. Conforme foi andando pela casa, foi encontrando cada vez mais delas.

Perseu era mesmo um artista sem igual; seu foco era o realismo. Andar pela casa dele era como um tour pelo mundo — diversas culturas e etnias estavam impressas ali. Uma delas representava uma jovem, da qual a vestimenta e modo de se ajoelhar anunciavam ser oriental; de qual país ele já não saberia dizer. Ao seu lado, um homem que, apesar da cor branca da pedra, usava uma volumosa barba e um keffieh, típico dos árabes. Um senhor mais velho, que já perdera os cabelos, não entregava sua etnia, mas sim sua crença, ao portar um crucifixo em torno da mão em frente ao rosto. Aquela estátua projetava um olhar forte, que incomodou Pigmalião por um instante; uma mente criativa seria capaz de ouvir tal figura rezar. Caminhou mais um pouco entre as esculturas, em sua maioria humanas, até seu corpo gelar ao ver um .38

apontado para sua testa, a poucos centímetros. Demorou alguns segundos para voltar a respirar quando notou se tratar de mais uma estátua — um homem em torno dos 40, camiseta simples e calças jeans... e uma mistura de pavor e ódio que saía de seu rosto, percorrendo seu braço esticado até a ponta da arma. Pigmalião ouvia sua respiração um pouco ofegante após o breve susto; no entanto, o silêncio que dominava a casa foi cortado por um barulho vindo do porão. Só podia ser Perseu trabalhando em mais uma obra, pensou.

Correu para o porão, gritando por seu amigo. Mais uma vez, tudo estava escuro. Acendeu a luz. Nada de Perseu. No entanto, se Pigmalião já estava assustado, o que viu ali só piorou.

Do outro lado do porão, uma figura humana se encontrava acorrentada à parede pelos braços, sentada no chão. Seu corpo estava largado, visivelmente desgastado. Parecia ser uma mulher; no entanto, sua situação deplorável tornava difícil ter certeza. Perseu era seu amigo; não queria acreditar que ele fosse capaz daquilo, mas ela podia até mesmo ter sido torturada. Sua pele parecia estar tão ferida em certos pontos que era quase escamada. Suas mãos, escurecidas como o bronze, pendiam presas em correntes fixadas na parede.

A prisioneira se debatia e urrava um grito abafado, já que sua cabeça estava coberta por um saco de pano amarrado no pescoço. Pigmalião não conseguia imaginar o motivo daquilo. Por um momento ele se esqueceu do motivo de estar ali, e começou a desamarrar o saco em sua cabeça. A moça se debatia cada vez mais.

Tão logo Pigmalião puxou o saco, não conseguiu conter um berro de horror. Não sabia o que era mais terrível — se aquele par de olhos que o encarava em fúria bestial... ou as dezenas de olhares ofídios das serpentes que se espalhavam como cabelos sobre seu crânio. Ele mal teve tempo para entender; seus dedos, seguidos dos braços e pernas, esbranquiçavam e enrijeciam. Não conseguia mais falar; sua respiração tornava—se cada vez mais difícil; seus movimentos cada vez mais lentos... até que seus próprios pensamentos desapareceram. No

mesmo instante, seu coração petrificou, criando uma desesperada obra de arte.

No dia seguinte, um dos vizinhos de Perseu tentou puxar assunto, na calçada, perguntando o que ele estava fazendo. Apesar do óbvio — de estar colocando o lixo para fora —, ele teve que ser social e disse que estava jogando fora um trabalho que dera errado. O vizinho lamentou a perda, mas ficou grato por ter alguém com tamanho talento morando ali. Perseu, contudo, revelou que logo estaria de mudança. Em menos de uma semana, de fato, vendeu boa parte de suas obras e se mudou — para onde, ninguém sabe. O que ninguém sabe também é o que acontecia dentro daquela casa. Talvez a única pessoa que pudesse dizer algo era uma moça assustada, que ficou esperando o retorno de Pigmalião na noite anterior. Contudo, a polícia não acreditou no que ela tinha para contar, nem o tradutor, nem o pessoal do manicômio, depois.

\* \* \*

LEONARDO TREMESCHIN nasceu em São Paulo, no dia 29 de março de 1987. Sua paixão por mitologia, religião e história impulsionou a criar o MITOGRAFIAS em 2009. Após anos lendo e refletindo sobre os diversos mitos, chegou a hora de se aventurar pelos mares da literatura.

## O Voo das Deusas-Pássaro

Ana Lúcia Merege

PELAS QUATRO DA TARDE, o Dr. Pinheiro disse que não tinha jeito. Estéreis, de verdade, não éramos, mas eu tinha 34 anos, meus níveis de hormônio eram baixos, os espermatozoides do Riad morriam em poucas horas. Para resumir, ele aconselhava fortemente (sublinhou a palavra) que partíssemos para a reprodução assistida.

Isso é bebê de proveta? perguntou o Riad, e o Dr. Pinheiro disse que não, pelo menos não ainda; havia procedimentos mais simples, e íamos começar por eles, com uma chance razoável de sucesso. Dez por cento, vinte por cento, no máximo, em cada tentativa, e eu ia ter que me entupir de hormônios. Isso também não tinha jeito. Riad olhou para minha cara fechada e perguntou o preço do tratamento. Não é barato, suspirou o Dr. Pinheiro, mas também não é assim tão caro, e mencionou um valor que só com muito ajuste caberia no nosso orçamento. Balançamos a cabeça, tomando nota, e ficamos de procurá—lo se decidíssemos fazer uma tentativa.

Isso, pensem bem, disse o Dr. Pinheiro, não é preciso ter pressa, mas não vou mentir, engravidar naturalmente, pra vocês, é quase impossível. Só com ajuda do Divino Espírito Santo — e aí ele ficou mudo de repente, mudo e sem graça, pois sabia que o Riad é sírio, então devia ser muçulmano. Bom, os pais dele são, mas nunca foram muito religiosos, iam à mesquita vez por outra quando estavam na Síria e agora nem isso. Mesma coisa a minha família, que só de raro em raro põe os pés na Nossa Senhora do Líbano. Uns pela guerra, outros pela rotina e o massacre do dia a dia — foi assim que todos acabaram perdendo a fé.

Já na rua, recuperados do choque de passar do ar condicionado da clínica ao bafo do verão carioca, Riad perguntou o que eu queria fazer. Em relação ao tratamento? Não, disse ele, agora, antes de anoitecer e a gente voltar pra casa. Eu sabia onde ele queria ir, mas fingi estar pensativa e até mencionei a possibilidade de umas compras, um cinema, fazendo um pouco de suspense, só para ver aquela boca bem desenhada se apertar embaixo da barba. Onde eu dissesse para a gente ir ele toparia, mas o que ele estava querendo ia nos trazer mais paz e coisas boas do que qualquer outro lugar, por isso só esperei uns trinta segundos antes de ir ao encontro do desejo do Riad.

Já sei, amor... Vamos ver os barcos!

O ânimo de Riad foi melhorando à medida que nos aproximávamos da Marina da Glória. Mar e barcos, é disso que ele gosta, apesar de ter nascido nas montanhas. Uma vez brinquei dizendo que eu é que era a síria, ele o libanês, com a nostalgia dos antepassados de Tiro e Sidon pelo mar aberto. Mas era o mesmo povo, ele disse, os olhos cor de mel escuro muito intensos, presos em meus olhos. Era o mesmo povo que fazia o azeite e o vinho, que o guardava em ânforas, que cortava madeira de cedro e fazia barcos para comerciar em várias partes do mundo. Dizem até que estiveram aqui, deixaram uma inscrição na pedra da Gávea, não sei se é verdade. De qualquer jeito, bem no início não havia a divisão que hoje existe entre meus antepassados e os do Riad: eram todos canaanitas, viviam sob o mesmo céu e adoravam as mesmas divindades, milênios antes de Jesus e Maomé. Por que, no meio do percurso, homens e deuses abandonaram uns aos outros?

A cabeça em seu ombro, nós dois contemplando os barcos, fiz a Riad essa pergunta meio impossível de responder. Os deuses eram legais: protegiam as pessoas, garantiam boas colheitas, eram pretexto para um monte de festas. Quem também pensa assim é o pessoal da Wicca, tipo uns amigos que eu tinha na faculdade — mas, engraçado, eles gostam dos deuses celtas e nórdicos, fazem os rituais e as festas das estações e até se vestem de vikings, mas não conseguem entender por que eu curto os deuses canaanitas, ou fenícios, para deixar as coisas mais simples. Na verdade, quase ninguém tinha ouvido falar deles, e os poucos que faziam uma vaga ideia vinham logo com aquela história de Baal e o sacrifício dos primogênitos. Como se não houvesse um

monte de interpretações, ou tudo se resumisse a isso — ou até, indo mais longe, como se tantos povos da Antiguidade não fizessem sacrificios nem abandonassem crianças indesejadas. Mas ninguém estava a fim de debater a sério. No fim, desisti de argumentar e guardei meu interesse para mim mesma, até depois de terminar o curso e perder o contato com o povo da Wicca.

E então conheci Riad. Ele não apenas sabia quem eram os deuses canaanitas como dava um curso sobre eles na Universidade de Damasco, antes que a guerra o expulsasse. Foi a paixão pelo assunto que nos uniu, ele agora dando aulas de árabe básico, numa salinha alugada por um grupo de apoio a refugiados. Numa festinha de fim de semestre, entre quibes, esfihas e cerveja brasileira, alguém mencionou por alto a história dos fenícios — e de repente lá estávamos nós, o professor e a aluna, o nativo e a descendente, Riad e Ana Maria, enfronhados num entusiasmado papo mitológico. Que levou a um troca—troca de livros, felizmente em inglês e francês, que os dois entendiam. Que conduziu a um cinema, a um beijo, a um fim de semana na serra, por fim à cama e ao cartório. Que cinco anos mais tarde nos levou ao consultório do Dr. Pinheiro, de onde saímos tristes e frustrados, mas não inteiramente sem esperança. Não nós, que sobrevivemos a tanto mar e a tanta guerra.

Acho que a gente pode tentar outras coisas antes do que o doutor sugeriu, disse Riad, com o braço nos meus ombros. Concordei, mas disse que já tínhamos tentado tudo que eu sabia, mudar a posição da transa, ficar de olho na temperatura, no muco ovulatório, tudo que poderia nos ajudar a ficar grávidos a gente fez. Eu sei, ele disse, com os olhos no mar. Então ficou calado por um tempo, o vento no cabelo, a boca apertada. Depois de cinco anos, eu já sabia que tinha alguma coisa ali incomodando, e aquilo ia crescer até transbordar e Riad falar tudo de um fôlego só.

Foi exatamente o que ele fez.

Olha, eu não concordo em tentar esse tratamento, é bem provável que não dê em nada e pode te fazer mal. E além disso é muito caro,

não temos dinheiro sobrando. Vamos relaxar e continuar tentando, um dia, quando a gente menos esperar, a coisa acontece. O importante é ter fé. Fé em quê, eu perguntei, em quem, na natureza? Em Deus? A gente não é disso. Eu sei, disse Riad, mas a gente pode tentar, pode pensar positivo, sei lá, até rezar.

Rezar, eu disse, e sei lá por que aquilo me saiu: se ainda fosse para os deuses antigos, a deusa-mãe dos canaanitas, aí então quem sabe. E eu ri — ou melhor, comecei, porque o Riad me encarou de um jeito muito estranho. Não estranho no mau sentido, como se ele achasse que eu tinha falado besteira, mas como se estivesse encantado. Olhei pra ele, sem entender, e foi aí que ele falou o que na hora me pareceu a coisa mais doida do mundo.

A gente não perde nada se tentar.

\*

Antes de vir para o Brasil, onde sobreviveu dando aulas de árabe básico e vendendo salgados até conseguir regularizar o diploma, Riad era professor de Linguística em Damasco. Agora trabalha com tradução, mas volta e meia se enfronha nos textos antigos que ele adora, estelas fenícias, tábuas ugaríticas, o hino mais antigo do mundo, composto para a deusa Nikkal. Foi nessa que ele pensou primeiro, uma deusa tão antiga que nem mesmo os fenícios, na época das navegações, pareciam se lembrar dela: ficou lá para trás, quando eram simplesmente canaanitas. Nikkal tinha um amante apaixonado e fazia crescer os pomares, era benevolente, enfim, parecia adequada. Mas numa das histórias do casamento de Nikkal apareciam outras deusas, que Riad achou de novo mais adiante, ajudando o rei de Ugarit a se tornar pai — e, pesquisando um pouco mais, ele se convenceu de que essas eram as nossas deusas.

São as Kothirat, explicou, animado, enquanto a gente acabava de almoçar num quilo da Senador Dantas. São sete deusas representadas como pássaros, geralmente andorinhas, que eram invocadas para trazer fertilidade e também ajudar a ter prazer nos atos conjugais. Disse assim mesmo, atos conjugais, e ficou com o rosto vermelho. Coisas da criação muçulmana.

Mas então o que você quer fazer, perguntei, quer que a gente reze para as Kothirat? Acho que sim, disse Riad. Talvez cantar um hino, entrar em sintonia, sabe? Como os fiéis quando rezam, só que não vai ser para Alá nem para o Deus cristão, vai ser pra deusas dos nossos antepassados, que concedem exatamente o que a gente está querendo. Bom, no que toca ao prazer conjugal, por mim já está tudo ok, eu disse; ele ficou mais vermelho ainda. Aí respirei fundo, fiz um carinho na mão dele e falei, tentando não magoar: Riad, escuta, isso é legal, eu curto mitologia, mas não é assim, você resolve invocar divindades antigas e elas te atendem e as coisas acontecem. É muita viagem, parece coisa do pessoal da Wicca, aqueles rituais que eles fazem, sei lá, eu fui a alguns pela curtição, mas na verdade eu nunca acreditei em nada daquilo.

Eu também não, não muito, disse Riad. Mas eu acredito que tem forças no universo que a gente pode usar a nosso favor. Nisso eu também acredito, respondi, mas achar que existem forças no universo é uma coisa, outra coisa é querer ressuscitar os velhos deuses. Eu queria mesmo, disse Riad, os deuses antigos eram melhores que os de agora. Você falava com eles e sabia que te ouviam, o mundo tinha uma ordem e você não se sentia perdido, mesmo que as coisas nem sempre dessem certo. Aí baixou a cabeça e não disse mais nada, ficou quieto, olhando o prato vazio.

Dali a pouco passou um garçom e pedi dois expressos. Só um, Riad corrigiu, e me deu uma nota de cinquenta. Não vai passar muito disso, você completa, fica aí e toma seu café com calma, eu tenho que ir, não posso chegar atrasado. Ele estava de intérprete num congresso, precisou usar terno, o restaurante inteiro virou a cabeça pra ver aquele moreno alto e elegante atravessando o salão, explicando rapidinho pro caixa que estava atrasado e a esposa ia pagar a conta. Eu levantei o bra-

ço pra mostrar as duas comandas ao mesmo tempo que dava tchau para Riad; ele jogou um beijo e saiu apressado.

O garçom chegou logo em seguida trazendo o café. Ergui o rosto pra agradecer, e quando o baixei tinha uma moça em pé na minha frente, segurando uma bandeja. Posso? ela perguntou, já ocupando a cadeira deixada por Riad. Eu disse que podia, era uma mesa para quatro, ela respondeu que isso era bom, porque estava junto com duas irmãs. E eu já estou de saída, falei, vou só acabar o café — mas nisso apareceu uma segunda moça, com um riso que transbordava dos olhos. Eu te conheco, ela disse, você é a Ana Maria. Olhei e não me lembrei de já tê-la visto, como também não me lembrava da primeira, nem da última que veio e se sentou sem bandeja nem nada. Deviam mesmo ser irmãs, porque eram todas parecidas, morenas, nariz curvo, cabelo preto e cacheado pelos ombros. Mais novas do que eu, talvez na casa dos vinte. De onde a gente se conhece? perguntei, achando que deviam ser amigas de amigos, talvez da minha prima Laura. Você não nos conhece, a nenhuma de nós, disse a última a chegar, e depois, na maior tranquilidade: nós somos sete, como o Riad deve ter te explicado.

Ouvindo aquilo, levei um susto tão grande que a xícara caiu da minha mão. Não se quebrou, só fez um barulhão quando bateu no pires. Outro café, por favor, pediu a primeira irmã para um garçom, e a segunda pegou minha mão, que estava tremendo e ficando gelada. Calma, Ana Maria. A gente só está querendo ajudar.

Como é que vocês sabem? perguntei, e a minha voz também estava tremendo. Vocês conhecem o Riad? Nós conhecemos todo mundo, disse a moça, falamos com muita gente, mas direto assim, hoje em dia, com quase ninguém. Só aparecemos pra quem acredita em nós. Mas eu não acredito, falei, vocês não podem ser quem estão querendo que eu pense que são. Acredita sim, Ana Maria, respondeu a moça. Sua cabeça não aceita, claro, isso é difícil, mas o que conta são as vozes de dentro, as vozes que falam acima de qualquer razão, e a sua e a do Riad invocaram a gente. E quando alguém chama com tanta força pelos deuses, eles escutam. Aham, fiz eu, e falei devagar, acho que sei o que está

acontecendo. Vocês são conhecidas do Riad, armaram isso junto com ele, querem me fazer de boba — mas desse ponto eu não passei, porque a segunda moça apertou minha mão e me disse olhando nos olhos: você conhece o seu marido. Acha que ele faria uma coisa assim?

Uma segunda xícara de expresso apareceu à minha frente sem eu sequer ter visto o garçom. Fiquei olhando para as três, embasbacada, elas à espera, sorrindo, em silêncio. E de repente percebi que era silêncio mesmo: o barulho do restaurante tinha sumido, as bocas das pessoas se mexiam e os talheres batiam nos pratos sem fazer o mínimo som.

E no meio desse nada eu comecei a escutar um trinado de pássaro.

E ele me disse tudo que eu precisava saber.

\*

Nem bois, nem cordeiros, nem mesmo pombos. As Kothirat tinham pedido oferendas mais simples. Delicadas, isso sim: óleos e incensos de qualidade, azeite e vinho, rosas. Para o leito de amor comprei almofadas e novos lençóis, limpei o quarto e aspergi os cantos com perfume. Elas me acompanhavam de perto, dando palpites, se bem que discretos, e às vezes risadinhas que soavam como o canto de pássaros. Não ajudaram com os preparativos porque, nesse momento, não tinham mãos: eram presenças invisíveis pairando à minha volta, como os deuses devem fazer, se bem que os deuses normalmente ficam em silêncio. Elas disseram que estavam todas ali, todas as sete estiveram comigo desde o início, mas só as três do restaurante iam aparecer pro Riad, e ele podia descobrir ou não quem elas eram, não importava. O importante era cumprir os ritos até o final. Isso entendido, fui tomar banho, passei no corpo o óleo que tinham mandado comprar, o perfume, vesti blusinha de malha e uma bermuda confortável, dali a pouco ouvi a chave na fechadura.

Cumpra–se, trinaram os pássaros, e eu me vi de novo cercada pelas três irmãs. Riad entrou, o paletó no braço, a camisa um pouco amassada. Oi, amor, temos visita? Não sabia. Pois é, são amigas da Laura, vieram ao cinema aqui perto e resolveram me ligar, trazer um vinho, bater um papo com a gente. Que bom, mas vocês me dão licença, vou tomar um banho, peguei metrô muito cheio e aí já viu, disse Riad. Ele sumiu lá pra dentro e nós começamos a preparar a comida, entre os risinhos das Kothirat. Que belo homem, diziam. Que pai tão forte para o seu filho. Eu concordava, estranhando a mim mesma por não sentir ciúmes, eu sempre tão atenta ao que as mulheres diziam e faziam perto do Riad. Ele voltou do banho, cheiroso, bem—humorado, esfregou as mãos diante do zátar e das tâmaras, parece que alguém pensou em mim. A gente é da colônia, resolvemos fazer um lanche à moda libanesa, disse uma das moças, Ana Maria disse que você também ia gostar. Tenho certeza que vou, ele disse, e piscou pra mim: ele também devia ter gostado do que viu no nosso quarto.

E então sentamos, todos nós, e comemos pão com azeite e zátar, e hummus, e tâmaras e romãs e rahat lokoum, e tomamos vinho, não em excesso, mas assim mesmo doses generosas de um vinho tinto doce e muito bom que nos deixou ligeiramente alegres. A conversa era casual, o trabalho do Riad como tradutor, o meu como redatora de conteúdo, o que andávamos lendo, cinema, séries, música. Falando em música, eu tenho umas legais, anunciou uma das irmãs, vocês querem ouvir? É um pessoal do Líbano que recria músicas antigas e faz uma fusão com coisas mais atuais. Antigas como, perguntou Riad, é música folclórica? Mais antigas ainda, são músicas que eles acham que eram tocadas no tempo dos fenícios, parece que tem uma pesquisa muito forte sobre isso numa universidade de Beirute.

Foi ela dizer isso e o rosto do Riad brilhar: Quero ouvir essa música. Aí abrimos o laptop e ela pôs um pendrive e começou a tocar uma música a princípio meio parada, com flautas e uma percussão que pouco a pouco foi ficando mais forte. Eles usam réplicas de instrumentos antigos, disse uma Kothirat, e fazem shows em casas pequenas, recriam todo o ambiente antigo, decoração, comida, tudo. É uma expe-

riência e tanto, vamos fazer isso aqui? Eu topo, falei, sem esperar por Riad, mas claro que ele também topava. Ele apagou as luzes e desligou qualquer eletrônico que pudesse atrapalhar, acendemos as lâmpadas de azeite que eram réplicas compradas num museu em Roma, destruíram Cartago, herdeira dos fenícios, agora vão iluminar nosso ato de criação. A música ficou mais intensa naquele fio de luz, entrou um instrumento que lembrava um violino, címbalos, tamboris, e foi aí que as deusas começaram a dançar.

Vem, Ana Maria, chamaram, e dancei com elas, rodopiando pela sala enquanto Riad bebia mais vinho e marcava o ritmo com palmas. Vem também, disseram, e ele veio, mas não para entrar na roda e sim para me abraçar. Ficamos ali parados, olhando um para o outro enquanto as moças dançavam, apareceram lenços que elas fizeram esvoaçar, roçando em nossos rostos, em nossos corpos, nós dois ali no centro do universo e à nossa volta o voo das deusas—pássaro.

Ana, Riad disse baixinho, e de repente era outra língua que ele falava, uma língua que eu nunca tinha ouvido, mas mesmo assim entendia. Ana, meu amor, e por um tempo não conseguiu dizer mais nada, tal era o jeito como a música parecia entrar nele, na gente, mexia com nossas cabeças e com nossos corpos. E os nossos corpos se mexeram e se tocaram, e as nossas bocas se encontraram com gosto de vinho e azeite, e mal conseguiram se soltar no breve momento em que olhamos em torno.

Tuas amigas, disse Riad, mas ele mesmo respondeu, entendendo, quando viu o brilho delas e ouviu seu canto em meio à música dos instrumentos. Tuas amigas são as Kothirat. É isso mesmo, falei, naquele idioma que brotava por encanto da minha língua, o idioma dos antigos. São as Kothirat, as Filhas da Lua Crescente, e cantam sua canção alegre, e essa canção anuncia que seremos abençoados.

Grandes são os deuses! disse Riad, e gargalhou alto, me pegou pela cintura e me ergueu no ar e girou comigo no meio das dançarinas. Num rodopio, elas passaram diante dos meus olhos, luz e música e be-

leza, e cada uma atirou um beijo e desapareceu deixando–nos com as suas bênçãos e o nosso desejo.

E o leito de amor nos acolheu, entre lençóis macios e pétalas de rosa.

E os nossos corpos se juntaram, celebrando a vida, repetindo o rito esquecido de nossos antepassados e agradecendo a dádiva de mais uma geração.

Pois nós somos cedro, aventureiros do mar, semeadores no exílio.

E assim será a mulher ou o homem que nascer desse abraço.

\*

Por essa eu não esperava, dirá o Dr. Pinheiro.

\* \* \*

ANA LÚCIA MEREGE é descendente de fenícios e trabalha decifrando manuscritos na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Publica pela Draco uma série de fantasia épica iniciada com *O Castelo das Águias*. Na mesma editora, organizou as coletâneas *Magos, Excalibur e Medieval*. Publicou também os romances juvenis *O caçador e Pão e arte,* o ensaio *Os contos de fadas*, contos e artigos. Adora ir a escolas e eventos para falar de literatura. Atualmente escreve uma série de contos e romances ambientados em Cartago e outros lugares do Mundo Antigo.

Blog: <u>estantemagica.blogspot.com</u> e-mail: anamerege@gmail.com

# A PROCLAMADORA OU UMA HISTÓRIA SOBRE CACTOS

ALESSANDRA BARCELAR

OLHEI O CHÃO. MEUS pés contraídos evitavam o contato com o piso frio. há quanto tempo eu estava sentada ali? aquele sofá confortável era uma espécie de nave que me levava para outros mundos. outras pessoas. outra pessoa, precisamente. ele. fiz um esforço para me lembrar do último pensamento e eu já não conseguia. "mais uma vez", anotei na memória, tem sido assim ultimamente, eu me distraio e acabo divagando por longos minutos, ou até horas. pensando nele. bufando por ele. começo imaginando encontros, cenas, cenários, diálogos, desfechos, tudo. é sem aviso. eu sei. e você, agora, também passa a saber. quando vejo, já está assim, tudo como a tecer enredos, teias, tessituras. é meio que novelar. crio sonhos. sentidos. contrario fatos. estou contradizendo a vida. "isso não pode continuar assim", decidi mais uma vez. "preciso barrar essas incursões dele em minha mente". resoluta, mergulhei em cálculos e estratégias para interromper essas minhas viagens ao encontro de... foi quando ouvi a promessa impossível: "ligarei para você qualquer hora". e fechou os olhos. "qualquer hora uma ova!" — proclamei.

na mesma hora em que disse aquelas palavras, fui assaltada por uma ira repentina e deveras desmedida. porque não era normal. eu jamais havia sentido algo parecido. todos me conhecem aqui no bairro por eu sempre ter sido e agido tal qual uma pessoa serena, pacífica, pacificadora. uma mulher calma... nem nunca apresentei chiliques ou achaques de naturezas insólitas e que porventura atordoassem os derredores. "cabrunco", soltei essa. parei de pensar. fui ser. o dia estava claro e eu precisava esquecer aquela trespassada loucura instantânea para dar seguimento aos meus afazeres. sou professora. professora de

história. é a minha travessia cotidiana. também gosto de literatura, porém. sinto um prazer louco quando leio escritores de ficção latino-americanos. não sei explicar, mas sinto. história e literatura têm muita coisa em comum. eu acho. as duas trabalham com linguagens elaboradas, cruzamento de informações, sufocamentos e disfarces, além de dimensões variadas de realidade. mas a hora aperta. vez-e-hora de ir. de imprimir passos.

calo a boca. penso, apenas. não penso. vou caminhando para o trabalho. paro na esquina. sinal verde para mim. atravesso a rua num monólogo particular. "aquele imbecil, ele terá o que merece!" — disse para ninguém ouvir. sem tripudiar da situação, dei—me a chance de seguir tergiversando em um silêncio austero. "essas penumbras que atravancam a minha vida, hei de dar um basta nelas duma só vez!" — balbuciei. caminhei. cidade ligada logo pela manhã. 220 volts. tudo muito frenético. até o coração. meu coração. "que coisa!" — grunhi. ao menos para isso aquele débil serve, para fazer eu me sentir vivíssima da silva. a verdade é que ele jamais ligaria, assim sem mais nem menos. aquele sujeito... tão desprezível, tão desprovido de alma, por quem me entreguei como uma ordinária fêmea no cio e prestes a cair num desfiladeiro.

entro na rua da escola. tudo aqui é muito próximo. isso porque moro num local estratégico para mim. cheguei. muitos alunos me esperam. outros, nem tanto. é pauleira. "bom dia, bom dia, bom dia". estou na sala dos professores. tomo aquele pequeno para esquentar as baterias. é pauleira. o sistema, sabe. o sistema é o pior de tudo. mas não reclamo. ou melhor, reclamo. e muito. é a minha vida. minha história em jogo. dou o meu máximo. reclamo muito, mas a voz da gente é nada. gosto. gosto daqui. aqui é onde consigo esquecer de tudo aquilo que me aflige. é pauleira. meio dia e já estou pedindo arrego. mas todo dia dou uma de forte. brincadeira, sou forte. forte o bastante. forte o suficiente. mas aí a sirene toca. todo mundo desce a rua. eu vou junto. passos compromissados com o descanso. "hoje não vou pensar naquele traste", brami internamente. mas já estou pensando.

era um enfrentamento cotidiano aquilo. uma batalha entre o que foi e o que é, e entre o que está sendo e o que será. eu não sei quem disse essa frase, mas é bem assim... "todo mundo é malandro de um, e todo mundo é o otário do outro". sou a otária dele e ele o malandro de mim. pelo menos é o que parece. santa ingenuidade. já estou chegando em casa. antes, costumo passar naquela delicatessen. "tantos anos a fio", ainda a regurgitar vozes diáfanas oriundas daquele monstro. a verdade é que não éramos mais os mesmos desde que ele saiu da casa da mãe, por quem nutro um imenso carinho. ficou todo cheio de si. ficou todo diagonal, cheio de pontas.

\*

o ser humano é um bicho de encorajamentos. ali, na delicatessen, Renata esperou o café expresso que havia pedido ao balconista. os malandros, pensou, também sabem esperar. a noite repassa a cheque frio os contrabandos do dia, as aflições e as desventuras. estava cansada de choramingar. chegaria em casa e dormiria um sono tranquilo. nem contaria carneirinhos. não haveria necessidade de tapa-olhos. tão cheia de histórias para contar, dentro de sua mente que tanto professava, resolveu refazer o seu futuro. o futuro, sabia ela, era um passado com novas roupas de presente. e o seu, o seu futuro, possuía um sedução altiva, ornamentada na esperança das revelações. lembrar-se-ia então de Cortázar dizendo "todo bom conto sempre terá um bom tema". Renata engoliria o café quente com uma bolacha doce e ao mesmo tempo ressignificaria o trato das coisas. passaria, ao invés de se avaliar como um ser-no-mundo, com sua essência determinada por fatores mundanos, a se avaliar a partir de sua subjetividade. e apenas. faria, dali a duas semanas, uma viagem. marcaria um encontro com a morte.

era um conto micro, no máximo, a história de amor dos dois. nunca passou de alguns encontros muito desencontrados em constantes reencontros para novos desafios de voar. de tentar ser. de viver o ser. de. nos primeiros dias eram leves e afoitos, atrevidamente livres. insurgentes. mais pela própria insurgência do que pelo que quer que fosse que sentiam um pelo outro. e não sentiam a mesma coisa. nem de longe. para cada um a experiência tinha cor, sabor, valor e significado distintos. tudo era vivido em dimensões tão distintas e distantes quanto o inverno e o verão. ele vivia o momento, ela vivia ele. ela vivia insistindo em dizer que cada um tem a sua história. cada um lida com a sua história de seu jeito.

\*

e sobre aquela tua eterna pergunta, "por que você insiste tanto em...", nós dois sabemos que você sabe a resposta tanto quanto eu. tudo tem menos a ver com nós dois do que com toda a minha história, minhas experiências traumáticas e com tudo o mais. então, apenas ignore as farpas, as agressões verbais sem sentido, as provocações e afins. atribua tudo a isso. àquela teia tão extensa e confusa quanto a minha complexidade. quando filtrar tudo, você sabe o que ficará. aquilo que sabemos bem. ou sabemos nada. por isso mesmo, nosso. só mistério. acima do bem e do mal. poesia. história. e quanto aos arranhões, é a minha natureza, em suma. sou cacto. tu sabes.

e aqui é onde começa o meu discurso quando o encontrei após a viagem que havia eu feito. não sou cacto de nascença, mas de transmutação, de assimilação de. e tu já viste cacto espalhar doçura por aí? cacto é solidão, é agressivo, é áspero. cacto é um insulto ambulante. sem carisma e sem delicadeza. não é enfeite para olhos entediados, nem é chamariz de afabilidades. cacto é resistência em ação contínua. ele só tem uma missão; sobreviver. impor—se sobre tudo, sobre todos. e para isso, não importa o quanto tenha de se afastar das flores (ele geralmente nasce longe delas. num lugar tão inóspito que nenhuma delas duraria um dia sequer). ser cacto é destino e herança. porque ele sabe (em sua natureza solitária, defensiva e beligerante) que não será escolhido para embelezar o jardim de ninguém. ele sabe que será, a priori, rejeitado por sua falta de beleza e atrativos, ou por sua reputação de antis-

social (o que é um equívoco, ele apenas defende-se). o cacto é um guerreiro solitário, em suma. ele sabe que quando o procuram, quase sempre é por algum motivo egoísta. quando o assediam é porque querem eliminá-lo ou usá-lo para alimentar o gado (alimentar o gado, entenda bem. o gado!). então, não é à toa que ele desenvolve espinhos e os usa, quando preciso, para defender-se das mãos perversas que o perseguem. cacto não é flor que se cheire. cacto é flor (e o cheira apenas quem ele queira e deixe e só alguém capaz de sentir o seu cheiro. raros seres entendedores de cactos). os outros, os "normais", não entendem por que existem cactos e nem a função deles no mundo. eles não compreendem, coitados, que o valor do cacto está nele mesmo, em sua alta capacidade de ser cacto, de ser forte, de ser. a sua função está no símbolo de resistência, de sobrevivência, apesar de tudo e de todos. apesar de seu deserto particular, de sua aparência assustadora, de sua aspereza defensiva, de sua ausência de graça (a sua única graça é ser mesmo ele), tem o seu brilho. ele é um ser único. o cacto é, antes de tudo, cacto. e não precisa ser nada além disso. ouviu bem?

estou aqui com você. você é um bicho. tu sabes, não é? você é um bicho que me machucou e hoje sou uma ferida e um barulho. nunca foi tão difícil ficar longe de você. eu sou outro bicho. escute: "pessoas feridas são perigosas, elas sabem que podem sobreviver". é daquele filme... que não assistimos juntos. mas estou construindo algo aqui, uma nova pessoa que ficará melhor perto de você. perto de você preciso de uma foice. vou estudar algumas coisas aqui. o que quero saber? aprender coisas que me deixem mais parecida com você. monotonia. para te entender melhor, tudo extraviado, até o amor.

escrevo frações de um todo incompreensível que sou eu. eu amando você sou um pequeno e imprevisível desastre. um desastre que ainda pode crescer, se você colocar lenha nessa fogueira insensata. mas suponho que não tenha muita lenha disponível e isso é uma providencial contenção de um incêndio de indeterminada proporção. não a alimente. eu peço sinceramente. deixe esfriar e morrer em relativa paz. é só agir como sempre... normal. deixe antes que eu reencontre a apatia

de alma que toda vida medíocre merece. nadar contra a correnteza ainda significa loucura e fracasso nesse mundo de cópias humanas em escala infinita. torça para eu encontrar a tranquilidade do viver estável e tradicional. talvez até encontrar alguém que me ponha no chão de giz. no calendário regular de obrigações várias e concretas. alguém que esteja, que seja, que veja, que diga. mesmo que não saiba de mim um décimo do que você sabe... mas que aperte a minha mão quando eu tiver pesadelos... e me conte do dia que ficou para trás. isso deve ser importante, já que você tem isso e mantém acima de tudo... alguém que se instale... aqui comigo... no lugar que é teu por fato e escolha do sadismo do universo. não nossa. nunca minha. fique feliz por, enfim, eu ter encontrado um pouco de amor próprio. existirá alguém para quem eu seja a pessoa? a primeira opção e não apenas mais uma pessoa entre tantas árvores? se sim, quero descobrir. e só posso fazer isso se... não é falta de amor, é presença de amor demais e necessidade de vida real. e não acredito em tua decisão de... você tem a intenção, mas não os meios de cumprir o que diz. não negue para si. teria muito a perder e pouco a ganhar. o que diz que faria é algo que só se deve fazer quando não se pode viver sem. não é o seu caso. é o meu. nunca vou te dizer adeus. e nunca acredite numa despedida minha. eu posso estar em tua porta no minuto seguinte. eu imagino o sonho com muito empenho e pouca clareza, mas a realidade o torna capenga. não impossível. fraturado de falsas esperanças. ferido de inconsistências. destruído ainda no útero do tempo, pela falta de verdade e de cálculo. pela falta de combustível e de convicção. atrás da porta te espero o dia inteiro.

a cidade é nova e o clima é gostoso. ideal para fazer amor. ideal para fazer planos e para fazer nada. o tempo não passa, amor. e já faz dez minutos que você mandou a mensagem dizendo que viria. você é tão raro aqui, amor. um relâmpago, um eclipse, o amor em carne. pus a minha melhor roupa íntima: nenhuma. a casa está cheirando a eucalipto e a flores mortas. não gosto de flores vivas. você sabe. troquei a roupa de cama, mas nós dois sabemos que não serão usadas. você está trazendo um livro, com certeza. provavelmente aquele que te pedi há um

século. você sempre adiando os meus desejos. você sempre me deixando para depois, para nunca. você sempre... mas sei que está trazendo dessa vez. você traz livros, uma cara séria e um desejo indefinido. nunca sei o que traz atrás desse desejo. nunca sei o que traz atrás desse rosto bonito e fechado como um bunker. nunca sei você atrás de você. sei apenas que sou como Clio, a que proclama. e minha história, apesar de nossa, é bastante minha. só sei você dentro de mim. o você que amo e que não sabemos até onde ele existe. você já está perto, amor? você está meu? eu fiz compras hoje. e eu, que não cozinho, fiz comida pra você. fiz comida e um refúgio para você dentro de mim. eu fiz um plano para você. fiz um mundo para você dentro de mim. eu fiz um plano para você. fiz um mundo para você e fiz uma mulher para você, amor. eu fiz a vida em você e fiz você em mim. você e a vida são a mesma coisa aqui, amor. você já está chegando? abro a porta em agonia de espera.

atrás da porta: vazio. e mais tempo.

eu te amo é uma consideração filosófica. farei outras coisas, depois saberás. ando sem destino. estou sem destino na vida. você me ajuda. você me ajuda? por enquanto, fico aqui, o mais perto que posso suportar. quero uma carona para algum lugar. qualquer dia escreva—me qualquer coisa. pela esquerda? pela direita? escreva para mim. onde fica o fim do destino que não se tem? sim? alguém em você pode me? por favor. por ali. não. talvez. sempre achei que aquele poema que escreveu sobre mim era extremamente triste, deprimente. você é mesmo ridículo. caminhar não significa estar indo. gostaria de ser menos mórbida em tuas letras, na história. eu não vejo um azul. faz tempo. se puder. agora? mas não precisa mudar nada. eu não sei. e suponho que se fizesses, ela acabaria igual à outra. o que me resta? igualmente deprimente. a força nas pernas, nos braços. mas seria diferente. a poesia. uma tristeza mais viva. outra danação.

\* \* \*

ALESSANDRA BARCELAR é historiadora, vive em São Paulo, onde nasceu, e atua na área da Saúde. Colaborou para revistas de literatura como Amálgama e Revista Luso–Brasileira. Participou do laboratório de escrita criativa com Evandro Affonso Ferreira. Atualmente integra o projeto de leitores voluntários no Instituto de Infectologia Emílio Ribas e Contadores de histórias na Rede Social Senac.

Página: Capitu de Ressaca (<u>alezinhaferracioli.wordpress.com</u>)

## GERENTE DE SINISTROS

LUCAS RAFAEL FERRAZ

SER UM INVESTIGADOR sobrenatural é muito menos legal do que alguns imaginam. Para começar, sobretudos estão fora de cogitação nesse calor tropical. Fumar, muito menos. Não faço o tipo Constantine; o semblante sisudo não me cai bem. É tudo uma questão de fazer os rituais de banimento religiosamente, se me perdoam o trocadilho, e não se meter em coisas que eles não consigam segurar. Simples e eficiente. Por ironia do destino, ou maquinação de forças maiores, meu nome é de fato Constantino. Bem, meu sobrenome, mas é o que uso. Meu nome é um castigo que escolhi não ostentar.

Desço do metrô e atravesso algumas poucas quadras antes de avistar a casa de uma velha amiga, que hoje visito por um novo motivo. Catrina foi minha vizinha, mas nunca me assustei com os rumores de que era uma bruxa, muito menos com as ameaças da minha mãe de que me entregaria a ela se eu não me comportasse. Quando era adolescente, entreguei—me por conta própria, e a partir daí minha vida tomou os rumos que agora trilho.

Bato palmas da calçada. Sei que Catrina me vê pelo olho mágico e a visualizo fazendo os próprios banimentos antes de abrir. Eu poderia estar trazendo algo na minha cola. Não é que ela não confie em mim; é que já viu tantas coisas que não confia em ninguém a não ser em si mesma. Ela abre a porta e percorre o caminho de pedras de seu jardim, mancando de forma mais acentuada do que eu me lembrava.

— Eu já lidei com fantasmas, já lidei com demônios, encostos e infernais menores, mas o que eu senti aqui, Constantino, nunca senti antes — diz, apoiando–se no portão baixo.

O carro estava parado uns dez metros à frente da casa. As teias se espalhavam por todo lado, entravam pelo escapamento, dominavam

o painel. A princípio o carro não estaria necessariamente arruinado, mas o motor explodira sozinho enquanto o investigador civil reunia coragem para chegar perto do veículo.

— Você viu de onde vieram as aranhas?

Catrina demora a responder. Sondando seu olhar, vejo algo que jamais imaginei que veria. Não naquela face. Suas pupilas estavam dilatadas e o cenho apreensivo. Catrina estava com medo. Nada poderia me assustar mais.

— Eu senti algo muito poderoso. Uma sensação diferente de tudo. Vim aqui pra frente e... eu não vi, não com os olhos de carne; foi como se enxergasse outro plano. Era meio–dia mas a rua estava escura. Daí passou uma forma enorme.

Catrina pega um lenço escondido no decote e limpa a testa. A velha bruxa tapa os olhos com a mão esquerda e suspira um banimento que não me recordo de ter ouvido antes. Quando tira a mão, seus olhos me penetram com tamanha força que sei que ela restabeleceu a firmeza. Uma bruxa não titubeia na frente de seu aprendiz.

- Era uma sombra de aranha. Uma sombra enorme, se balançando daqui para lá. Eu senti a vontade dela se espalhando, conclamando.
  - E as aranhas de verdade vieram.
- Sim, as aranhas vieram. Saíram dos bueiros, das árvores, de dentro das casas, até da minha. Foram todas para o carro.
  - Você falou com o investigador?
- Não, você sabe que eu não falo. Não preciso de ninguém me enchendo o saco. Quando ele esteve aqui eu senti alguma coisa outra vez. Não saí; fiquei olhando pela janela. Foi quando o motor do carro explodiu. Ele me viu quando descia a rua. Talvez eu estivesse sussurrando um banimento, eu já nem noto.
  - E por que me chamaram?
- Todo mundo aqui sabe da minha fama. O rapaz é filho de uma conhecida, morou umas quatro quadras pra dentro do bairro há

alguns anos. Me viu interessada na situação e deve ter sugerido uma ajuda do tipo que nós prestamos.

- Bom, o carro é uma BMW. Dá pra entender por que a seguradora quer tentar coisas tão... não-ortodoxas.
  - É o primeiro?
- O primeiro para o qual me mandam, mas já são vários sinistros em situações não convencionais.
  - Espera aqui.

Catrina volta para dentro da casa e após alguns minutos reaparece com um pendrive nas mãos.

- Tive uma intuição de que alguém viria. Você sabe que eu conheço todo mundo nessa cidade. Gravei esse pendrive para o caso de ser alguém em quem eu confiasse. Tem um livro aqui que achei na DeepWeb, são digitalizações de um manuscrito romeno do século XIV. Você sabe como lidar com romeno antigo, não é?
- Você sabe que sim. Uma bruxa procurando conteúdo oculto na DeepWeb... Não é algo muito usual.
- Uma bruxa, meu filho, lida com coisas ancestrais, mas não apenas por meios ancestrais. Nunca me preocupei em ser usual.
  - Sei bem, Catrina. Obrigado. Se cuida.

\*

Por mais que eu, de fato, possa lidar com romeno antigo, isso não significa que seja uma coisa fácil ou agradável. Especialmente quando o leio na tela do computador, em uma digitalização em resolução mediana, de um papel que ainda não havia virado farelo por algum milagre. Como se não bastasse, as letras são garranchos tortuosos dificeis de identificar.

Passo algumas horas tentando entender a estrutura geral do livro e a que propósito serve cada capítulo. Faço bem; do contrário, teria decifrado muita coisa que, apesar de poder ser muito útil em outras situações, em nada me ajudaria com meu caso atual. Catrina podia ter me

poupado e dito o quê exatamente eu estava buscando, mas ela nunca foi de entregar tudo de mão beijada.

O livro trata de amuletos e relíquias; objetos dignos de um filme do Indiana Jones. Na maioria absoluta das vezes esse tipo de objeto nunca existiu de fato, e os que existiram tinham valor apenas por serem antiguidades. Era o tipo de coisa com a qual não costumávamos perder tempo, a não ser que houvesse alguma indicação clara de que aquele poderia ser o caminho certo a seguir.

Minha indicação se esconde no capítulo oito, no qual identifico palavras—chaves que parecem ter algo a ver com o caso, e que trazem a imagem de um artefato que lembra um relógio de bolso. Ao redor da circunferência existem sete pequenas gravuras. Uma delas é de uma aranha pendurada numa teia. Há ainda um animal que parece um lobo uivando, e um pequeno homenzinho de chapéu pontudo. As demais gravuras estão muito apagadas, onde o papel do livro provavelmente se desgastou com o passar dos séculos.

Minha concentração é quebrada pelo telefone tocando. É da seguradora; um ricaço havia reportado o sumiço de seu carro, mas o sistema indicava que o GPS do veículo estava funcionando e que ele havia parado de andar há poucos minutos, a alguns blocos de onde moro, o que não era de se espantar. Meu apartamento fica nas bordas da zona industrial, onde o aluguel é mais barato. Há muitas ruas desertas; ótimos lugares para se abandonar um carro.

\*

Tudo o que encontro onde o carro deveria estar estacionado é uma grande moeda dourada. É rústica, não tem qualquer marcação e estava em um vão entre o asfalto e a guia, onde parecia muito mais provável que tivesse sido posicionada de propósito do que apenas perdida. Só alguém que olhasse atentamente para o chão, ou que soubesse o que estava procurando, a teria notado.

Eu teria mordido a moeda se soubesse o que deveria sentir ao

morder para identificar se era mesmo de ouro, mas apenas a coloco no bolso da calça. Analiso o beco, com as portas laterais dos galpões bloqueadas e os resquícios de atividade noturnas. Vou até o muro do fundo, mas não identifico nenhum sinal ou pista que possa me dar uma luz. A moeda tinha que ter alguma coisa a ver com o problema dos carros; a seguradora me disse que o GPS indicava a Mercedes bem onde a encontrei.

É a primeira vez que uma seguradora me contrata. Em geral, os tipos de casos que eles precisam esclarecer não requerem nem mesmo um investigador civil muito bom; um mediano dá conta. É de se pensar que um ricaço decadente, precisando levantar grana, contrate alguém que manje do que está fazendo. Que nada. Em grande parte das vezes há alguma pista, algum contato descuidado, alguma carta marcada que resolve o mistério. Mas não dessa vez.

Enquanto divago, um carro com vidro fumê, que tenho certeza que estava acima da velocidade máxima, estaciona na entrada do beco e a porta se abre. Eu pulo para a soleira de uma porta de metal com um grande cadeado cor de ferrugem, e torço para que a profundidade do portal seja suficiente para me esconder... e para que quem quer que seja não venha até o fundo. Ouço passos e prendo a respiração. Mal noto que a porta atrás de mim começou a se abrir, bem devagar.

Sem outra escolha, sigo o movimento e entro no galpão. Viro para ver uma garota fechando a porta com a mesma velocidade em que a tinha aberto. Segundos depois de a ter fechado completamente, uma sombra passa em direção ao fundo do beco e volta. Alguém não estava feliz.

- Quem é você? cochicho.
- Shhhh.

Ela sinaliza para que a siga. Não há mais ninguém ali, apenas um amontoado de maquinário velho e teias de aranha. A iluminação se dá por alguns buracos esparsos no telhado. Eu a sigo, sem saber muito bem o porquê. Tudo bem, ela me salvou de quem quer que seja que tenha chegado, mas não sou de confiar em estranhos. Ela, entretanto,

emanava alguma coisa que me fazia ignorar meus instintos e acompanhá-la.

Atravessamos por entre peças e teias de aranha até às portas de enrolar da frente do salão, que davam para a rua da qual brota o beco. A portinhola está trancada por quatro barras de aço trespassadas, mas não há cadeados.

### — Me deixa ver a moeda.

Eu tiro a moeda do bolso e a coloco em sua mão. Não há qualquer dúvida nesse movimento, não há nenhum resquício de medo de que ela a tome, saia correndo e se enfie por algum buraco através do qual não conseguirei segui–la. Só percebo a estranheza da minha atitude segundos depois, enquanto a observo levando a moeda até a boca. Ela não a morde; ela a lambe. Fecha os olhos e mexe a boca como quem tenta identificar um sabor que sabe que está ali mas não se lembra o nome.

Após alguns momentos, sua expressão se alivia, ela sorri com o canto dos lábios e me devolve a moeda. Pego-a e começo a levá-la em direção à boca, mas desisto quando penso na ridicularidade de lamber um pedaço velho de metal.

### — É de ouro?

O carro começa a funcionar do lado de fora e quem quer que seja vai embora. Sem me responder, minha peculiar salvadora começa a retirar as barras de metal da porta e então a abre. O rangido agudo faz alguns pombos saírem voando. A luz revela o estado de abandono do galpão; mas não observo por muito tempo. Sinto as mãos dela em minhas costas, deixo-me guiar pela pressão que aplica e saio para a calçada. Quando me volto, apenas uma fresta está aberta.

— Quando for a hora, siga a moeda — ela diz, suavemente, enquanto seu rosto some através do vão que se estreitava.

\*

Enquanto me afastava do galpão, procuro não pensar muito nos últimos acontecimentos. Uma coisa que aprendi com os anos é que não existe nada melhor do que o distanciamento e o tempo para clarear a mente. Conclusões tomadas no calor do momento quase sempre estão erradas, e nas outras vezes estão apenas meio certas.

Ao menos, há o cartão. Algo sólido, algo que eu posso entender. Quando a porta do galpão se fecha, o cartão é a primeira coisa que vejo. Passa voando com a brisa, e consigo pegá—lo antes que suma de vista. É um simples cartão de visitas branco, com os dizeres "Carla Pacheco, Gerente de Sinistros". O nome da gerente parece ser o nome da própria empresa.

É um tiro no escuro, além de improvável, mas pode ter sido derrubado por alguém daquele carro. Como não sei o que fazer com aquilo, guardo-o junto à moeda e à estranha sensação de desligamento que sinto desde que vi a moça do galpão pela primeira vez.

Já próximo ao meu prédio, entro num bar e peço um conhaque. Sem saber qual passo tomar a seguir, ligo para o número do cartão.

- Pacheco Sinistros responde uma voz masculina.
- A Sra. Carla está?
- Não, só amanhã. Problemas com o carro?
- Não, não tenho carro, eu...
- Ah, já sei. Escuta, preferimos tratar esse tipo de assunto em pessoa. Me passe seu endereço, já vou até aí com uma amostra.

Passo o endereço do bar e me despeço, finalizando a ligação. Entrei no jogo quando meu interlocutor pareceu entender algo de que eu mesmo não fazia ideia. Algumas doses depois, um homem alto e esguio, com o cabelo loiro amarrado num coque e um terno slim fit entra no bar. Nada a respeito dele combinaria com aquele boteco não fosse o sorriso debochado e o ar canastrão.

- Senhor Constantino? Prazer, sou Logan. Vamos olhar aquela belezinha lá fora?
  - Claro digo, apertando sua mão.

A belezinha lá fora é um Fiat Uno de meados dos anos 90, um

modelo que eu conheço muito bem. Dirigi um por vários anos até que ele explodiu na minha garagem. Claro que não há nenhuma relação com o caso atual; aquele carro estava longe de ser de luxo e eu não contratei ninguém para destruí—lo. Mas tinha, de fato, a ver com um caso da época. No meio de toda essa bagunça, tenho até saudade dos fantasmas atrevidos. Tempos mais simples.

Eu ando ao redor do carro como se fosse um comprador interessado, analisado suas imperfeições e falhas, mais porque não sei outro modo de conduzir essa interação do que qualquer outra coisa.

— Não dá pra notar nada por fora, não é? Não sei quem te recomendou, mas pode ver que nosso trabalho é garantido. Vai, abre a porta.

Eu abro. Não é um Uno. Me afasto do carro e meu cérebro tenta encaixar as duas imagens contrastantes à minha frente. É muito pior do que as imagens confusas da internet, muito pior que o maldito vestido azul ou dourado. É um Fiat Uno de meados dos anos 90 por fora com um luxuoso interior de uma BMW de última geração por dentro.

Quando consigo retomar o controle dos meus pensamentos, entro no carro. Logan fecha a porta e dá a volta; logo está no banco do passageiro. É impossível pensar nesse carro como um Uno. De fato, quando olho para fora, vejo o capô de uma BMW. Os bancos são de couro, o painel tem mais mostradores do que posso imaginar ser necessário num carro, computador de bordo e tudo mais.

- Quer dar uma volta?
- Agora não, tomei algumas doses a mais do que deveria. Mas parece ótimo...
- É ótimo. O preço é aquela coisa, BMW com preço de Mini Cooper, até porque a gente já recebeu uma grana do antigo dono. A placa é quente de um Uno, assim como a aparência externa. A documentação está em dia, nem IPVA você paga mais.
- Certo... é o que eu precisava mesmo. Obrigado por trazer, mas preciso falar com a Carla, acertar umas coisas. Ela está na agência amanhã?

— É pra estar. Vai na boa, o carro tá guardado pra você.

Eu me despeço de Logan e ele vai embora. Acompanho a traseira do Uno sumindo na esquina e volto para dentro do bar. Tomo mais uma dose de conhaque. Por alguns minutos dentro do carro eu me senti como se quisesse mesmo comprá–lo. Eu estava medindo os prós e contras, pensando em onde iria guardá–lo, pois meu prédio não tem garagem e tudo mais. Nem passou pela minha cabeça que eu jamais poderia comprar sequer uma mobilete financiada em 60 vezes.

A sensação era diferente da confiança plena que senti com a garota. Com ele era uma confiança enganada, forçada tão suavemente que mal notei ter sido forçada. Os detalhes do que ele disse demoram a me voltar. Fico um tempo questionando como estavam vendendo tão barato. Mas o ricaço já tinha pagado o serviço. Puta que pariu, um ricaço tinha pagado o serviço!

\*

Eu deveria ter dormido a noite toda, mas a passo em claro em frente ao computador. Nem abro o livro que Catrina me deu; dele eu já consegui boas pistas. O que eu preciso saber é quem é Carla Pacheco.

Encontro o registro da empresa na Receita Federal; aberta há 3 anos. Encontro registros de faculdade, posts sobre heavy metal que ela fazia num site de música... e várias outras coisas irrelevantes. Mas, depois que ela abriu a empresa, seu rastro online esfriou. Nem suas redes sociais usa mais, mas elas ainda guardam informações sobre seu trabalho anterior. Acesso o site do maior museu da cidade e vejo que só abre ao público às 10 da manhã. Eu posso dormir um pouco, no final das contas.

\*

O curador do museu, um homem mais jovem do que eu esperaria na função, mas já com manchas de branco nas laterais do cabelo, recebe-me em sua sala quando lhe dizem que havia um investigador procurando pela Carla.

- Mas, senhor Constantino, qual é o assunto dessa investigação?
- Tenho razões para crer que ela está envolvida em golpes de seguro.
- Ah... Bem, a Carla que eu conheci jamais se envolveria com esse tipo de coisa. Mas já faz um tempo que eu não posso dizer que a conheço.
  - O que quer dizer?
- Ela ainda estava conosco quando viajou para o nordeste. Mas ela não foi para as praias. Ela dizia que ia pro interior, onde ainda havia uma ou outra aldeia indígena; queria conhecer mais sobre a cultura deles. Não estranhei o interesse porque, afinal, ela trabalhava num museu. Dias depois ligaram avisando que ela tinha morrido.
  - Mas não morreu...
- Pois é. Ela foi encontrada na beira de uma estrada, perto da mata. Levaram para o hospital e declararam a morte. Parece que só cobriram a maca e deixaram a questão do corpo para resolver no dia seguinte. De manhã ela tinha acordado. Me disseram que ela tinha tido... como é mesmo o nome...
  - Catalepsia.
- Isso! Catalepsia. Parece que várias pessoas já foram enterradas vivas por isso, ficam horas parecendo que morreram. Foi um alívio geral, mas quando a Carla voltou, logo pediu demissão. Não deu nem atenção às nossas preocupações.
  - Alguém tentou contato de novo?
- Sim, mas ela sempre nos repeliu. Abriu um negócio que tem algo a ver com seguros, e sumiu do mapa. Não sei se foi algo a ver com a experiência de quase–morte, ou se foi a morte do avô que a fez se distanciar.
  - Quando o avô dela morreu?
  - Dias antes de ela viajar ao nordeste. Achamos estranho, mas

podia ser um modo de lidar com o luto. O avô era Josué Pacheco, arqueólogo famoso; muitas das peças no museu foi ele quem trouxe de todo canto do mundo.

- Que interessante... Alguma coisa da Romênia?
- Sim; na verdade, ele liderou uma grande escavação na região da atual Romênia. O que isso tem a ver?
- Nada, nada; eu lembro de ter visto algo sobre nos jornais. Você foi de muita ajuda, obrigado.

Saio da sala antes que ele possa responder ou perguntar algo a mais sobre meu súbito interesse na Romênia. As peças desse confuso quebra—cabeças começam a tomar forma, mas eu tenho dúvidas se já estou pronto para encarar Carla Pacheco e minhas demais suspeitas. Na verdade, não sei nem se posso fazer algo a respeito. Me parece muito maior do que eu.

\*

Na rua, armando o guarda–chuva para me proteger da persistente garoa e pensando se deveria fazer outra visita a Catrina para trocar informações, a moeda, que continua comigo, esquenta a ponto de quase queimar minha pele. Tiro–a do bolso e a seguro na mão direita. O calor diminui bastante, mas ela continua morna. A garoa cessa.

Fecho o guarda–chuvas, e, olhando para cima, vejo nos céus um arco–íris grande e nítido. Não via um tão nítido há muitos anos. Continuo andando, tentando processar mais de forma sensorial do que crítica todas as coisas que acontecem à minha volta. Tomo uma rua à esquerda em meu caminho para o centro, e a moeda vai se resfriando a cada passo. Quando dobro outra esquina na direção contrária, ela volta a se aquecer.

Ouço a voz da jovem do armazém em minha cabeça, dizendo para seguir a moeda. Por mais absurdo que pareça, depois de tantos anos eu já estou acostumado a lidar com o insólito. Desisto de qualquer caminho conhecido e me embrenho pelas ruas, seguindo sempre

por onde a moeda se mantém morna. Se ando alguns metros e ela começa a esfriar, procuro outra rota.

Sigo assim por um bom tempo; quando dou por mim, percebo que saí da área urbana e estou andando no acostamento da rodovia principal. Quando passo de determinado quilômetro a moeda torna a esfriar; volto, procurando onde quer que fosse que ela mandava eu me embrenhar. Quando a temperatura se reverte, noto uma trilha meio tomada pelo mato saindo pela lateral da rodovia.

Após alguns metros na trilha, e depois de não olhar para cima por algum tempo, me assusto com a proximidade da ponta mais próxima do arco–íris. Na verdade, me espanto com a impossibilidade daquilo. O reflexo da luz do sol nas partículas do ar não pode ficar tão próximo. Entretanto, estava ali, e, mais alguns metros à frente, toca o próprio chão.

Nada de pote de ouro. As luzes multicoloridas caem sobre uma entrada na rocha do morro que eu subi. Chego mais perto e, apesar da luz do sol, não é possível enxergar nada para além do negrume da entrada. Ligo a lanterna do celular e, ainda assim, não vejo nada. Passo minha mão pela entrada e observo quando ela some de vista bem à minha frente. Tomo um passo atrás e me preparo para adentrar o desconhecido... e ouço passos atrás de mim.

- Você seguiu a moeda diz a moça do armazém.
- Quem é você, afinal?
- Você já sabe quem são eles?
- Acho que sim.
- Sou o oposto deles. Eles espalham o caos e a confusão; eles enganam e mentem; eles pregam peças e colocam amigos um contra o outro. Eu prezo pela ordem.

Só então me atento de verdade às feições da mulher; à cor de sua pele; ao formato de seu rosto. Dentre todas as deusas de todos os panteões, apenas uma representa a honestidade e a ordem, e, enquanto eu a observo, ouço seu nome ressoando em minha cabeça, como um sussurro acalentador.

- Ma'at.
- Eu não poderia ter seguido a moeda. A magia do Leprechaun não teria me guiado.
  - Você não quer que a descubram.
- De modo algum. Anansi quase me sentiu, mas me escondi a tempo. Loki, o que tentou te vender o carro maquiado, é menos astuto do que os demais, ao contrário do que muitos acham. O Coiote sentiu meu cheiro e me caçou por um bom tempo; tive que sair desse plano para que me perdesse. E, agora, estamos aqui.
- Você citou quatro, mas são sete, não são? digo, me referindo ao livro de Catrina.
- Os demais são espíritos menores, de povos quase esquecidos. Seus nomes nunca foram escritos, suas lendas foram enterradas no tempo, mas sua malícia permanece tão afiada quanto no começo.
  - Bom... Você vai na frente?
  - Eu vou. Você não.
- Escuta, eu acho que sei com o que estamos lidando, o elemento novo nesse jogo. Eu vou junto. Se rolar uma chance, faz o seu lance. Mas faz pesado.
  - Você tem certeza?
- Sim. Só estou com cagaço de passar nesse portal ou sei lá o quê.
  - Fecha os olhos e relaxa.

Eu fecho, mas não relaxo. Ma'at coloca a mão no meio do meu peito e me empurra. Um tanto abrupto, mas melhor do que encarar a escuridão de frente e me jogar por vontade própria. Eu caio. E continuo caindo. E quando achei que estava tudo acabado, a queda apenas continua.

\*

Se um dia alguém me dissesse que uma deusa egípcia me empurraria para dentro de um portal aberto por um Leprechaun eu diria que essa pessoa estava maluca. Se me dissessem que, no fim da queda, eu abriria os olhos numa lanchonete em Xangai, eu abandonaria a conversa. Mas é o que acontece.

Eu estou sentado numa mesa para quatro. Ao meu lado, Ma'at. À minha frente, uma mulher loira de meia–idade, e, ao lado dela, Logan, o vendedor de carros disfarçados. Nós quatro nos olhamos em silêncio enquanto um homem chega despejando comidas e bebidas na mesa. Ele sai com uma mesura e nos deixa ainda olhando uns para os outros, a comida ignorada.

- Você deve ser a Carla Pacheco. E Loki eu digo.
- Ninguém liga para lá sem saber do que se trata diz Loki.
- Eu suspeitava. Mas não sabia que você ia me vender um carro de luxo que deram sumiço. É essa a jogada, então.
- Às vezes diz Carla. Em outras, apenas destruímos. Em outras, o Leprechaun deixa a moeda. A moeda leva nossos intermediadores até o local onde eles têm compradores certos. E onde já deixamos o carro Carla aponta para fora, onde um Porsche com as placas removidas está estacionado. Eram eles quem estávamos esperando, mas, pelo jeito, temos uma enxerida.
  - Bem que o Coiote disse que tinha algo errado diz Loki.
- Vocês sabem o que eu tenho que fazer. Depois que o Professor Josué morreu, eu precisava me certificar que a ordem não fosse quebrada.
- Ah, é isso. Então você pode ficar tranquila, Ma'at. Eles talvez enganassem a estúpida da Carla. Comigo a história é outra.
  - Então ela realmente morreu no nordeste... eu digo.

A mulher, que não é Carla Pacheco, puxa uma corrente do pescoço e coloca na mesa um medalhão ancestral, o mesmo que vi no livro, mas com todas as marcas visíveis.

- Quantos símbolos tem aqui? pergunta.
- Sete respondo.
- Eu não conheço muito sobre o velho mundo, mas pude sentir o que era esse medalhão assim que o vi ela explica. Ele foi feito

para prender, para dar o controle de uma divindade a quem o porta, mas as energias dele eram tão antigas que logo percebi que ninguém tentou usá—lo há centenas de anos.

- Josué o encontrou assim. Eu o tenho vigiado desde então diz Ma'at.
- Josué sabia de nós, e, embora não se orgulhasse, nos usou algumas vezes diz Logan. Ele conhecia os textos que ensinavam a nos aprisionar no amuleto mas nunca foi tolo de tentar, porque sabia que estava cheio.
- A estúpida da neta dele era mais ousada diz Carla, com um sorriso malicioso.
  - Ela tentou te prender ao amuleto, Caipora? pergunta Ma'at.

Eu pisco, e quando meus olhos se abrem, não há mais uma mulher loira na minha frente, e sim uma com traços indígenas e cabelos cor de fogo. Suas roupas permanecem as mesmas, mas a Caipora tinha revelado sua forma. Eu não preciso olhar embaixo da mesa para saber que seus pés são virados para trás.

- Ela quase abriu a maldita Caixa de Pandora, e aí sim você teria trabalho diz Caipora. Meu maior desafio foi escapar do amuleto e fazer com que sua magia permanecesse intacta. Os sete estão sob meu comando agora. E eu escolhi usá—los dessa forma. Você sabe muito bem como é nossa existência nesses tempos, Ma'at. Nós só ganhamos a vida.
- Correção: você me "usa" porque eu também me beneficio, senão...
- Quieto Loki, caramba. Você está ligado ao amuleto há centenas de anos, aceite como isso funciona — diz Caipora.
- Eu só quero uma garantia diz Ma'at. Não me importo com seus negócios escusos, mas você me garante que vai manter eles na rédea curta?
- Relaxa, Ma'at. Se eu fosse você, me preocupava com os humanos. Especialmente os poderosos, que vivem de enganar os outros. Os meus tricksters eu controlo.

- "Seus tricksters" uma ova diz Loki, e sai do restaurante.
- Quanto a você, detetive, vamos perdoar sua intromissão porque Ma'at teve parte nessa história. Agora se mandem daqui; preciso dar um jeito de concluir essa venda.

Do lado de fora, pela janela, vemos Loki se sentar na calçada e acender um cigarro. Ma'at segura minha mão sem tirar os olhos de Caipora. Eu sinto a aura de confiança e calma emanando da deusa de forma muito mais forte do que antes, mesmo que ela estivesse direcionando a maior parte de seu poder à mulher do outro lado. Caipora olha de relance para o amuleto no meio da mesa, como se fosse um relógio barato que alguém tivesse esquecido ali.

- Posso examinar antes? eu pergunto, apontando o objeto.
- Examinar? Ah, sim... pode responde Caipora, de forma um tanto desligada.

Eu pego o amuleto com a mão esquerda. Ma'at aperta devagar minha mão direita e sinto o mundo ao redor se diluir e derreter como numa pintura de Dalí.

\*

Enquanto focava seu poder de forma direcionada e ampla, Ma'at não poderia ter pegado o amuleto; uma atitude desleal tão direta quebraria a aura de confiança. Eu era um mero humano; Caipora não me via como ameaça, ainda mais sob o efeito que estava. Deslizamos para fora dali, e a ligação de Caipora com o amuleto é quebrada.

Não sei ao certo como entramos de novo no portal, mas entramos, caímos e só paramos de cair no meio da rua, em frente ao galpão. O amuleto brilha intensamente e sete presenças poderosas surgem. Uma a uma, são sugadas pelo objeto na palma da mão da Deusa da Ordem.

- O que vai acontecer com Caipora?
- Por enquanto, ela vai ter que aprender a se virar na China.

- Pelo jeito, vou ter que visitar o nordeste e aprender com os índios como me proteger dela.
- Não sei se ela viria atrás de vingança. Pra ser sincera, conheço de nome os bagunceiros daqui. Se ela vier, eu vou saber, e te alerto. Você foi de muita ajuda, Sr. Constantino. Agora é hora de dormir.

Dizendo isso, Ma'at leva a mão à minha testa e sinto uma moleza preguiçosa se espalhar pelo meu corpo.

\*

Acordo na minha cama. São oito da manhã. Meu telefone toca. Uma mulher desesperada do outro lado me pede ajuda para lidar com uma criatura pequena e definhada que descreve como parecida com o Gollum, só que pior, cheia de ferimentos. Ela a vê dia sim dia não, mas sempre encontra manchas de um pus fedorento pela casa.

Antes de ir até lá, preciso fazer algumas visitas. Primeiro vou devolver o pendrive de Catrina, mais para agradecê—la pela ajuda do que pelo objeto em si, e também porque sei que a velha bruxa vai querer saber tudo que se passou. Se eu der sorte e ela tiver feito o bolo de fubá com especiarias que eu adoro, já garanto o café da manhã.

Depois, preciso passar na companhia de seguros para acertar o pagamento pelo serviço. Como não pretendo explicar o que aconteceu, eles devem me pagar um sinal agora e o resto só daqui a um mês, quando verificarem que os sumiços de fato pararam. Espero não receber nada semelhante por um bom tempo; não fosse por Ma'at, eu nem teria desvendado esse caso. Não é meu tipo de situação.

Já as pequenas criaturas demoníacas... Ah, essas são as minhas preferidas.

\* \* \*

LUCAS RAFAEL FERRAZ, 28 anos, é podcaster, escritor e revisor. A antologia MITOS MODERNOS é seu primeiro trabalho de organização e edição, na qual utilizou muito do que aprendeu nos anos de revisão da Revista Trasgo. Tem alguns contos publicados de forma independente, e outros ainda a serem lançados.

Blog: <u>lucasferraz.com</u> Twitter: <u>@ferraz\_lucas</u> Facebook: <u>/lucasrferraz</u>

## COMO VENCER O MINOTAURO

SAULO MORAES

O LABIRINTO OCUPAVA uma área de dois quilômetros quadrados. Muitos haviam tentado, mas ninguém nunca conseguira. O modelo clássico era mais simples. Bastava desenrolar um novelo de lã, matar o Minotauro com uma espada mágica e retornar pela trilha criada através do fio. No labirinto atual, em pleno século XXI, a situação era bem diferente. Após vagar pelas inúmeras paredes estreitas e encontrar o ser exótico (meio homem da cintura para baixo e meio touro no restante), era preciso vencê—lo em uma competição de stand—up comedy.

Cada competidor tinha direito a 3 apresentações de 1 minuto. Quem vencesse 2 rounds (era sempre o Minotauro) puxava a corda da vitória. Em seguida, um grande alçapão se abria debaixo dos pés do perdedor (sempre o humano), que caía em um fosso com imensas labaredas de fogo. O resultado era determinado por três juízes imparciais: Aura, Narciso e Hades.

Aura era uma ninfa enorme e graciosa. Sua atitude provocante enganava muitos competidores, já que ela odiava piadas de cunho machista. Os desavisados que estereotipavam as mulheres recebiam um grande "zero" erguido por Aura na respectiva rodada.

Narciso era um rapaz bonito e vaidoso. Ele apreciava uma narrativa que o fizesse se identificar com o personagem. Por isso, piadas onde o protagonista fosse ridicularizado não o agradavam. Ele preferia um narrador confiante e até mesmo esnobe. Esse último garantia um placar próximo ao perfeito 10.

Hades, o deus dos mortos, era um verdadeiro mistério. Ninguém sabia muito bem do que ele gostava. Até o encantador Minotauro era incapaz de arrancar uma grande gargalhada ou uma pontuação maior que 5 desse jurado. Aumentar seu reino era a única explicação para Hades participar desse tipo de entretenimento mundano.

Todas essas informações e diversas outras dicas podiam ser encontradas facilmente na internet. Havia, inclusive, inúmeros vídeos que analisavam metodicamente as batalhas anteriores. Chegava a ser irônico encontrar na rede tantos tutoriais de "Como vencer o Minotauro", sendo que ninguém nunca havia chegado perto disso. O campeão bifásico apresentava uma incrível média de 21 pontos em cada rodada, e o humano mais bem pontuado não chegava a 15.

A criação da competição estava, na verdade, relacionada a uma questão política. A cidade de Atenas havia perdido a guerra para a cidade de Cnossos e, como consequência, fora obrigada a cumprir as exigências determinadas pelo Conselho de Genebrius. Uma das imposições tinha sido o envio de um militar por semana para o labirinto, até o dia em que alguém vencesse o famoso comediante de Cnossos: o Minotauro.

Já a origem do Minotauro era mais complexa. Fruto de uma paixão proibida entre a esposa de Minos (o prefeito de Cnossos) e o touro de Poseidon (ninguém ousava entender como isso havia acontecido), o bebê-filhote acabou sendo negligenciado, tanto pela mãe quanto pelo padrasto. O isolamento fez com que o Minotauro estudasse por muitos anos todo tipo de cultura inútil e o humor cotidiano. O seu intuito era ser, um dia, aceito pela sociedade que o abominava. Após um tempo, as suas piadas começaram a fazer sucesso nas tavernas da cidade, e Minos temeu que o enteado complicasse a sua reeleição; afinal, os eleitores começaram a caçoar da infidelidade de sua esposa. Por isso, decidiu construir o labirinto e esconder o Minotauro nele, onde ele poderia contar piadas apenas para quem o encontrasse. O problema foi que a população não aprovou o ato, afirmando que Minos era um homem frio, sem coração e inconsequente. Afinal, ele havia gasto uma fortuna do dinheiro público na construção do labirinto. O prefeito, então, aproveitou a recente derrota de Atenas como pretexto para criar a competição de stand-up e remediar a situação. Afirmou que tinha muito orgulho do filho (agora o chamava assim) e que nenhum atenosense (termo pejorativo para se referir aos atenienses) seria capaz de vencê-lo. Como resultado, Minos foi reeleito e o Minotauro, reintegrado à sociedade, dedicou-se com mais afinco às suas anedotas.

Nos primórdios da competição havia muitos voluntários dispostos a enfrentá—lo. A disponibilidade não estava relacionada, necessariamente, à famosa bravura ateniense, mas sim ao prêmio. Quem vencesse o desafio poria um fim ao extermínio indevido de seus compatriotas e alcançaria a glória eterna. Além disso, receberia um alto salário para não fazer mais nada pelo restante da vida. Por algum motivo, a última opção era a responsável por atrair o maior número de guerreiros.

Devido à probabilidade de morte certa, os voluntários tornaram—se cada vez mais escassos no decorrer dos anos. A situação tornou—se tão crítica que, após 3 anos de competição, nenhum militar manifestou o desejo de enfrentar o Minotauro. Os competidores eram determinados após a última batalha, a fim de terem uma semana para ensaiarem a apresentação. Após o 156.º humano morrer, no entanto, ninguém se prontificou a preencher a próxima vaga, e um clima sombrio dominou o quartel. Nas horas seguintes, ninguém ousava dizer algo engraçado, pois todos tinham medo de serem indicados para a competição. Por fim, o General do exército ateniense determinou que fosse feito um sorteio entre todas as graduações (com exceção da sua própria) para determinar o próximo participante. O vencedor foi Teseu. Ou seja, eu mesmo.

Eu era um reles soldado do 4.º Pelotão da 4.ª Companhia, e todos os meus semelhantes concordaram: não era nenhuma surpresa ou coincidência o menor posto ter sido contemplado em um sorteio daqueles. E, por isso, eu tive o privilégio de servir em uma evidente missão suicida.

Fui dispensado no mesmo dia para me preparar humoristicamente para a batalha. Enquanto estudava e desenvolvia algumas piadas em minha casa, fui atacado por um dilema. Valeria a pena dedicar a minha última semana a um fim inevitável, ou deveria eu aproveitar ao máximo as minhas 160 horas restantes? Optei pela segunda alternativa e decidi viajar para Roma.

Sempre sonhei em ir ao Coliseu assistir a uma luta de Artes Marciais Mistas, mas o preço do ingresso (fora a passagem de avião) era um absurdo. As minhas economias, todavia, não valeriam de nada quando o Minotauro puxasse a corda da vitória. Essa seria a minha última oportunidade e, portanto, o momento de ir.

Peguei o primeiro voo disponível e pousei em Roma duas horas depois. Incorporei a fila da bilheteria, comprei a minha entrada para o Coliseu e cheguei à dramática conclusão de que havia gasto metade de minha poupança (racionada durante 7 anos como soldado) em poucas horas.

A luta principal seria entre Hércules e Odisseu. Hércules era o atual campeão dos pesos pesados e estava invicto há mais de 10 anos. Graças a isso, era o grande favorito da noite e o preferido nas casas de aposta. Odisseu, por outro lado, tratava–se de um lutador em ascensão, ou seja: um completo desconhecido.

Adentrei o estádio e vivenciei toda a emoção acumulada durante anos sentados em frente à TV, enfim, pela tela de meus olhos. As lutas secundárias começaram e o Coliseu vibrava com os nocautes, finalizações ou decisões. Cada soco emitido era recepcionado pelo grito seco, simultâneo, vindo da arquibancada. O jorrar de sangue era acompanhado pelas risadas satisfeitas e pelos deboches. O melhor de tudo era aquela sensação de que a melhor luta ainda estaria por vir. E veio...

Hércules e Odisseu tomaram o centro do Coliseu com uma ligeira diferença. Hércules era 120 quilos de puro músculo e Odisseu 120 quilos de genuína banha. Eu fiquei impressionado com o contraste e desprezei o lutador sedentário. Acredito que o campeão tenha feito o mesmo, pois acabou perdendo a luta. Além de mim, todos os fãs estavam com aquele "Oh!" impregnado na boca, perplexos com o resultado final. Decidi voltar para casa naquele mesmo dia, e comprei a minha passagem de volta. Se Odisseu conseguira vencer Hércules, talvez eu pudesse derrotar o Minotauro.

O restante da semana passou como um raio e, de uma hora para outra, eu estava seguindo as setas adesivadas no interior do labirinto. Elas indicavam o local da batalha, sendo um problema a menos para me preocupar. Após caminhar por uma hora e me desvencilhar dos vendedores ambulantes pelo caminho, cheguei ao meu destino.

Havia duas arquibancadas. Uma era preenchida pelos fanáticos cidadãos de Cnossos e a outra pelos meus conterrâneos. Quando caminhei em direção ao centro do palco e afirmei ser o "voluntário" de Atenas, fui ovacionado e vaiado ao mesmo tempo. Por um momento, tive a sensação de estar no centro do Coliseu.

O Minotauro apareceu em seguida (trajando o seu habitual smoking azul) com um andar descontraído, recebendo o apoio caloroso e incondicional de seu povo, que abafava qualquer protesto vindo do lado ateniense. Ele mantinha os chifres erguidos e exibia toda a confiança adquirida após inúmeras vitórias.

O apresentador disse que a batalha iria começar e perguntou ao campeão invicto, enquanto lançava uma moeda para o alto, se desejava cara ou coroa. O Minotauro disse "cara", mas a moeda escolheu coroa. O resultado me permitiu determinar a ordem das apresentações. Ora, é um conhecimento geral: o competidor que inicia a batalha leva desvantagem em relação ao adversário. As palavras ditas por último, além de impactarem mais, poderiam debater e anular as proferidas anteriormente. Contrariando todo o senso comum, eu decidi ir primeiro. A escolha fez com que muitos dos presentes colidissem a mão contra a própria testa.

Segurei o microfone em minhas mãos e dei início à apresentação. Acredito que foi o minuto mais constrangedor de minha vida, pois fiquei parado o tempo todo sem emitir uma única palavra. O silêncio apenas foi cortado quando o cronômetro apitou o término da apresentação e a multidão de Cnossos me aplaudiu ironicamente. Os jurados levantaram as placas e eu avistei:

Aura: 0 Narciso: 0 Hades: 2

Fiquei surpreso com os 2 pontos obtidos. Talvez o deus dos mortos tenha achado a apresentação original ou apenas quisesse contrariar os outros jurados. O fato é que o Minotauro tomou o microfone em seguida e iniciou um verdadeiro massacre. Ele olhou para todos os lados e, com um sorriso maquiavélico, declarou:

— E é por isso, meus amigos, que Atenas perdeu a guerra.

Todos, com exceção de minha torcida, gargalharam. Nem mesmo Hades foi capaz de conter–se. Isso incentivou o Minotauro a humilhar um pouco mais a minha cidade natal:

— Eu não culpo o meu colega — disse, apontando para mim. — Desde criança eu aprendi que, às vezes, é melhor ficar calado. No caso de um ateniense, às vezes significa sempre.

Mais gargalhadas soaram e eu vislumbrei as milhares de pessoas que iriam zombar de mim, diante de seus computadores, pelos anos seguintes. O comediante de Cnossos prosseguiu:

— Uma vez resolvi visitar Atenas. Achava que era uma boa maneira de me sentir melhor comigo mesmo. Quando solicitei uma passagem no aeroporto, o atendente me perguntou incrédulo: "Sério mesmo?!" Eu disse "sim" e ele insistiu: "Você tem certeza? Quando o avião decolar não tem mais volta." Eu confirmei e o atendente colocou a mão em meu ombro: "Por que você não vai para casa, descansa um pouco e veja se a ideia persiste? Não queremos que o senhor se arrependa." Naquela época eu era mais teimoso que um touro e, por isso, fui relutante. O atendente, então, me entregou um contrato para assinar. Era um termo de consentimento dizendo que a companhia aérea não se responsabilizava pelos danos causados à exposição ateniense. O resultado? Antigamente, quando cometia uma gafe, eu me justificava: "desculpe, estou um pouco bêbado." Hoje, graças à minha teimosia, quando boto fogo em minha própria casa, quando jogo pedras nos ônibus ou

quando cuspo na cara das pessoas, aviso: "desculpe, estive um pouco em Atenas."

Salva de palmas, assobios, gritos e as clássicas gargalhadas dominaram o local. O Minotauro havia vencido a primeira rodada. Nem era necessário analisar as placas que indicavam:

Aura: 9 Narciso: 10 Hades: 4

O que ninguém sabia era que tudo aquilo fazia parte de meu plano. Hércules também havia vencido inquestionavelmente o 1.º round no Coliseu. Odisseu apenas escondera a cabeça entre os braços gordurosos enquanto recebia jabs, diretos, cruzados e pontapés incessantes do adversário. Hércules aplicara tantos golpes eficazes que o desafiante exibia hematomas e sangramentos avantajados por todo o corpo. Com a luta praticamente ganha, o lutador favorito acomodou-se no 2.º round e atacou com menos intensidade.

O Minotauro seguiu o mesmo raciocínio e eu fui menosprezado. Ele decidiu que não valia a pena desperdiçar nenhuma piada contra um competidor tão patético e iniciou a segunda rodada com tolices. Optou pelo artifício de gracejos universais, perguntando e respondendo quantos atenienses eram necessários para afundar um submarino ou como eles faziam para beber leite gelado.

Com a queda de rendimento, o Minotauro obteve a pontuação mais baixa de sua vida (AURA: 4; NARCISO: 5; HADES: 1) e eu aumentei as minhas chances de vencer a 2.ª rodada. Iniciei a minha apresentação com o melhor que consegui criar na última semana:

— Li uma notícia que dizia que os pés são os mais novos mecanismos de sedução. Isso quer dizer que os pés são os mais novos calcanhares de Aquiles dos pretendentes...

Essa baboseira prosseguiu até soar o aviso de 1 minuto. O standup mediocre me garantiu um placar mediano (AURA: 5; NARCISO: 5; HADES: 2); o suficiente para me aprovar, por pouco, em direção à rodada final. Os espectadores esperavam que eu iniciasse a 3.ª rodada mais uma vez explorando alguma situação do cotidiano, mas eu impressionei a todos ao me apresentar com uma atitude mais agressiva:

— Como todos sabem, o Minotauro nasceu de uma traição. Por mais estranho que a situação já fosse, uma coisa sempre me deixou confuso: se Minos era o corno da história, por que o Minotauro é que ostenta os chifres?

Os jurados esboçaram sorrisos coreografados referentes ao meu comentário e a torcida de Atenas finalmente se manifestou em uma grande zombaria. O Minotauro trocou a postura descontraída por uma seriedade absoluta e eu retomei o raciocínio:

— Mas, afinal de contas, por que o prefeito de Cnossos criou o Minotauro? Acredito que a sua esposa lhe tenha dito: "Perdoe-me, querido! Sou adepta da zoofilia e acabei tendo um caso com um mamífero ruminante. Mas prometo te compensar! Podemos criar o fruto de minha infidelidade como se fosse o nosso próprio filho." Não sei por que implicam tanto com o Cavalo de Tróia. O Touro de Cnossos é, sim, o verdadeiro "presente de grego".

O Minotauro começou a bufar e o apoio da plateia foi evidente. O labirinto estava venerando os meus trocadilhos. Além do mais, era a primeira vez que alguém tinha coragem de ridicularizar de forma consistente o famoso comediante bifásico. E eu podia jurar que algumas risadas também saiam da arquibancada rival. Fiquei tão empolgado que cometi um deslize e exagerei na dose:

— As pessoas ainda ficam chocadas com a origem do Minotauro. Elas sempre perguntam se é física ou biologicamente possível essa concepção. Eu afirmo que sim. Basta que a mãe seja uma vaca.

Nem preciso dizer o quão indignado ficou o meu adversário. Ele ameaçou até me chifrar, mas o apresentador o conteve, dizendo que agressões estavam sujeitas a desclassificação. Os juízes divulgaram as notas e eu fiquei decepcionado, porém nem um pouco surpreso:

Aura: 0 Narciso: 10 Hades: 4

A vitória pendia para o Minotauro. Bastava o comediante de Cnossos fazer uma apresentação mediana para manter intacto o seu legado. As minhas palavras, no entanto, atingiram o ego de meu adversário e deixaram a sua apresentação irreconhecível. Ele ministrou um discurso de ódio que não era nem um pouco engraçado. Como ele não sabia nada sobre mim, exceto a minha naturalidade, atacou a minha cidade. Isso já havia sido feito nas rodadas anteriores; por isso, algumas piadas não passavam de uma imitação descarada. A falta de apoio do labirinto fez o Minotauro suar e ele resolveu se vingar, xingando a minha mãe de vadia atenosense.

O acontecimento foi semelhante ao que ocorreu no Coliseu. No 3.º round, Odisseu fez algo inusitado. Ele estava perdendo feio, era evidente, mas não se importou em provocar o seu adversário. Repetiu gestos e danças obscenas que fizeram a plateia vaiá—lo e que deixaram Hércules enfurecido. O campeão dos pesos pesados começou a atacar sem pudor e sem nenhuma técnica. Ele apenas corria em direção ao desafiante e lançava—se sobre ele. Odisseu, apesar do excesso de peso, esquivava—se facilmente das investidas precipitadas e, em seguida, provocava o campeão ainda mais. Hércules ficou tão fora de si que, durante uma tentativa de ataque, acertou em cheio a uma grande pilastra. A pilastra cedeu e derrubou um camarote repleto de fãs sobre ele. E foi assim que Hércules sofreu o primeiro nocaute da carreira.

Depois do chilique, o Minotauro recebeu a seguinte pontuação:

Aura: 0 Narciso: 2 Hades: 9 Eu puxei a corda da vitória e vi o lendário comediante de Cnossos ser queimado perante o clamor aliviado de meu povo. Eu conseguira! A competição acabara e nenhum ateniense passaria por ela novamente. A multidão gritava: "Teseu, Teseu, Teseu...!" Eu havia me tornado um herói.

\*

No dia seguinte, quando a euforia havia passado, eu refleti sobre os acontecimentos. Hércules era um lutador muito melhor do que Odisseu. Igualmente, o Minotauro era um comediante muito mais talentoso do que eu. Isso me deixou um pouco incomodado, pois essas situações pareciam descrever perfeitamente a minha geração. Não eram os melhores, os talentosos ou os dedicados que triunfavam; a humanidade era dominada pelos espertinhos, pelos polêmicos e pelos provocadores. Essa revelação me deixou deprimido durante alguns dias, e só terminou quando recebi meu primeiro salário, referente ao grande prêmio. A partir daí, deixei de lado as minhas crises existenciais. Eu era a pessoa mais engraçada do mundo.

\* \* \*

SAULO JERÔNIMO DA SILVA MORAES nasceu em Belo Horizonte no dia 27 de Janeiro de 1991. Atualmente trabalha como soldado no Corpo de Bombeiros de Minas Gerais. Acredita que escrever é como respirar: nem todos deviam, mas é impossível deixar de fazê—lo. Esse é o seu primeiro trabalho publicado.

Facebook: <u>/saulo.moraes.904</u>

e-mail: saulo1406moraes@hotmail.com

## **INTERMITÊNCIAS**

MICHEL PERES

ENCONTREI COM ELE de novo, aquele estranho jogador. Dessa vez, a terra ao seu redor pegava fogo a cada passo que dava. É realmente engraçado... Como esse sujeito consegue fazer essas coisas é algo que até agora não consegui compreender.

Lembro da primeira vez que o vi. Eu estava sentada sozinha no anfiteatro de KlärCity, assistindo a uma exibição de *Liquid Sky* que eu mesma colocara pra rodar, mais atenta às estátuas de Atlas ao redor do palco do que ao filme. Era o momento da cena clássica, Anne Carlisle, linda, encarnando a modelo andrógina a posar para um séquito de fotógrafos sedentos, apenas interessados em sua decadência. A tela exibia o rosto da atriz, quando, no canto do monitor, percebi a silhueta de uma figura caminhando ao longe, sozinha, no gramado para além do anfiteatro, indo em direção às montanhas cinza.

Confesso que na hora senti raiva. O que aquele sujeito estava fazendo ali? Que direito ele tinha de entrar e invadir a minha privacidade? Uma raiva totalmente egoísta e infantil, eu bem sei. Afinal de contas, Scape-Topia é um jogo gratuito, um MMO que qualquer pessoa de qualquer idade pode acessar. O fato de estar praticamente abandonado desde 2006 não significa que o jogo esteja inacessível. Pelo contrário. Com uma simples conta de e-mail, qualquer um pode se inscrever.

Mesmo assim me senti lesada. Até então, aquele era meu jogo, meu mundo. Sem me dar conta, logo aquilo que era raiva se tornou curiosidade. Quem era aquele cara? De todos os mundos do jogo, por que ele estava exatamente no mesmo que eu? Eu ainda engolia a humilhação

de ter minha privacidade invadida, quando ele fez algo impossível: como Moisés, atravessou as montanhas cinza, um buraco se abrindo em sua passagem enquanto placas de pixel ruíam acima dele. Foi a primeira vez que vi algo assim acontecer.

Depois disso, eu o encontrei em mais duas ocasiões; uma na semana passada e a outra hoje. Em todas ele fez alguma coisa estranha, manipulações absurdas à lógica do jogo, como se a física algorítmica não se aplicasse ao seu caso. No início, pensei que ele tivesse utilizado truques, digitado algum código. Só havia um porém: ScapeTopia ficara famoso exatamente por ser um MMO que não possuía nenhum tipo de macete (o que, inclusive, foi um dos motivos pelos quais esse jogo fez tão pouco sucesso). Talvez ele fosse alguém com acesso a um cheat code exclusivo, algo que só os desenvolvedores conhecessem?

Por estranho que pareça, sinto como se não tivéssemos nos encontrado por acaso. Acho que ele quer me dizer alguma coisa, ou, talvez, queira apenas companhia (bem capaz de ser um tipo solitário, como eu). Gostaria de encontrá—lo de novo, descobrir quem ele é, entender o que deseja. O problema é que ScapeTopia possui mais de trezentos mil mundos. Posso levar uma vida inteira vagando pelo jogo e ainda assim as chances de encontrar ao acaso um mesmo jogador são mínimas. Mas, pensando nas coisas estranhas que esse cara consegue fazer, ele não parece ser um jogador comum.

De qualquer maneira, acredito que vamos acabar nos encontrando. Passo praticamente todas as noites jogando. Talvez se eu estendesse um pouquinho mais meu tempo de jogo... isso aumentaria minhas chances de encontrá–lo, de descobrir quem, afinal de contas, é esse Moisés dos pixels.

Vou ficar mais atenta. Se encontrar com ele de novo, vou me certificar de anotar tudinho a partir de agora.

QUI. 04 OUT 23:16

Hoje minha supervisora me pegou sonhando acordada. De novo. Isso sempre acontece no trabalho — não sei por quê, mas, quando fico muito tempo encarando aquelas planilhas, começo a enxergar as colinas de arroz em Argon. Ela falou alguma coisa sobre o relatório da Phillips e a festa de Halloween da empresa. Mantive meu olhar de standby e a bichinha logo se despachou.

Tenho consciência de que não sou uma pessoa fácil de lidar. Nunca neguei isso, nem para mim nem para ninguém. Deve ser coisa de criação, sei lá. Papai e mamãe morreram quando eu era muito nova, então fui criada pela minha avó, que tinha quase 80 anos e era meio esquizo. Meu terapeuta vive falando que o meu fascínio por jogos tem relação com uma certa fobia social. Einstein...

Realmente. Passo muito tempo jogando mesmo. Qual problema? Tem gente que fuma, bebe, injeta. Eu jogo. Adoro MMO. Principalmente jogos abandonados. Acho apaziguador, quase uma meditação caminhar por esses mundos esquecidos, observar as construções que alguém, algum dia, se dedicou a levantar com tanto zelo e cuidado. Em alguns deles é possível fazer escavações, ver os resquícios que alguém deixou abaixo da construção de outro jogador. É como uma arqueologia sintética, uma atividade realmente fascinante.

Até então, tinha me restringido a essas *flanêuries* virtuais, passeios que dava sem nenhuma grande pretensão. Até o dia em que descobri ScapeTopia.

Foi há cerca de quatro meses, um pouco antes de meu ex ter saído do apartamento (ele, coitado, não conseguia entender o meu jeito; já eu achava que ele me sufocava demais). Eu estava no GateChan, à caça de dicas sobre jogos obscuros. Acabei topando com um post que um

usuário deixou no fórum em 2004. Junto a ele havia um link para o site de ScapeTopia. Acessei e criei logo uma conta para mim.

No início, me pareceu como qualquer outro MMO: apenas um mundo online criado para as pessoas se conhecerem, trocarem ideias, comprarem sofás virtuais e, quem sabe, um dia, se encontrarem NVR. Lembro de ter ficado contente ao perceber que o jogo estava completamente abandonado. Pelo menos, foi o que me pareceu naquele momento.

Rapidinho, se tornou meu jogo favorito. É de uma beleza única, editado com tanto esmero por seus antigos jogadores que até parece que todos eles eram artistas por natureza. Do anfiteatro surrealista em Klär-City às coberturas do Vale de San Rafael, passando pelas encostas cravejadas de piscinas eternamente cheias em Waldorf e os fiordes de uma Dinamarca medieval (reconstruída dentro do jogo por algum otaku obcecado com a época de Margarida I), cria-se a aparência de ser mais que um simples jogo; para mim, trata-se de uma realidade mais pura, mais bela e, por que não dizer, mais verdadeira.

Pouco a pouco, deixei de lado todos os outros jogos, me dedicando exclusivamente a ele. Sempre que estou lá me sinto mais viva, mais real, e toda hora que saio, triste e ansiosa. Tem dias que vou para o trabalho literalmente arrastada. Só de pensar no caos que é o mundo lá fora, um mundo de regras, planilhas e relatórios, sinto vontade de enforcar um.

Ainda bem que tenho ScapeTopia. Basta entrar lá que tudo dentro de mim se acalma.

TER. 09 OUT 23:10

\*

Joguei até às quatro da manhã, mas infelizmente não o encontrei. Para piorar, minha mão está doendo por causa do mouse. Vou colocar uma bolsa com gelo. Amanhã volto ao jogo.

SÁB. 13 OUT 04:07

\*

Uma semana se passou e ainda não o encontrei.

A razão para isso é óbvia: meu tempo estava sendo consumido por distrações desnecessárias. Recebia toda hora um tweet, aviso ou mensagens — a maioria delas do Murilo, que parecia ter algum problema com o prefixo ex. Para piorar, sempre que ia comer alguma coisa, acabava checando minhas redes sociais e, de post em post, lá se iam uma, duas, três horas vendo besteiras, horas preciosas que poderia ter dedicado a encontrar aquele jogador. Meu tempo é valioso demais. Não posso perdê—lo com os comentários sobre política de alguma colega de serviço ou com as fotos de almoço de um parente da minha cidade natal. É por isso que hoje mais cedo fiz algo que deveria ter feito há muito tempo: desativei todas minhas contas em redes sociais. Dei adeus ao Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat, Tumblr, WhatsApp... Chega, chega de distrações!

SÁB. 20 OUT 10:42

\*

Já anoiteceu e faz sete horas que dei adeus às redes. Posso dizer: me sinto calma. Estava tão acostumada a ser bombardeada que todo esse silêncio é tranquilizador, quase zen. É como se houvesse me libertado de uma prisão que eu nem tinha ideia de estar dentro. Agora, calma e limpa, posso me dedicar sem preocupações à minha busca. SÁB. 20 OUT 18:03

Não ia escrever mais nada hoje, mas sou obrigada a abrir uma exceção. Eu finalmente encontrei ele! E desta vez foi cara a cara.

Foi meio sinistro. Estava já na cama quando acabei acordando. Como não consegui voltar a dormir, resolvi dar um passeio por ScapeTopia. Fui até um de meus locais favoritos, o labirinto de esmeraldas em Gotan, local de um céu continuamente noturno, onde os contornos das paredes escuras brilham como luzes fosforescentes — uma referência, creio eu, a um dos primeiros MMO, um jogo chamado Maze War. Num dos corredores, uma pequena figura me esperava.

Foi a primeira vez que tivemos um contato tão próximo. Não consegui reconhecê-lo de início, até a hora em que ele caminhou em minha direção. Era um dos avatares mais estranhos que já vi em toda minha vida de gamer: uma criança, um garotinho na verdade, de mãos e rosto enfaixados, apenas o queixo, a boca e parte do nariz expostos. Os curativos estavam sujos de sangue, sangue vivo, recente. Acima de sua cabeça pairava um nome: Turms.

Tentei cumprimentá—lo, mas ele manteve—se quieto. Ficamos um longo tempo a nos encarar quando as reticências, sinal de que digitava alguma coisa, surgiram na tela. Prendi a respiração. Seja lá o que fosse, devia ser importante. Seu rosto inclinou para o lado e as palavras surgiram no topo da tela:

## cantando il gallo è senza morte.

Não fazia ideia do que aquilo queria dizer. Perguntei o significado a ele, sem sucesso. Em silêncio, ele continuou a me encarar. Seus lábios viraram um borrão, os curativos na cabeça assumindo o aspecto de madeira.

Então, como um fantasma, ele simplesmente me atravessou. Aquilo gelou meu sangue; avatares não costumam atravessar um ao outro daquela maneira.

Tentei segui-lo, mas tanto meu avatar como o ambiente ao redor começaram a se mover mais e mais lentos. O menino atravessou as paredes do labirinto, mesclando-se a elas como mancha de vinho numa roupa preta. Assim que desapareceu, os contornos fosforescentes foram aos poucos se apagando, assumindo tons opacos. Nunca presenciei algo assim no labirinto de Gotan.

Perturbada demais para continuar no jogo, dei exit. Aproveitei para descobrir o que era aquilo que ele havia digitado. Não encontrei referência alguma, apenas a confirmação de que era em italiano. Uma tradução literal seria "cantando o galo é sem morte". O seu significado e por que ele digitou isso para mim são coisas que não faço a menor ideia. Acredito que seja um trecho de algum poema ou o título de um livro ou filme.

QUA. 31 OUT 00:18

\*

Encontrei com ele mais três vezes agora em novembro. Para dizer a verdade, não estou totalmente certa se era realmente ele. Tive dúvidas porque, apesar de o avatar ser o mesmo — o do garotinho de cabeça enfaixada —, ele apareceu usando nomes diferentes. Além do Turms da última vez, ele apareceu com o nome Zaqar, depois Isimud e, por último, Hermóðr. Será que ele costuma mudar de nick ou são jogadores diferentes com o mesmo avatar?

Tentei me comunicar, digitando tanto em português como em inglês, mas, a cada nome diferente, ele se dirigia a mim em uma língua diferente. Quando apareceu como Turms, digitou em italiano; quando

Zaqar, em hebraico; quando Isimud, em curdo; e já quando Hermóðr, em sueco. Aquilo me deixou completamente confusa!

Descobri que todos aqueles nomes são de divindades. Turms foi um antigo deus etrúrio, equivalente ao Hermes dos gregos; já Zaqar foi um deus da Mesopotâmia, capaz de controlar os sonhos e pesadelos dos mortais; o deus sumério Isimud, assim como o Janus dos romanos, tinha duas faces e a capacidade de enxergar o passado e o futuro. O último dos nomes, Hermóðr, pertence à mitologia nórdica: trata—se de um dos filhos do deus Odin e seu nome figura no Edda, uma espécie de Bíblia pagã, pelo que entendi.

Se todos são a mesma pessoa, ainda não peguei o porquê de toda essa mudança de nomes, muito menos se existe alguma relação entre eles ou entre esses deuses antigos. Dei print de todas as últimas vezes em que ele apareceu e estou fazendo anotações sobre esses nomes numa folha separada. Acredito que logo terei uma resposta.

\*

Acho que consegui resolver o mistério dos nomes diferentes. O menino dos curativos parece associar seu nome ao endereço de IP da minha máquina. Como uso o Tor como navegador, a cada vez que acesso a internet meu IP aparece como sendo o de um país diferente: num dia é como se estivesse acessando da Itália; no outro, do Iraque; no outro, da Suécia. Se estiver certa, acredito que isso influencia no nome que ele utiliza para seu avatar — se estou na Itália, seu nome é o de um antigo deus italiano; se estou no Iraque, o de um deus sumério; na Suécia, o de um deus nórdico...

Quanto ao fato de ele se expressar toda hora em línguas diferentes, é provável que isso também se relacione ao meu endereço IP e ao país de

origem do deus da vez. Assim como alguns adwares são capazes de se adequar à região de onde a pessoa acessa a internet, esse meu amigo consegue associar tudo o que ele digita para mim ao meu IP, em uma espécie de tradução alimentada por geotags (supondo grandão aqui). Ou pode ser que ele só use o Google Tradutor. Um "hacker poliglota". Realmente interessante esse meu amigo.

TER. 13 NOV 02:05

\*

Hoje aconteceu algo que me deixou neurada. Fui à cozinha fazer um pouco de café. Tudo parecia ok, quando senti como se estivesse pisando em pedrinhas. Qual foi meu espanto ao ver que havia areia espalhada no chão — um monte de grãozinhos entre o fogão e a bancada da pia. Na hora pensei que fosse açúcar mascavo. Peguei um pouco e levei à boca. Não era açúcar. Era fina e amarelada como areia de praia. Só tem um porém: deve fazer pelo menos uns cinco anos que eu não vou à praia.

Deixei a água do café esquentando enquanto varria o chão, jogando toda aquela areia no lixo. De posse de uma caneca fumegante, fiquei algumas horas no computador. Foi quando me dei conta de que a areia que varri era muito semelhante à das praias de Vlein, um dos mundos do jogo. A tonalidade era a mesma, a textura, o brilho.

Mais tarde, por volta das dez, voltei à cozinha para jogar o resto da janta fora. Foi com surpresa que constatei, ao retirar a tampa da lixeira, que não havia nenhuma areia lá dentro. Apenas o fundo escuro e vazio do saco de lixo. Fiquei um bom tempo parada ali, só encarando o lixo vazio. Tinha certeza de ter jogado aquela areia fora! O pior é que não me lembro se foi hoje que eu fiz isso ou ontem. Provavelmente não era nem mesmo areia. Devia ser só poeirinha de cupim, e eu estou aqui surtando.

Pelo menos eu tenho uma consulta marcada mais tarde com meu terapeuta. Mas será que se eu falar sobre isso ele vai me achar doida? SEX.16 NOV 02:21

\*

Esqueci de deixar o celular no modo avião hoje. Estava descendo as colinas de Argon quando escutei ele tocando. Foi sem surpresa que vi que era o Murilo. Poderia muito bem ter desligado, mas o cara tinha sido sempre bacana comigo. Se fizesse isso, acabaria justificando todas as vezes que ele me chamou de "fria".

"Deise," ele disse, assim que atendi. "Está bem?"

Era verdade. Estava tão empenhada na minha missão que havia até esquecido do trabalho.

<sup>&</sup>quot;Sim. O que foi agora?"

<sup>&</sup>quot;Faz dois dias que estou tentando te ligar..."

<sup>&</sup>quot;Ando ocupada," respondi.

<sup>&</sup>quot;Ocupada... Qual é o jogo agora?"

<sup>&</sup>quot;O mesmo."

<sup>&</sup>quot;Scape-alguma coisa?"

<sup>&</sup>quot;Esse."

<sup>&</sup>quot;Cacete, Deise. Podia ao menos mudar de jogo."

<sup>&</sup>quot;Jogo? Não sei mais se é apenas um jogo."

<sup>&</sup>quot;Não sabe mais... Do que você está falando?"

<sup>&</sup>quot;De nada, cara. Você não entenderia."

<sup>&</sup>quot;Não. Com certeza não. Como muitas outras coisas sobre você. Nunca vi uma pessoa tão fechada, tão fria e—"

<sup>&</sup>quot;Está há dois dias tentando me ligar pra isso, Murilo? Pra bater boca comigo?"

<sup>&</sup>quot;Eu… Não, claro que não… Desculpe. É que me ligaram do seu serviço. Falaram que você já está há três dias sem ir lá."

\*

Hoje visitei Cocana, um dos mundos que havia começado a explorar no início da semana. Existe um lago nesse mundo, um lago que se conecta a uma cidade aquática, uma espécie de Atlântida. É uma área com grande concentração de pegadas digitais e que serviu uma época como salão para eventos organizados por alguns grupos de discussão.

Porém, ao chegar lá, não encontrei a Atlântida ressuscitada; encontrei, sim, uma espécie de gruta. Sua entrada era iluminada pelo sol, apesar de não haver nenhum sol ali; plantas brotavam por entre as frestas das rochas, e pude escutar os guinchos insistentes de morcegos. Logo abaixo de mim um pasto verde se abria, vacas e bezerros caminhando preguiçosos de um lado para o outro, mugindo e arrancando tufos de grama com seus beiços moles. Uma linha de trem cortava o monte depois do pasto e, após ela, uma rodovia carente de carros. Por alguma razão, aquele cenário me pareceu familiar.

<sup>&</sup>quot;Eu... sim, tenho andado doente. Nada sério."

<sup>&</sup>quot;Bom, fiquei preocupado. Nosso lance acabou, mas..."

<sup>&</sup>quot;Eu sei."

<sup>&</sup>quot;Estava pensando em passar aí. Só pra ver se você precisa de alguma coisa."

<sup>&</sup>quot;Hã? Não, cara. Está tudo bem."

<sup>&</sup>quot;Tem certeza? Eu aproveito pra lhe entregar a minha cópia da chave."

<sup>&</sup>quot;Não, Murilo. Não precisa."

<sup>&</sup>quot;Mas e a chave?"

<sup>&</sup>quot;Pode deixar com o porteiro."

<sup>&</sup>quot;É que... eu queria te ver."

<sup>&</sup>quot;Murilo, escuta. Estou ocupada agora. Deixe a chave com o porteiro."

<sup>&</sup>quot;Está certo. Te ligo mais tarde. Só pra checar se está tudo bem." DOM. 18 NOV 03:17

Assim que me voltei para explorar a gruta, pude sentir um cheiro de guano e ar parado (não estranhei porque esse tipo de sinestesia era algo que já tinha sentido mesmo com outros MMO). O que realmente me assustou foi encontrar o menino dos curativos ali dentro. O nome que brilhava acima de sua cabeça era Legbá (um orixá mensageiro, como mais tarde descobri). Assim que me aproximei dele, sua figura aos poucos começou a desaparecer, sumindo no ar como uma teia em que alguém passa os dedos. Atrás dele, havia um nome e uma data escritos na parede da gruta. A data era o ano de 2002 e o nome era o meu.

Observando com atenção, vi que estava na Faustina, uma das grutas da minha cidade natal, e aquilo na parede era um escrito que eu mesma tinha feito, aos onze anos. Como diabos aquilo foi parar ali?

Do nada, a gruta murchou como um balão; impotente, vi um de meus locais favoritos de infância se desfazer ao meu redor. Sob os escombros da Faustina, a velha Atlântida ressurgia.

Desliguei o computador na hora. Minhas mãos tremiam e eu não conseguia parar de chorar. Estou confusa até agora, minha cabeça um festival de perguntas. A areia de outro dia na cozinha, aquela areia sintética, pixelizada. Que diabos foi aquilo? Será que ando enxergando coisas?

\*

Ok, pode parecer loucura, mas estou achando que existe mesmo alguma coisa, digamos, sobrenatural nesse jogo.

Hoje depois do almoço aproveitei para fazer uma pequena investigação entre os usuários do GateChan. Existem posts de outros jogadores que relataram ter passado, também, por experiências estranhas com Scape-Topia. Por exemplo: um deles disse ter tido a sensação de que sua pró-

pria casa era um dos mundos; outro já disse ter visto a falecida mãe caminhando perdida no labirinto de esmeraldas em Gotan, enquanto um outro disse que o próprio corpo estava assumindo a forma do seu avatar no jogo.

Mas, de todos posts, o que realmente me neurou foi o de um tal dArK\_mElVa. O cara alegou ter encontrado uma espécie de espírito dentro do jogo, mais especificamente um deus. O estranho é que as características do avatar desse suposto deus são muito parecidas com as do menininho da cabeça enfaixada. Além disso, pelo que dArK\_mElVa descreveu, os dois são capazes de burlar toda a lógica do jogo.

Em seus posts, dArK\_mElVa disse que todas as vezes em que se encontrou com esse "deus" (ele o chama sempre assim) ele fazia algo extraordinário. Num post de 15 de setembro de 2010 ele relatou seu encontro com o "deus" na Ciméria, um mundo horrendo, lugar sempre envolto num nevoeiro que nunca se desfaz. Esse foi seu último post no fórum.

Procurei entrar em contato com dArK\_mElVa para esclarecer esse assunto. Encontrei no seu perfil no GateChan um link para a conta dele no Facebook. Reativei o meu, mas foi o mesmo que nada; o perfil dele no face está marcado como "em memória de", o que significa que o cara está morto. Descendo pela sua timeline, descobri que Juan Hernandez Vista (vulgo dArK\_mElVa) se suicidou perto do natal daquele ano de 2010. Sua última mensagem era um desenho que ele mesmo havia feito, um desenho realmente esquisito: vista de lado, uma mulher de olhos fechados e lábios semiabertos pairava no ar, um círculo preto desenhado na sua bochecha. Ela parecia estar ajoelhada, os dedos longos pendendo no vazio. Não tenho certeza, mas o desenho é parecido com algo dos astecas ou dos maias. Acima da imagem, dArK\_mElVa escreveu em espanhol "Ciméria nunca mais".

Que porcaria de desenho era aquele? SÁB. 24 NOV 14:18

\*

nãovainãoprecisavocênãoiráchegarnãonãonaovaivaivocêpoucoSABEpou coentendeterraterraearosoleocheironaescadainfinitaelasdescemarolarro lamatéaplateianemsuamãenemseupaiescaparamelesjáestãoaquielesjáestãoaquisuafamílavemvocêvemMORTEmorteéasementedeondeeucresçoit zamaespíritodonevoeiroixchelateiadaaranhaquerecolheoorvalhodamanhãkockupocketaquelequetrabalhanofogoixtadoomaquelaquecospepedras preciosasixchunchanaperigosaIXTABdeusadascordasedoslaçosamortem eubemprecisadetempoparaqueaquiloquevaimatarcresça

\*

Acordei em meio a pesadelos. Passei o resto da noite a pensar sobre as coisas que dArK\_mElVa havia escrito. E se eu também tiver encontrado com um deus? E se aquele menino for um superusuário, uma espécie de entidade dentro do jogo? Todas as coisas que ele fez — caminhar sobre as águas do rio Tocandir, aparecer flutuando ao lado do Portão dos Mundos, atravessar paredes, fazer montanhas desmoronarem... São coisas absurdas! Nem mesmo se ele tivesse privilégio de acesso ao código—fonte; isso demandaria tantas alterações que seria mais fácil criar logo um jogo novo a partir do zero.

Mas e se ele for mesmo um deus? Loucura ou não, já li artigos sobre situações parecidas no Japão, sobre como algumas pessoas de lá, imersas em xintoísmo e agorafobia, andam povoando celulares e robôs com espíritos. Se isso pode acontecer com esses dispositivos, por que não com um jogo?

DOM. 25 NOV 05:34

Às vezes tenho medo de que alguém encontre estes escritos e acabe me julgando louca. Mas, se fosse o caso, seria só eu? E quanto àquelas pessoas no GateChan, todos aqueles relatos? E quanto ao suicídio de dArK\_mElVa?

Não, não estou louca. Na verdade estou lúcida, lúcida como nunca estive, e compreendo tudo muitíssimo bem. Espero até mesmo que encontrem tudo, que leiam tudo. Que saibam logo que é o mundo lá fora que é irreal. Passar por aquela porta é adentrar o reino da mentira. Aqui, no meu apartamento, é que está a verdadeira realidade, realidade que eu mesma estou forjando com a ajuda do pequeno deus.

Sim. Agora tenho certeza. Ele é mesmo um deus. Um deus ou algum tipo de espírito. Cheguei a essa conclusão hoje, durante uma visita que fiz às piscinas de Waldorf. Algo me dizia que ele estaria lá, me esperando. Não me enganei. Ele estava sentado debaixo de um guarda-sol, o vento agitando suavemente suas faixas ensanguentadas; havia um halo ao redor da sua cabeça, dando-lhe o aspecto de um pequeno Cristo bizantino. Ele ergueu um dedo e apontou em minha direção; pude sentir o toque através do monitor como se fosse em minha própria pele, as luzes da sala diminuindo. Finalmente compreendo o que aquele garoto do GateChan quis dizer. É como se meu apartamento estivesse dentro do jogo. Não, não o apartamento. O jogo, é o jogo que está dentro do apartamento, penetrando nele como um bando de formigas. A areia na cozinha, os cheiros pela casa, tudo isso são indicativos de que o meu mundo e o de ScapeTopia estão se mesclando para se tornar uma única coisa, numa verdadeira comunhão entre duas realidades aparentemente distintas. E a missão dele, do pequeno deus, é me apontar esse elo entre nossos mundos. Ele é o mensageiro, deus-mensageiro, e o jogo, o computador, o veículo, o barco para transposição. Poderia chamá-lo de Caronte se isso não desse a ele uma conotação tão soturna. Mas isso não importa agora. O recado foi dado: nossos mundos têm de se unir. A pergunta é: como?

TER. 04 DEZ 04:10

\*

Sangue. Dos antigos gregos ao corban da Torá, o tributo sempre foi esse. Apenas isso pode satisfazer a um deus: sangue, o tributo, o óbolo do barqueiro. Tentei selar meu contrato com o pequeno deus anteontem, derramando um pouco do meu próprio sangue em cima do teclado. Achei que isso iria agradá—lo, mas me enganei. Estava em Gotan. Assim que o encontrei, abri um talho em minha mão esquerda com um estilete, passando em seguida sobre as teclas. Ele não apenas ignorou minha oferta, como pareceu se ofender com aquilo. O pequeno deus mesclou—se à parede de esmeraldas, desaparecendo. Pude sentir como uma enorme sombra passando atrás de mim.

Faz dois dias que não o vejo e me pergunto o que tenho de fazer para contornar essa situação. É meia–noite agora e um cheiro forte vem da cozinha, um cheiro de coisa estragada.

QUI. 06 DEZ 00:04

\*

Aportaentrarabrirunirosmundosseanulamse=ATRAVANCAM</div><div style=3D"margin-bottom: ocm" id=3D"yui\_3\_16\_o\_ym19\_1\_1= 501247996502\_2905">SolaDEUSAdosolir=C3=A1seuniramim</div><div style=3D"marg=in-bottom: ocm" id=3D"yui\_3\_16\_o\_ym19\_1\_1501247996502\_2906">Guiaa=C3=BAltim=amensageirasenhoradosla=C3=A7osdosENGASGOSda=C3=Arvoredom undoa=C3=BAnica</=div><div style=3D"margin-bottom: ocm" id=3D"yui\_3\_16\_o\_ym19\_1\_1501247996502=\_2907">Esperandoporeleeleir=C3=A1pagarir=C3=A1pagarossofrimentosaCHAVE</div=

```
><div style=3D"margin-bottom: ocm"
id=3D"yui_3_16_o_ym19_1_1501247996502_29=08">Trancassedesfazemar
ealidadesedesfazdesaflora</div><div id=3D"yui_3_16_o=
_ym19_1_1501247996502_2747"></div><div style=3D"margin-bottom:
ocm" dir=3D"ltr" id=3D"yui_3_16_o_ym19_1=
_1501247996502_2909">OSSOSpossoouvirosomdeOSSOS</div><di
class=3D"signatur=
e"></div></div></body></html>
SEX. 07 DEZ 03:28
```

\*

Forçando a visão, encarei Ciméria. Um nevoeiro de chumbo a se cortar na faca, o vento insensível varrendo meu esqueleto. Perto da praia, uma cabana, o metal enferrujado pela maresia, iluminada por um sol verde que morria no céu, acompanhado por um tilintar de chaves.

Não conseguia mais sentir o mouse ou o teclado; apenas meus dedos, penetrando o monitor, tocando o chão de pixels suavizados. Por entre as nuvens, tucanos passaram num bando, chilreando por entre os bicos. Dois, onze, trinta, duzentos. Seguiam todos na mesma direção, para além do oceano gélido, enfrentando bravios o vento.

Abri a porta da cabana. Dezenas de macas enfileiradas no rumo das paredes. Elas estavam vazias e um hálito seco de doente envenenava o ar. No fundo, perto dum armário de vidro carregado de remédios, estava o deus-menino. Ele estava sozinho e parecia assustado por alguma razão. Aproximei-me, e o seu rosto tomou a proporção do monitor. Pude ver seus lábios, frios e azuis, moverem-se vagarosos, sua voz entrando em meus ouvidos como um jato de água morna; era uma voz de mulher e disse coisas numa língua desconhecida, frases desconexas que reverberaram pelas paredes de metal da cabana.

Passos. Alguém se aproximou, alguém de cheiro conhecido. O perfume. Era o perfume dele, daquele xampu que ele sempre usava.

O menino, disforme, estava colado ao monitor, forçando suas bochechas sujas contra ele. O monitor adquiriu um aspecto gelatinoso, moldando—se ao formato do seu nariz, da sua testa, da sua boca. Algo caiu entre a cabana e o apartamento. O pequeno deus se debatia contra a textura mole do monitor, sua cabeça pendendo no ar, logo acompanhada pelos ombros e braços, até que ele caiu para fora, envolto em uma placenta de cristal, disforme como um aborto desenhado por Francis Bacon. Os discos da sua coluna moviam—se, bolhas de ar numa super-fície gelatinosa.

Por um breve momento eu o vi. Ele ainda usava barba e me encarava, pasmo, sacolas em cada mão. Tentei gritar para ele, dizer que fosse embora enquanto era tempo, mas era como se meus lábios estivessem colados na tessitura do tempo.

A figura à minha frente começou a se erguer, livrando—se pouco a pouco da gosma translúcida que a envolvia, enquanto um cordão descia do teto. De pé por inteiro, devia ter dois, três metros. Uma mulher, olhos fechados, círculos pretos no rosto, seu corpo exalando um cheiro horrendo de carne apodrecida. O cordão do teto enrolou—se ao seu pescoço e ela flutuou em frente ao monitor, que se escancarava como a boca de um monstro.

Ouvi um som como algo estalando, osso, plástico, acompanhado por um engasgo. Raízes grossas brotavam da cozinha, arrastando–se até uma árvore escura que se abriu na sala, galhos e ramos conectando–se à tomada e às paredes. Murilo estava ali, um cipó prendendo–o pelo pescoço à árvore. Seus pés ainda se debatiam, duas sacolas com compras jogadas aos seus pés. Gritei.

O nevoeiro tomou conta do apartamento, unindo–se ao cheiro de carniça que a enorme figura exalava. Seus lábios se crisparam, ofertando dentes que eram madeira e musgo. Acima de sua cabeça, em letras douradas, pairava um nome: Ixtab.

SÁB. 08 DEZ 03:10

\*

Não há nada depois da porta.

A Grande Árvore já está tomando conta de quase todo o apartamento. Suas raízes, duras, arrastam–se até o banheiro, de onde, através do espelho, posso ver a enorme figura parada além do corredor. Ela espera pacientemente por mim.

Ixtab. A deusa maia dos enforcados.

Apesar dos olhos fechados, sei que consegue me enxergar melhor do que qualquer um. Ela pode ler meus pensamentos, eu sei; calcular com antecedência todos os planos que passam em minha cabeça.

Depois da sala e dos destroços do computador, as montanhas de Klär-City. O menino dos curativos me espera sentado na escadaria do anfiteatro. Apesar de longe, consigo enxergá—lo como se estivesse ao meu lado, seu rosto uma máscara de gesso.

O sol penetra na sala, inundando a Grande Árvore com um brilho lustroso. É o meu sol ou o de ScapeTopia? Talvez não seja essa a pergunta adequada. Talvez o sol nem mais exista para mim, como não existe mais para Murilo. Pobre Murilo...

É como se eu estivesse numa sala de espera interrompida por uma bomba, a cratera à minha frente indicando que o caminho estava livre. Passo por cima dos botões do teclado, digitando essas últimas palavras no celular. O monitor, largo como a entrada de um templo, brilha à minha frente como as esmeraldas de Gotan. Ixtab aguarda. Atrás de mim, o nada. Nem Murilo, nem o apartamento.

SÁB. 08 DEZ 05:02

\* \* \*

MICHEL PERES é professor, leitor e escritor. Natural de Matozinhos (MG), escreveu poesias que nunca passaram pelo crivo da gaveta e vive a desenvolver a sua mitologia pessoal (divertindo–se bastante com isso). Escreveu para o site Obvious e já teve contos publicados no site Leitor Cabuloso e na revista Trasgo.

Twitter: <u>@MichelMPeres</u>
Facebook: <u>/michel.murta.peres</u>



Este e-book foi composto com as fontes Augustus, Rosarivo e Alegreya Sans para o site <u>mitografias.com.br</u> em 2017.